



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
MESTRADO EM EDUCAÇÃO



FELIPE BUENO DO NASCIMENTO

O SEXISMO NO ENSINO SUPERIOR DO MARANHÃO

São Luís - MA
2017

FELIPE BUENO DO NASCIMENTO

O SEXISMO NO ENSINO SUPERIOR DO MARANHÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Maranhão como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação.

Orientadora: Profa. Dra. Diomar das Graças Motta.

São Luís - MA
2017

Ficha gerada por meio do SIGAA/Biblioteca com dados fornecidos pelo(a) autor(a).
Diretoria Integrada de Bibliotecas/UFMA

Nascimento, Felipe Bueno do.

O SEXISMO NO ENSINO SUPERIOR DO MARANHÃO / Felipe Bueno do Nascimento. - 2017.

160 f.

Orientador(a): Diomar das Graças Motta.

Dissertação (Mestrado) - Curso de Educação Física -, Universidade Federal do Maranhão, São Luís - MA, 2017.

1. Ensino Superior. 2. Relações de Gênero. 3. Sexismo. I. Motta, Diomar das Graças. II. Título.

FELIPE BUENO DO NASCIMENTO

O SEXISMO NO ENSINO SUPERIOR DO MARANHÃO

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação/Mestrado em Educação, da Universidade Federal do Maranhão como exigência para obtenção do título de Mestre em Educação.

Aprovada em: ___/___/___

BANCA EXAMINADORA

Profa. Dra. Diomar das Graças Motta (Orientadora)
Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Mariza Borges Wall Barbosa de Carvalho
Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Maria Mary Ferreira
Doutora em Sociologia
Universidade Federal do Maranhão

Profa. Dra. Sirlene Mota Pinheiro da Silva (Suplente)
Doutora em Educação
Universidade Federal do Maranhão

DEDICATÓRIA

Para todas as mulheres e homens que buscam uma vida de paz e harmonia.

AGRADECIMENTOS

Agradecer é reconhecer, é ter a oportunidade de encher as mãos de flores e oferecê-las para quem foi suporte, apoio e incentivo. É chegar ao fim da estrada e lembrar que o caminho não foi percorrido de maneira solitária. É refletir sobre todo amor que nos foi ofertado para que um objetivo fosse alcançado. Portanto, no fim desta jornada eu agradeço:

À Profa. Dra. Diomar das Graças Motta, orientadora deste estudo, por todo efeito que a sua presença causa em mim. Com a senhora é possível aprender até mesmo quando está calada. Seus gestos transbordam delicadeza, cuidado, comprometimento e responsabilidade. Obrigado por ter acreditado em mim e ter sido paciente. Ser orientado pela senhora é um apreço.

Ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe) pela maneira carinhosa na qual os seus membros me receberam e pelos bons momentos de estudos e eventos que dividimos. Obrigado por terem segurado minha mão quando eu mais precisei. A força das mulheres unidas é imbatível.

Às professoras Dra. Sirlene Mota e Dra. Mariza Wall pelas importantes contribuições a esse estudo na banca de qualificação. Obrigado por terem se debruçado de maneira tão comprometida, pois isso foi muito importante para a melhora de muitos aspectos.

Ao Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) por todo acolhimento, inclusive, oportunizando salas para que eu pudesse estudar sempre que necessário. Também por ter me proporcionado a experiência de ser representante discente da minha turma de Mestrado. Essa experiência foi muito rica e me fez compreender muitos caminhos da pós-graduação que eu desconhecia.

À Profa. Dra. Iran de Maria Leitão Nunes pela parceria durante o estágio docente no curso de Pedagogia da UFMA. Obrigado pela sua generosidade em me conceder espaços de fala durante as aulas, oportunizando a vivência da docência no ensino superior.

A todos os professores do PPGE por tantos ensinamentos e pelo acolhimento profissional e carinhoso de sempre. Obrigado por compartilharem seus conhecimentos de forma tão gentil e responsável.

Às secretárias do PPGE, Jaqueline, Andréa e Keyla por estarem sempre atenciosas às demandas do estudo, auxiliando com boa vontade em tudo que lhes foi solicitado. Obrigado pela competência, profissionalismo e principalmente, pela atitude amigável com que sempre me trataram.

Aos colegas de Mestrado pela relação de afeto e cooperação que se estabeleceu entre nós. Obrigado por compartilharem comigo os naturais momentos de ansiedade, mas também muitos momentos de alegria e desenvolvimento de conhecimentos ao desfrutarmos juntos dos eventos científicos e das viagens advindos deles.

Ao Júlio, responsável pela *xerox*, localizada no prédio do Mestrado em Educação. Obrigado por ter sido sempre tão atencioso, realizando todas as cópias do instrumento de pesquisa, sempre dentro do prazo e com extremo cuidado para que as três laudas de cada um dos 476 questionários ficassem na ordem correta.

Aos 220 homens e 256 mulheres estudantes da UFMA que participaram do estudo. Obrigado pela seriedade com que trataram o tema e pela forma respeitosa com que me receberam nas suas salas de aulas. Obrigado, também, aos coordenadores e coordenadoras dos 28 cursos participantes deste estudo.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo apoio financeiro durante o Mestrado. Ser bolsista oportunizou a paz necessária para que eu pudesse estudar e trabalhar melhor.

À minha mãe, por ser minha maior incentivadora e ter me ensinado o valor dos estudos desde criança. Obrigado pelas longas horas de conversas, por ter abdicado de tanto para que eu tivesse uma chance e por ter me mostrado que um novo mundo era possível. Tu foste um presente da vida para me ensinar a ser forte. Essa conquista é tua.

Aos meus irmãos, Bruno e Paola, por serem a razão primeira das minhas lutas e acima de tudo, por serem meus amigos. Obrigado por compreenderem a minha distância e por confiarem em mim.

À Karine, por ser minha parceira a vida toda, e mesmo sendo minha irmã mais nova, ser o meu exemplo. Tudo que compartilhamos fez com que eu me tornasse um ser humano melhor. Obrigado por estar comigo em cada etapa deste trabalho e de todos os outros.

À Nelcyleide, pelo amor imenso que existe entre nós e por toda segurança que o teu abraço me proporciona. Obrigado pela paciência nas minhas ausências e pela tranquilidade ao lidar com meus momentos de desespero. Acima de tudo, obrigado por colorir a minha existência.

À Adriana, pela amizade que se expressa em generosidade e carinho. Obrigado por estar comigo no começo e por ainda estar lá no fim. Sem a tua presença nada disso seria possível.

Enfim, a todos aqueles que contribuíram direta ou indiretamente para a realização deste trabalho, muito obrigado.

*Querer ser livre é também querer livres os outros.
(Simone de Beauvoir 1908 -1986)*

RESUMO

Este estudo se insere nas relações de gênero, pois falar de gênero é falar das relações entre homens e mulheres, dos papéis sociais que lhes são reservados, ensinados e cobrados por toda a vida, desta maneira objetivou-se investigar o sexismo no ensino superior. A categoria gênero é a construção social do que é feminino ou masculino, já o sexismo é a discriminação baseada no sexo de cada pessoa. As mulheres são apresentadas como as principais vítimas do sexismo, mas a intenção aqui foi de mensurar os efeitos desse fenômeno entre mulheres e homens que frequentam os mesmos bancos universitários. Desta maneira, o universo de pesquisa deste estudo compõe uma amostra de 476 sujeitos (220 homens e 256 mulheres) alunos de 28 cursos de graduação da UFMA. O instrumento de pesquisa aplicado aos alunos foi elaborado a partir da adaptação de instrumentos propostos anteriormente por outros pesquisadores. Assim, o instrumento de pesquisa deste estudo é um questionário composto por três etapas, cada uma delas sendo responsável por uma dimensão de análise: Perfil do sujeito; Percepções sexistas; e Realidade acadêmica. Após a coleta dos dados, os mesmos foram tabulados no *software* Statistical Package for the Social Sciences – SPSS. De maneira geral, presume-se que os estudantes parecem não apresentar percepções sexistas, mas a análise através das especificidades demonstrou elementos mais interessantes. Os principais resultados foram: A maioria dos estudantes demarca o lugar da mulher através de estereótipos como uso de saia, maquiagem, unhas, brincar de casinhas ou utilizar objetos na cor rosa. Homens e mulheres podem ser sexistas da mesma maneira. A **classe social** não foi justificativa para um nível mais elevado de sexismo, mas o **nível de educação**, sim. **Pessoas religiosas** demonstram maior tendência para percepções sexistas, sendo a religião católica a predominante entre estas. Tanto pessoas de **esquerda** como de **direita** se demonstraram sexistas. Apenas a minoria dos sujeitos da amostra se proclamou feminista, e o observável é que **quanto maior o nível de sexismo, maior foi a rejeição ao feminismo**. A existência de cursos considerados “para homens” e cursos considerados “para mulheres” foi comprovada, mas a maioria dos sujeitos deste estudo não concorda com tal diferenciação. Os homens tiveram sua capacidade profissional contestada em **poucos cursos**, em baixa proporção, mas quando ocorreu, foi em cursos considerados femininos. Já as mulheres tiveram sua capacidade profissional contestada em **quase todos os cursos**, em alta proporção e independentemente do curso ser considerado feminino ou masculino. Ambos os sexos indicam já terem sido alvos de suspeita sobre o potencial de suas capacidades apenas pelo fato de serem homens ou mulheres, porém, as mulheres têm sofrido bem mais com essa problemática. Mais de 82% dos sujeitos deste estudo já presenciaram trotes preconceituosos na instituição, a maioria deles envolvendo atitudes machistas e sexistas. Dentro da sala de aula, 56% dos alunos já presenciaram professores fazendo piadinhas preconceituosas e, também, neste caso, a maioria delas era de conteúdo machista ou sexista. Outro dado preocupante foi o alto índice de respostas apontando a ocorrência de piadas racistas. A denúncia a essas práticas ocorre em apenas 9% dos casos, pois na maioria das vezes a reação da turma é sorrir. A média geral dos homens e mulheres que sofreram assédio sexual na universidade correspondeu a 14% e 24% respectivamente. Os assediadores em geral são os colegas, mas para 28% das mulheres foram os próprios professores. Ao voltar pra casa, o maior medo dos homens é de serem assaltados, enquanto que o das mulheres é serem estupradas. Uma em cada três mulheres deste estudo já foi assediada no ônibus que faz o trecho universidade-centro da cidade. Os homens também denunciam abusos sexuais no ônibus, mas em número bem menor do que as mulheres. Observou-se então a presença do sexismo, tanto em nível de percepção dos próprios estudantes como em elementos do cotidiano no ambiente universitário.

Palavras-chave: Sexismo. Ensino Superior. Relações de Gênero.

ABSTRACT

This study is part of gender relations, because talking about gender is talking about the relations between men and women, about the social roles reserved for them, taught and collected throughout life, in order to investigate sexism in higher education. The gender category is the social construction of what is feminine or masculine, since sexism is discrimination based on the sex of each person. Women are presented as the main victims of sexism, but the intention here was to measure the effects of this phenomenon among women and men who attend the same university banks. In this way, the research universe of this study composes a sample of 476 subjects (220 men and 256 women) students from 28 UFMA undergraduate courses. The research instrument applied to the students was drawn from the adaptation of instruments previously proposed by other researchers. Thus, the research instrument of this study is a questionnaire composed of three stages, each of them being responsible for a dimension of analysis: Profile of the subject; Sexist perceptions; and Academic Reality. After data collection, they were tabulated in the Statistical Package for the Social Sciences - SPSS. In general, it is assumed that students do not appear to have sexist perceptions, but analysis through specificities has shown more interesting elements. The main results were: Most students mark the woman's place through stereotypes like wearing skirts, makeup, nails, playing house, or using objects in pink. Men and women can be sexist in the same way. Social class is no justification for a higher level of sexism, but the level of education is. Religious people show a greater tendency towards sexist perceptions, with the Catholic religion being the predominant among them. Both left and right have shown themselves to be sexist. Only the minority of the sample subjects proclaimed themselves feminist, and the observable is that the higher the level of sexism, the greater the rejection of feminism. The existence of courses considered "for men" and courses considered "for women" has been proven, but most of the subjects in this study do not agree with this differentiation. The men had their professional capacity contested in few courses, in low proportion, but when it happened, it was in courses considered feminine. Already women had their professional capacity challenged in almost all courses, in high proportion and regardless of whether the course is considered female or male. Both sexes indicate that they have already been targets of suspicion about the potential of their abilities simply because they are men or women, but women have suffered much more from this problem. More than 82% of the subjects in this study have already witnessed prejudicial trotters in the institution, most of them involving macho and sexist attitudes. Within the classroom, 56% of the students already witnessed teachers making biased jokes, and also, in this case, most of them were sexist or sexist content. Another worrying fact was the high rate of responses pointing to the occurrence of racist jokes. Complaining to these practices occurs in only 9% of cases, because most of the time the reaction of the class is to smile. The overall average of men and women who suffered sexual harassment at university was 14% and 24%, respectively. The stalkers in general are the colleagues, but for 28% of the women were the teachers themselves. When they return home, men's greatest fear is that they are robbed, while women are being raped. One in three women in this study has been harassed on the bus that makes the university-center stretch of the city. Men also report sexual abuse on the bus, but far fewer than women. It was then observed the presence of sexism, both in the level of perception of the students themselves and in everyday elements in the university environment.

Keywords: Sexism. Higher education. Gender Relationships.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Quadro 1: Conceitos importantes para o estudo das relações de gênero.....	24
Quadro 2: Crenças populares sobre o sexo do bebê.....	30
Figura 1: Perfil dos participantes do estudo.	73

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Quantitativo de cursos de graduação da UFMA por campi.....	68
Tabela 2: Matrículas de homens e mulheres nos cursos de graduação da UFMA:	69
Tabela 3: Quantitativo geral de discentes regulares por sexo e curso na UFMA.....	70
Tabela 4: Predominância masculina e feminina dos sujeitos do estudo.....	72
Tabela 5: Percentual geral dos itens marcados na etapa 2 do instrumento de pesquisa:	74
Tabela 6: Percentuais mais elevados na etapa 2 do instrumento de pesquisa.	76
Tabela 7: Características dos sujeitos e o percentual de respostas em cada corte de análise...	84
Tabela 8: Sucesso profissional: Chances de acordo com o sexo.	102
Tabela 9: Sucesso profissional: Os 5 cursos onde cada sexo tem mais chances.	103
Tabela 10: Curso considerado como "coisa de homem" ou "coisa de mulher".....	106
Tabela 11: Os 5 cursos mais indicados para cada sexo.	107
Tabela 12: Capacidade profissional colocada em dúvida por ser homem ou mulher.	110
Tabela 13: Os cinco cursos onde homens e mulheres mais se sentiram discriminados por causa de seu sexo.....	111
Tabela 14: Constrangimento em sala de aula em decorrência do sexo.	113
Tabela 15: Os 5 cursos onde homens e mulheres mais se sentiram constrangidos em decorrência do seu sexo.....	114
Tabela 16: Incidência de piadas preconceituosas de acordo com o curso.	123
Tabela 17:Tipos de piadas preconceituosas de acordo com o curso.	125
Tabela 18: Reação dos colegas diante das piadinhas preconceituosas dos professores.	128
Tabela 19: Percentual de homens e mulheres assediados na universidade.	132

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Média geral obtida em cada curso da amostra.	81
Gráfico 2: Percentual por curso de acordo com os sujeitos que obtiveram total 0 na etapa 2.	82
Gráfico 3: Categoria "sexo" dos participantes e o sexismo.	86
Gráfico 4: Religiosidade e sexismo.	89
Gráfico 5: Religião e sexismo.	90
Gráfico 6: Posicionamento político	92
Gráfico 7: Percentual daqueles que se consideram machistas.	94
Gráfico 8: Percentual daqueles que se consideram feministas.	95
Gráfico 9: Opinião sobre o movimento feminista.	96
Gráfico 10: Capacidade profissional colocada em dúvida por ser homem ou mulher.	109
Gráfico 11: Autores do assédio contra os homens:	135
Gráfico 12: Autores do assédio contra as mulheres.	135
Gráfico 13: Assédio no transporte coletivo.	137
Gráfico 14: Tipo de medo ao voltar sozinho (a) para casa.	139

SUMÁRIO

1. Introdução.....	15
2. Sexismo: O que é isso?.....	18
2.1 Distinção: Biologia x Cultura.....	25
2.2 Relações de poder: O “x” da questão.	34
2.3 Preconceito e Discriminação: Mecanismos de controle.	41
2.4 Feminismo: Movimento de resistência.....	46
2.5 Sexismo e instituições educacionais: faca de dois gumes.	52
3. Caminho metodológico	56
3.1 Etapas de desenvolvimento da pesquisa.	56
3.1.1 Definição da amostra.....	57
3.1.2 Elaboração do instrumento de pesquisa.	58
3.1.3 Elaboração dos documentos de autorização para pesquisa.	62
3.1.4 Contato com a instituição do estudo.	63
3.1.5 Contato com os coordenadores de curso.	63
3.1.6 Coleta dos dados.....	64
3.1.7 Tabulação e análise dos dados.	65
3.2 Justificativa pela abordagem quantitativa.....	66
4. A realidade encontrada: Resultados e Discussões.....	68
4.1 Contextualização: UFMA.....	68
4.2 Caracterização: Participantes do estudo.	71
4.3 Contextualização: Perfil dos participantes do estudo.	73
4.4 “Isso é coisa de homem e aquilo é coisa de mulher”.....	74
4.4.1 Sexo: Quem é mais sexista: homens ou mulheres?.....	85
4.4.2 Classe social: Ser mais pobre é ser mais sexista?	86
4.4.3 Religião: Pessoas religiosas são mais sexistas?	88
4.4.4 Posição política: Ser de direita é ser mais sexista?	91
4.4.5 Machismo e Feminismo: Os sexistas desprezam o feminismo?	93
4.5 Universitários e a realidade sexista	99
4.6 Violência no campus	115
5. Deliberações Finais	141
Referências	143

1. Introdução

O mundo em que vivemos não é justo. Ele é injusto. Nesse caso, até mesmo as injustiças são injustas. Entenda-se por injustiça todo ato que coloque um ser humano em um patamar inferior a outro ser humano, por algo que lhe é inerente e de fato não lhe caberia (em um mundo justo) qualquer culpabilidade. A injustiça das injustiças reside na violação dos direitos de uma pessoa justamente por ela ser quem é e na sua condenação a uma situação de inferioridade social por tal.

Aqui não estamos mencionando o conceito aristotélico de justiça, mas caminhamos na contramão dessa premissa. Aristóteles (384 a. C. – 322 a. C.), o filósofo grego, acreditava que cada homem e cada mulher nascia com um papel justo a desempenhar em prol da harmonia da cidade, não importando se estes se agradariam desses papéis, ainda assim teriam que desempenhá-los. Inclusive o papel de escravo.

Essa ausência de poder de decisão sobre a própria vida não parece muito justa nos dias atuais. Todavia, na prática, a vida das pessoas ainda é condicionada por fatores externos a si que as qualificam e classificam de acordo com variáveis que não deveriam importar ou pesar para situar alguém na teia social (novamente, no caso de um mundo justo).

Ser negro, deficiente físico, homossexual, transexual, gordo ou mulher ainda é ser visto como um cidadão de segunda classe. E exatamente por essas características é que as pessoas serão rotuladas como boas ou ruins, inferiores ou superiores, melhores ou piores, dignas de direitos ou não. No caso desse grupo supracitado, a opressão se dará de infinitas formas diferentes e em variados graus por toda a sua vida. É a subtração do direito humano à igualdade, em decorrência de uma opressão milenar. Afinal, não é de hoje que determinados grupos lutam por poder e para isso buscam diminuir os demais para que aceitem a dominação como algo natural. Em outras palavras, faz com que os próprios oprimidos aceitem as condições de inferioridade por julgarem ser esse o seu lugar. Como dizíamos anteriormente, a injustiça das injustiças: o ser humano que não é visto como *tão humano* quanto o outro por causa de características que lhe inculcaram historicamente como sendo piores e negativas.

Viver em sociedade é compartilhar a vida, é estar presente no mesmo tempo e espaço que pessoas diferentes entre si e que devem ser respeitadas de forma igual, pois ser diferente faz parte da natureza e da diversidade humana. Isso não significa em hipótese alguma ser inferior ou superior a algo ou alguém.

A Revolução Francesa (1789 – 1799) teve como lema “Liberdade, Igualdade, Fraternidade”. A Declaração Universal dos Direitos Humanos traz no seu primeiro artigo

“Todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade.” A Constituição do Brasil de 1988 no seu artigo 5º diz: “Todos são iguais perante a lei”. Ainda nesta Constituição, no inciso I do artigo 5º está determinado que: homens e mulheres são iguais em direitos e obrigações.

Ocorre que esses ideais proclamados nos documentos oficiais ainda não estão encontrando espaço na sociedade brasileira devido ao modo desigual como os indivíduos e instituições se entrelaçam. O Brasil vive uma realidade de preconceitos expressos nas suas mais variadas formas através do racismo, sexismo, machismo, xenofobia, homofobia, elitismo, gordofobia e outros. Isso se converte em uma situação de desigualdade social atingindo de forma direta e negativa os considerados inferiores.

Este estudo se insere nas relações de gênero, pois falar de gênero é falar das relações entre homens e mulheres, dos papéis sociais que lhes são reservados, ensinados e cobrados por toda a vida. Especificamente, da consequente desigualdade de gênero onde as mulheres são as principais vítimas, já que historicamente são as mulheres quem precisam se submeter aos preceitos dessa sociedade patriarcal e sexista, onde o papel designado ao homem é o centro de controle social e o papel reservado à mulher é o privado, o doméstico e de submissão ao mundo masculino.

Levando em consideração que cada pesquisa é “mais um grão de areia em uma imensa praia”, que equivale ao conhecimento e nos detendo aos limites, tanto do pessoal como do tempo, há a necessidade do recorte e da delimitação da análise, que aqui nos propomos. Dessa maneira, atendendo aos propósitos do grupo de pesquisa, nos quais estamos inseridas, o Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero (GEMGe) da Universidade Federal do Maranhão (UFMA), o presente estudo trata das mulheres, mas também dos homens. Isto é, da relação entre estes. Da relação desigual que se estabelece entre os sexos através do Sexismo. Especificamente, o sexismo e suas implicações para os estudantes da educação superior da UFMA.

Nossa justificativa por esse tema é simples: é do conhecimento geral que o sexismo provoca um desequilíbrio de poder entre os sexos. As mulheres são apresentadas como as principais vítimas do sexismo, mas como mensurar os efeitos desse fenômeno entre mulheres e homens que frequentam os mesmos bancos universitários? A busca por respostas precisa fugir das fornecidas pelo senso comum ou pelas suposições para se debruçar sobre dados concretos e reais. Longe dos ideais positivistas de generalização, mas o mais próximo possível

de uma realidade palpável de dados para apreciação, reflexão, entendimento e posterior intervenção.

Mesmo o século XXI, com muitas vitórias já conquistadas para o grande número de mulheres no país, a sustentação da diferença de gênero ainda é muito visível no comportamento das pessoas (CARVALHO e LEITE, 2014). A verdade é que ainda vivemos em uma sociedade permeada pela desigualdade entre os sexos, onde a mulher é vista como inferior ao homem e, portanto, é obrigada a lidar com um cotidiano sexista e machista desde a infância. Acerca da cultura sexista, foi advertido:

A mesma cultura que se impõe sobre as mulheres, vulnerabilizando-as, é também aquela que subjuga os homens que fogem à regra do estereótipo viril, forte, agressivo, impositivo de masculinidade. Os modos pelos quais os meninos e homens são educados naturalizam a agressividade, a impulsividade e a competitividade, ao passo que às meninas e mulheres reserva-se uma educação para a aceitação, submissão e passividade. (CASTRO, 2015, p.13)

Ou seja, o sexismo afeta ambos os sexos. Mas em que medida? Em se tratando de universitários, em que estes têm suas vidas na universidade implicadas por concepções sexistas? Mulheres ou homens; quais sofrem mais com as consequências dos ideais sexistas? Enfim, como o sexismo está presente e como vem afetando a vida dos futuros profissionais formados pela UFMA? Essas são algumas questões que este estudo objetiva elucidar. Desta maneira, o universo de pesquisa deste estudo compõe uma amostra de 476 sujeitos (220 homens e 256 mulheres), alunos de 28 cursos de graduação da UFMA.

Este estudo está organizado em cinco capítulos. A opção por essa estrutura se deu a partir da necessidade em apresentar a teoria e a empiria da forma mais coerente possível, a fim de que seja importante para o futuro leitor apreender as informações aqui contidas. Dessa forma, os primeiros capítulos tratarão sobre os aspectos teóricos (fundamentação teórica + objetivos + os caminhos metodológicos). Os últimos capítulos apresentarão a explanação dos resultados e as conclusões da pesquisa, entendidas como deliberações finais.

2. SEXISMO: O QUE É ISSO?

A primeira atitude a ser tomada diante da apresentação do elemento que servirá de base para todo o estudo é conceituá-lo da melhor maneira possível. Trata-se de uma demanda de compreensão do objeto, de identificá-lo na forma como é delimitado e da forma como é percebido. É preciso diferenciar o que é um conceito e o que é uma noção acerca do sexismo, pois são estruturas diferentes.

O conceito parte do esforço teórico em definir algo. A noção é a ideia que qualquer pessoa pode ter sobre qualquer assunto e não precisa necessariamente corresponder à realidade. Buscaremos nesse estudo sempre a primeira opção, haja vista o rigor metodológico necessário. Todavia, expor a noção também é expor o entendimento generalizado sobre o tema, e isso é importante para a análise da problemática.

Hardy-Vallée (2013, p.17) afirma que “um sujeito pode possuir um conceito sem que isso implique necessariamente em um conceito exato”. Logo, o ideal é que os múltiplos conceitos acerca de um tema possam ser confrontados e analisados da maneira mais imparcial possível, através de um esforço teórico para a apreensão e ampliação da compreensão de uma realidade.

Os conceitos são universais abstratos, organizados sistematicamente, que aplicam a representação de propriedades invariantes de uma categoria a objetos particulares em função de um critério. O conceito serve diferentes funções epistemológicas (inferência, categorização, gnosiologia, linguagem) e metafísicas (taxonomia normativa e modalidade). (HARDY-VALLÉE, 2013, p.20)

Desta maneira, conceituar não é finalizar o entendimento acerca de algo, mas pelo contrário, é sempre um esforço de introdução a uma temática. É mais do que a mera descrição, é o agrupamento de palavras em torno do que significa “sexismo” e como as pessoas estão percebendo este problema.

Sendo assim, os estudos de Kerner (2012) apontam que a palavra alemã *sexismus* tem origem no inglês norte-americano. O termo original *sexism* foi, por sua vez, criado por analogia ao termo *racism* na segunda metade dos anos 1960. Uma das primeiras ocorrências textuais de uso do termo sexismo ocorreu em 1969, no texto intitulado “Freedom for Movement Girls — Now”.

“Os paralelos entre sexismo e racismo são nítidos e claros. Cada um deles incorpora falsas suposições sob a forma de mito. E, assim como o racista é aquele que proclama, justifica ou pressupõe a supremacia de uma raça sobre outra, da mesma forma, o sexista é aquele que proclama, justifica ou pressupõe a supremacia de um sexo (adivinha qual) sobre o outro.” (texto de intervenção do Southern Student Organizing Committee, citado por KERNER, 2012, p.46).

Para Formiga (2011) o sexismo se trata do preconceito em relação às mulheres, e para que ele possa ser combatido é preciso que primeiramente seja percebido e reconhecido. Araújo (2006) busca no seu estudo fazer uma diferenciação entre os termos gênero e sexismo. A categoria gênero é a construção social do que é feminino ou masculino, já o sexismo é a discriminação baseada no sexo de cada pessoa. Apesar do machismo histórico e estrutural, que coloca as mulheres em condição de inferioridade aos homens, a autora salienta que não é apenas o sexo feminino que sofre com o sexismo, mas também homossexuais, transexuais e intersexuais. Em síntese, todos que se aproximam do universo tido como pertencente ao feminino são alvo do sexismo.

Filho, Eufrásio e Batista (2011) introduzem seu estudo também fazendo a diferenciação entre sexo e gênero. Para os autores, sexo está relacionado com as características biológicas de cada pessoa. Gênero é o conjunto de características construídas socialmente para definir o que é ser homem e o que é ser mulher baseado no sexo. No seu estudo, Filho, Eufrásio e Batista (2011) apresentam o sexismo como o responsável por definir papéis sociais desiguais para homens e mulheres, perpetuando a violência contra as mulheres.

A violência de gênero é a implicação mais grave do sexismo. De acordo com Ramos et al (2013) tal tipo de violência tem origem nos modelos de masculinidades e feminilidades impostos culturalmente. Esses modelos seguem padrões sexistas que criam estereótipos e crenças do que é ser homem ou mulher. Os padrões servem para garantir que mulheres comportem-se “como mulheres” e homens “como homens”. A violência atua no desvio destes comportamentos. Para Ramos et al (2013), o caminho para o fim dessa violência, não é o enquadramento, mas a conscientização para a diversidade.

[...] no nosso entender, as atuações preventivas devem centrar-se nos ditos sistemas de crenças presentes em crianças, adolescentes e jovens, com a intenção de neutralizar os possíveis enviesamentos sexistas que podem ter sido internalizados. (RAMOS et al, 2013, p.333)

Também são apresentadas definições e conceitos de sexismo nos dicionários *on-line*. O Dicio.com (2017) apresenta: “*Atitude, discurso, ou comportamento que se baseia no preconceito e na discriminação sexual: a exaltação exagerada do masculino ou do feminino é uma forma de sexismo*”. O Priberan dicionário (2017) é mais sucinto “*1. Teoria que defende a superioridade de um sexo, geralmente o masculino, sobre o outro. 2. Discriminação baseada em critérios sexuais.*”

A Infopédia descreve o sexismo como: “*Formas de comportamento e ideologias nas quais são atribuídas determinadas posições e capacidades indivíduos ou grupos simplesmente por causa do sexo a que pertencem. Trata-se de uma forma de discriminação que conduz à subalternização, à marginalização, ou mesmo à exclusão de pessoas ou grupos com base no seu sexo.*” (Infopédia). O dicionário digital Caldas Aulete diz que o sexismo é “*1. Atitude ou comportamento que envolva preconceito ou discriminação sexual*”.

Complementando estas definições e conceitos é importante reafirmar que o sexismo afeta ambos os sexos e não apenas as mulheres (embora estas sejam suas maiores vítimas). A curiosidade é que ele tem um padrão claro: afetar aquilo que é feminino, ou pelo menos socialmente considerado feminino. Os homens são censurados pelo sexismo quando apresentam condutas que tipicamente são consideradas femininas ou que culturalmente pertencem às mulheres. Ou seja, o sexismo atinge os homens quando estes ousam deixar sua “posição de macho dominante” para exercerem tarefas de “fêmea dominada”. Um bom exemplo para isso são as ofensas que os homens sofrem quando demonstram qualquer tipo de fraqueza. Basta uma lágrima ou uma demonstração de afeto qualquer para que ouçam: “Não seja mulherzinha”. Ser “mulherzinha” é ser considerado inferior, e os homens são ensinados a vida inteira a não pertencerem a tal posição.

Smigay (2002) também apresenta uma concepção de sexismo no seu estudo intitulado “Sexismo, Homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política”. Para a autora é importante demonstrar que o sexismo ocorre de forma horizontal, ou seja, homens praticam contra mulheres, mulheres praticam contra homens, homens praticam contra homens e mulheres praticam contra mulheres.

Sexismo é atitude de discriminação em relação às mulheres, mas é importante lembrar que se trata de uma posição que pode ser perpetrada tanto por homens quanto por mulheres; portanto, o sexismo está presente intragêneros tanto quanto entre os gêneros. Inscrita numa cultura falocrática, impregna o imaginário social e o prepara a um vasto conjunto de representações socialmente partilhadas, de opiniões e de tendência a práticas que desprezam, desqualificam, desautorizam e violentam as mulheres, tomadas como seres de menor prestígio social. (SMIGAY, 2002, p. 34)

Outro aspecto importante acerca do sexismo é a dualidade de intenções que este pode assumir. Ou seja, nem sempre quem comete uma atitude sexista está cometendo-a de forma a querer discriminar o outro por causa de seu sexo. Isso é o que Formiga (2011) vai chamar de “sexismo ambivalente”.

O sexismo ambivalente é compreendido como um conjunto de estereótipos sobre a avaliação cognitiva, afetiva e atitudinal acerca do papel apropriado na sociedade dirigida aos indivíduos de acordo com o sexo. As formas de sexismo são ambivalentes, não somente porque são indiretas, mas também, por acarretar emoções negativas e positivas. As quais de dupla valência afetivas, principalmente, quando se considera sua prática e expressão discriminatória tradicional; e se apresentam como sexismo hostil e sexismo benévolo. (FORMIGA, 2011, p.193)

O sexismo hostil é uma expressão explícita de preconceito contra mulheres e homens, o que também é chamado de misoginia ou misândria, respectivamente.

Já o sexismo benévolo ocorre quando não há a intenção direta de discriminação em decorrência do sexo, mas pelo contrário, há a intenção de proteção ou cuidado. Por exemplo, quando uma mãe impede que seu filho lave louças por não considerar esta uma tarefa para homens, ela está tendo uma atitude sexista benévola, ou seja, não age com intenção de discriminar o filho, mas com o intuito de “protegê-lo” de atividades que culturalmente não seriam de acordo com seu sexo. Outro exemplo é quando os homens se colocam na posição de provedores financeiros da família, onde eles assumem todas as contas da casa ou do relacionamento por considerarem as mulheres como objetos românticos, frágeis e dignas de proteção. Nesse momento eles julgam estarem fazendo o seu “papel de homem” quando na verdade estão apenas sendo sexistas, de uma maneira não agressiva. Logo, essa ambivalência do sexismo consiste na forma como ele é executado.

O sexismo hostil surge como uma forma de punição para as pessoas que não atendem ao estereótipo esperado, não adotando os papéis tradicionais de gênero. Em síntese: as pessoas que desempenham os papéis esperados são amadas (sexismo benevolente), e as pessoas que mantêm papéis divergentes, são odiadas (sexismo hostil). (RAMOS et al, 2013).

Ainda na busca por conceitos que ampliem a concepção sobre sexismo, através de uma pesquisa rápida no buscador *on-line* do Google foi possível encontrar a seguinte definição sobre sexismo: “*Atitude de discriminação fundamentada no sexo*”. O portal virtual Wikipédia é conhecido por sua falta de credibilidade com relação ao seu conteúdo, pois ele é criado por pessoas diferentes ao redor do mundo e que não precisam ter necessariamente um conhecimento comprovado na área. Todavia, é um dos portais mais procurados da *internet* como meio de obtenção de informações, logo, é importante registrar o que essa fonte resguarda como conceito de sexismo, haja vista ser o que alimenta as pessoas que buscam por uma compreensão do tema sem uma preocupação científica maior. Dessa maneira, consta-se:

Sexismo é o termo que se refere ao conjunto de ações e ideias que privilegiam determinado gênero ou orientação sexual em detrimento de outro gênero (ou orientação sexual). Embora, seja constantemente usado como sinônimo de machismo é na verdade um hiperônimo deste, já que é possível identificar diversas posturas e ideias sexistas (muitas delas bastantes disseminadas) que privilegiam um gênero em detrimento de outro. (Wikipédia, 2017).

A concepção presente na Wikipédia está incorreta quando aponta o sexismo como hiperônimo do machismo. De acordo com a semântica, hiperônimos são palavras cuja significação inclui o sentido de diversas outras palavras, é uma palavra que se refere a todos os seres de uma mesma espécie. Por exemplo: animal é hiperônimo de gato, tartaruga, burro, assim como fruta é hiperônimo de maçã, banana, uva. (PESTANA, 2013). Sexismo não pode ser considerado hiperônimo de machismo, pois o sexismo não é um termo genérico, muito pelo contrário, é um termo com características específicas, assim como o machismo. Logo, um não pode ser hiperônimo do outro e também não são a mesma coisa, mas elementos distintos, ainda que muito parecidos.

Na cultura brasileira o mais comum a ser mencionado é o machismo. O sexismo ainda é desconhecido de muita gente, e, portanto, geralmente é entendido como sinônimo de machismo. Não é. O machismo ocorre quando alguém, não importa se homem ou mulher, faz qualquer afirmação ou ato que coloque os homens em posição de superioridade às mulheres. Para ficar mais claro, basta relacionar o termo “macho” ao seu derivado “machismo” e entender este como superior à fêmea.

O contrário também existe, quando as mulheres é que são colocadas em posição de superioridade aos homens. Isso é conhecido como femismo, derivado do termo “fêmea”. Contudo, é bastante raro de ser observado, bem diferente do machismo que faz parte do cotidiano de todos. Outro erro comum é considerar o feminismo como se fosse o contrário de machismo, pois não é. O feminismo será trabalhado mais a frente.

Outros dois termos também importantes são: Misoginia e Misândria. De acordo com Carvalho et al (2016) misoginia é a aversão e depreciação a tudo que é ligado a feminilidade e às mulheres, implicando violência simbólica contra as mulheres e suas produções culturais. Ou seja, misoginia é o ódio contra as mulheres e tudo que diz respeito ao universo feminino. Misândria é o mesmo, só que o ódio é direcionado aos homens e tudo que é considerado masculino.

Dessa maneira, se faz também necessário diferenciar gênero de sexismo. Esse exercício é fundamental para que o objeto de análise se torne claro. Exemplos de elementos como: meninas brincam com bonecas e meninos brincam com carrinhos; meninas gostam de

rosa e meninos gostam de azul; mulheres são cooperativas e homens são competitivos; mulheres gostam de dançar e homens gostam de praticar esportes; mulheres devem cuidar dos filhos enquanto os homens devem fornecer o sustento da casa; mulheres são melhores na área das ciências humanas e sociais, homens são melhores nas exatas; mulheres são passionais e homens são racionais. Esses exemplos podem ser confundidos com sexismo, portanto, é preciso cautela, pois não são. Estes são alguns exemplos da construção de papéis sociais baseados no gênero. E gênero também não é o mesmo que sexismo.

Carvalho et al (2016, p.11) conceituam gênero como “conjunto de sentidos atribuídos a corpos e identidades/subjetividades; e, por extensão, a objetivos, espaços e práticas materiais e simbólicos denominados femininos ou masculinos, de forma dicotômica e hierárquica”. Para Scott (1990, p.7), o termo “gênero” é utilizado para:

[...] designar as relações sociais entre os sexos. O seu uso rejeita explicitamente as justificativas biológicas, como aquelas que encontram um denominador comum para várias formas de subordinação no fato de que as mulheres têm filhos e que os homens têm uma força muscular superior. O gênero se torna, aliás, uma maneira de indicar as “construções sociais” – a criação inteiramente social das ideias sobre os papéis próprios aos homens e às mulheres. É uma maneira de se referir às origens exclusivamente sociais das identidades subjetivas dos homens e das mulheres. O gênero é, segundo essa definição, uma categoria social imposta sobre um corpo sexuado.

Em síntese, gênero são as representações sociais de papéis dicotômicos de acordo com o sexo e que produzem a hierarquia social. O sexismo é o elemento que se ocupa em manter essas representações através da imposição que cobra e limita. Cobranças e limitações de como mulheres ou homens devem ser, agir, em que espaços devem estar, no que devem se dedicar ou não, no que podem fazer ou não. Portanto são imposições presentes desde o momento do nascimento e que muitas vezes se convertem em violência e morte para quem as desafia. Logo, machismo, femismo, misoginia e misândria, compõe as relações de gênero, enquanto que o sexismo será o elemento que fará a manutenção destes através de duas formas: benévola ou hostil. O resumo a seguir, exposto no Quadro 1 espera-se que seja útil para o maior entendimento dessa dinâmica.

Quadro 1: Conceitos importantes para o estudo das relações de gênero.

Termo	Significado
Gênero	Construção social do ser homem e ser mulher.
Sexo	Composição biológica feminina e masculina.
Machismo	Homem superior / Mulher inferior.
Femismo	Mulher superior / Homem inferior
Misoginia	Ódio às mulheres e a tudo que remete ao universo feminino.
Misândria	Ódio aos homens e a tudo que remete ao universo masculino.
Sexismo	Discriminação baseada no sexo, tanto de mulheres como de homens.
Feminismo	Movimento político e social que busca a igualdade entre os sexos.

Fonte: Nossa autoria

São elementos que atuam isoladamente? Não, pois uma atitude pode ser machista e ao mesmo tempo sexista. Por exemplo: Quando alguém diz que mulheres estão em menor número nos cursos das ciências exatas, por não serem tão inteligentes quantos os homens, esse alguém está sendo machista por colocar os homens em posição de superioridade em relação às mulheres e sexista por estar discriminando espaços em decorrência do sexo. Ou seja, toda atitude machista é também uma atitude sexista, mas nem toda atitude sexista é uma atitude machista, já que existe o sexismo benévolo, aquele onde quem diferencia homens e mulheres não está fazendo isso com intencionalidade de colocar homens ou mulheres como superiores ou inferiores, mas ainda assim está discriminando por causa do sexo.

Na próxima seção será apresentada uma discussão sobre os elementos de distinção entre homens e mulheres. Historicamente, o sexismo baseia suas justificativas nos aspectos biológicos em detrimento dos aspectos sociais e culturais. Como se os papéis sociais distintos fossem algo “natural”, destinos já traçados organicamente. Por que será?

2.1 Distinção: Biologia x Cultura

O que distingue um homem de uma mulher? Biologicamente os corpos femininos e masculinos são iguais na sua maior proporção. São nos seus órgãos reprodutores que encontramos as principais diferenças físicas. Diante de estruturas que diferem nesse ponto, existe toda uma ação de hormônios diferentes e que agem também de formas diferentes entre os sexos para dar conta da demanda de cada um. Portanto, diferenças entre homens e mulheres existem e começam pelo próprio organismo de cada um. Isso não é questionado. Inclusive, Ribeiro (2013, p.507) ao tecer considerações sobre o sexismo que se pauta em aspectos biológicos, afirma:

A mulher tem progesterona, estrogênio. A questão é afirmar que a produção desses hormônios definem e determinam o comportamento da mulher. Ou, em relação ao homem, dizer: a testosterona faz com que o homem seja mais aguerrido, um líder. Logo, uma mulher pode pensar “eu não tenho testosterona, então não faz parte da minha natureza ser líder”. A aplicação da biologia na questão de gênero nos faz tomar uma diferença biológica como social.

Utilizar justificativas biológicas para definir papéis sociais é um argumento muito usado através dos tempos para dominação de grupos diversos. Para Ribeiro (2013), essa mesma lógica serviu para marcar a relação entre colonizadores e colonizados quando no século XIX legitimava a escravidão alegando que os negros apresentavam uma “inferioridade natural” devido a sua cor e tamanho do cérebro. O mesmo ocorre com as mulheres e homens quando estes são alocados em posições sociais distintas devido a aspectos biológicos, tais como afirmações e crenças do tipo “uma mulher não pode ser uma boa liderança, pois as mulheres são mais emotivas e, portanto, não tem pulso firme para comandar”.

De acordo com o médico Drauzio Varella, desde a Grécia antiga que a diferença biológica entre homens e mulheres era determinada pela posição dos órgãos reprodutores.

Na Grécia antiga, a diferença de gênero era explicada pela quantidade de calor atribuída, originalmente, a um único sexo biológico que reagiria de maneira mais perfeita, exteriorizando o aparelho reprodutivo no corpo de um homem, ou menos perfeita, deixando-o dentro do abdômen das mulheres. Essa ideia de inferioridade feminina atravessou os séculos. (VARELLA, 2012)

Aristóteles, destacado filósofo grego cujo pensamento ecoou e ainda ecoa entre os estudiosos, acreditava que características atribuídas no plano metafísico refletiam nos aspectos biológicos entre machos e fêmeas, o que explicaria a diferença, ou seja, a inferioridade das mulheres em relação aos homens. O masculino seria responsável pela forma (tudo que constitui plano superior, da alma), enquanto o feminino seria responsável pela matéria (tudo

que constitui o plano inferior, do corpo). Isso tornaria as mulheres menos capazes intelectualmente, mas ótimas para o comando da vida doméstica. Ainda de acordo com Aristóteles, as mulheres nada mais eram do que machos incompletos, logo, inferiores. (PINTO, 2010)

Na filosofia foi comum associar as mulheres ao plano inferior, devido às suas características biológicas, portanto, incapazes de realizarem as mesmas tarefas que os homens. Platão demonstrou interesse em aproximar mulheres e homens no mesmo plano, pois no seu entendimento dicotômico entre alma e corpo, considerava que a essência não tinha sexo, mas ele foi uma exceção. A norma padrão foi para a mulher o local de submissão, baseando-se em pressupostos biológicos. Ferreira (2010) aponta o sexismo em Descartes, filósofo, físico e matemático francês, na sua obra “Discurso do Método”, ao afirmar que se tratava de “um livro em que quis que até as mulheres pudessem perceber alguma coisa”. (Carta a Vatier, 22 de fevereiro de 1638, p.560)

Em 2012, o Dr. Drauzio Varella entrevistou o doutor em neurologia José Salomão Schwartzman para saber mais sobre as diferenças biológicas entre homens e mulheres. De acordo com Schwartzman, a influência dos hormônios no cérebro é fundamental para que as distinções entre homens e mulheres sejam estabelecidas. O cérebro dos homens recebe mais testosterona e isso seria fator relevante para que a configuração masculina se estabelecesse de maneira distinta da feminina. Já o cérebro das mulheres sofre um processo de maturação mais complexo, o que implica em funções biológicas mais preparadas até a fase da adolescência, ou seja, o que é comum ser dito “meninas amadurecem antes dos meninos”. Ambos os estudiosos não rejeitam a influência cultural na ordenação de comportamentos femininos e masculinos, mas se apoiam nos aspectos biológicos para a justificativa de formas de ser e agir diversas de acordo com o sexo.

A discussão entre fatores biológicos e culturais é polêmica, portanto, várias são as linhas que defendem esse ou aquele entendimento. Com relação a isso. Muraro e Boff (2002) apresentam três correntes de pesquisas que buscam entender a influência entre fatores biológicos e culturais nas relações de gênero. A primeira afirma que: “O homem e a mulher possuem memória sexual própria, fundada no longo processo da evolução da vida. Esse fator dá origem a comportamentos distintos com características psicológicas próprias.”. A segunda diz que “As diferenças sexuais, de personalidade, de papéis e de exercício de poder resultam de condicionamentos sociais”. A terceira “esforça-se por recolher o momento de verdade em cada uma das posições anteriores e procura dialetizá-las”. (MURARO e BOFF, 2002, p.22). No texto, Muraro e Boff (2002) dizem se filiar a essa terceira vertente, pois eles acreditam que

os elementos devem ser tratados de maneira complementar ao invés da forma dicotômica como historicamente sempre ocorre.

Os discursos sobre diferenciação entre homens e mulheres tem início no próprio processo de reprodução. De acordo com Beauvoir (1970) e com a lógica biológica, óvulo e espermatozoide são complementares, cada qual executando uma tarefa que culminará na existência de um novo ser. O óvulo espera a atividade do espermatozoide. O óvulo tem em si tudo que é necessário para nutrir e desenvolver uma nova vida, enquanto que o espermatozoide se desloca, mas sem essa sua atitude viva, o encontro não ocorreria e a vida também não. Porém, segundo Beauvoir (1970, p.34) dessa relação entre gametas, onde o óvulo aguarda e o espermatozoide age “seria ousado deduzir que o lugar da mulher é no lar: mas há pessoas ousadas”. E por isso, “muitas teorias, ditas profundas, assentam nesse jogo de analogias duvidosas”.

Schwartzman, em entrevista para Drauzio Varella (2012), exemplifica a diferença entre homens e mulheres, citando casos onde meninas e meninos se comportam de maneiras diferentes nos mesmos espaços: os meninos sendo mais ativos e as meninas mais passivas. O neurologista procura com isso, demonstrar como a preferência por atividades distintas é biologicamente natural e não uma construção social. Por outro lado, Belotti (1985) afirma que as cobranças diferentes, para cada sexo, são tão precoces e tão intensas que os primeiros anos da infância servem como matriz das dificuldades posteriores de todas as pessoas, inclusive no que concerne à divisão sexual, ou seja, a inculcação de papéis sociais distintos de acordo com o sexo. Diz a autora que “aos três ou quatro anos, isto é, até onde se pode estender a lembrança de um indivíduo, tudo já está realizado em seu destino ligado ao sexo a que pertence, pois naquele período não há luta consciente contra a opressão.” Assim:

“A cultura à qual pertencemos, como qualquer outra cultura, serve-se de todos os meios à sua disposição para obter dos indivíduos dos dois sexos o comportamento mais conforme aos valores que lhe interessa conservar e transmitir. O objetivo da identificação de uma criança com o sexo para o qual a designaram é conseguido com bastante rapidez, e não existem elementos para deduzir que este complexo fenômeno tenha raízes biológicas.” (BELOTTI, 1985, p.8)

Ainda que sem bases científicas comprovadas, o biológico sempre esteve na ordem do dia para justificar as diferentes posições sociais entre homens e mulheres como algo “natural”, logo, sem perspectiva de mudança. Para Bourdieu (2003) é o mundo social que constrói o corpo como realidade assexuada e como depósito de princípios de visão e divisão sexualizantes.

Esse programa social de percepção incorporada aplica-se a todas as coisas do mundo e, antes de tudo, ao próprio corpo, em sua realidade biológica: é ele que constrói a diferença entre os sexos biológico, conformando-a aos princípios de uma visão mítica do mundo, enraizada na relação arbitrária de dominação dos homens sobre as mulheres. (BOURDIEU, 2003, p.18)

Ainda de acordo com Bourdieu (2003) a dominação masculina se estabelece através de duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada. Essas construções sociais pautadas em aspectos biológicos vão dar origem às relações de gênero. De acordo com Scott (1990, p.73) o gênero é uma categoria imposta sobre o corpo sexuado.

Dessa forma, os valores foram sendo criados socialmente para justamente se adaptarem às expectativas de sexo, tendo em vista a superioridade masculina em detrimento da feminina. Tudo que desvie do masculino é considerado inferior: mulheres, homossexuais e transexuais. O sexismo se apresenta como apenas uma das várias formas de discriminação social existentes, assim como o racismo, sofre com um adicional extra: a “justificativa” biológica.

“Isso porque tanto racismo quanto sexismo podem ser entendidos como fenômenos complexos de poder que operam no contexto de atribuição de diferenças categoriais. Mesmo que não seja sempre necessariamente assim, eles frequentemente funcionam por meio de referências a características corporais e, portanto, por meio de referências a supostas certezas biológicas”. (KERNER, 2012, p.46)

Essas imposições sociais de gênero vão estar presentes na vida de homens e mulheres antes mesmo do seu nascimento. Com a notícia da gravidez, muitas expectativas vão sendo criadas com relação a esse novo ser. Ultimamente, tem se tornado cada vez mais popular uma reunião familiar do tipo “chá de fraldas”, mas com objetivo de anunciar o sexo do novo bebê, o que está sendo chamado de “chá de descoberta”. No caso de ser uma criança do sexo feminino, os pais anunciam através de uma decoração na cor rosa, com muitos ursinhos e elementos que compõe o “universo feminino”. No caso de ser uma criança do sexo masculino, os pais anunciam através de uma decoração na cor azul, com muitos carrinhos e elementos que compõe o “universo masculino”. Fica óbvia que a crença de que meninos e meninas são diferentes, antes mesmo do nascimento, e desde já se impõe a esses um universo todo próprio para seu sexo.

Costuma-se ouvir “Não importa o sexo, vamos amá-lo de qualquer maneira”. Convém problematizar essa frase, já que durante muito tempo e até em certas regiões, o sexo importou bastante. Beauvoir (1970, p.103) lembra-se dos árabes que matavam meninas em massa: mal nasciam, eram jogadas em fossos. “Aceitar a criança do sexo feminino era um ato de livre

generosidade por parte do pai; a mulher só entrava nessas sociedades por uma espécie de graça que lhe era outorgada e não por legitimidade como o homem.” (BEAUVOIR, 1970, p.103) No Brasil, a mulher que tivesse dado à luz a uma filha mulher era vista como incapaz de gerar um homem, como se fosse defeituosa e fraca. Belotti afirma que “este exasperado desejo de ter filhos de sexo diferente, com nítida preferência pelos machos, não teria razão de ser se as expectativas dos genitores não fossem tão diferentes em face dos dois sexos.” (BELOTTI, 1985, p.23). Pois:

“O nascimento de um filho varão, sobretudo se é primogênito, representa para o homem a apoteose, o triunfo: se a procriação de um filho dá ao homem a confortadora confirmação de sua virilidade, o nascimento de um varão é percebido como a expressão completa, acabada, insuperável de sua própria potência. A virilidade que produz virilidade, a perfeição encarnada.” (BELOTTI, 1985, p.22)

Essa identidade diferenciada que é criada a partir de expectativas, também diferenciadas, vai sendo formada em todos os campos da vida de homens e mulheres através de “micro opressões” que de tão naturalizadas parecem despercebidas para todos que não refletem sobre as mesmas.

Hoje já é possível saber o sexo da criança muito antes do seu nascimento. Quando isso não era possível, a credence popular criava mitos e significados sobre o sexo da criança que a mãe estava esperando. Belotti (1985, p.17) citou algumas destas crenças no seu livro, e agora, para uma demonstração mais didática, apresenta-se através do quadro a seguir.

Quadro 2: Crenças populares sobre o sexo do bebê.

Crença / Costume	Vai nascer um menino...	Vai nascer uma menina...
Apanhar um punhado de trigo e contar os grãos.	...se der número ímpar.	...se der número par.
Enfiar uma moeda nas costas, sob a roupa da mãe.	...se cair por terra com a “cara” para cima.	...se cair por terra com a “cara” para baixo.
Um homem e uma mulher agarram cada uma ponta da forquilha da galinha e puxam ao mesmo tempo na direção contrária.	...se a parte comprida ficar na mão do homem.	...se a parte comprida ficar na mão da mulher.
Perguntar para uma mulher grávida “O que é que você tem na mão?”.	...se ela olhar primeiro para a mão direita.	...se ela olhar primeiro para a mão esquerda.
Forma do ventre da gestante.	...se estiver pontudo. (alusão ao falo)	...se estiver mais chato, largo, distendido.
Forma do ventre da gestante.	...se aumentou mais do lado direito.	...se aumentou mais do lado esquerdo.
Pé da gestante.	...se estiver mais irrequieto o pé direito.	...se estiver mais irrequieto o pé esquerdo.
Seio da gestante.	...se o maior for o direito.	...se o maior for o esquerdo.
Humor da gestante	...se a gestante está de bom humor.	...se a gestante está de mau humor.
Tez/pele da gestante	...se estiver rosada.	...se estiver pálida.
Aparência da gestante	...se estiver mais bela.	...se estiver mais feia.
Pulsação cardíaca do feto	...se for rápida.	...se for lenta.
Tempo de agitação do feto	...se se agitar até o quadragésimo dia.	...se se agitar apenas pelo nonagésimo dia.

Fonte: Adaptação do texto de Belotti (1985).

Evidentemente existem inúmeras outras crenças que buscam adivinhar o sexo do bebê antes do nascimento, todavia, uma observação rápida sobre as supracitadas já é o suficiente para que algumas conclusões possam ser obtidas: o nascimento de um homem é sempre amparado por aspectos positivos, de força, velocidade, atitude e beleza. Já o nascimento de uma mulher é associado a aspectos negativos. A questão sobre o lado direito ou esquerdo também diz muito sobre o imaginário social, já que a esquerda é historicamente entendida como um desvio do que seria o ideal.

Se meninos e meninas vão preferir bonecas, carrinhos, bolas de futebol ou bonecos de ação, se vão ser mais ativos ou passivos, se vão assumir personalidades de comando ou de submissão, se vão gostar da cor rosa ou da cor azul, se vão optar pela vaidade ou não, entre outras, tudo tem relação com o processo de socialização que ocorre, como percebido, desde antes do nascimento e vai perdurar por toda a vida. Ainda conforme Belotti (1985) até o processo de amamentação tem sido diferenciado, pois segundo suas observações, as mães apresentam mais paciência com o ritmo e o comportamento dos filhos homens do que com as filhas mulheres. Sendo um processo tão marcante no processo de identidade humana, suas repercussões são pra vida toda.

Atualmente a própria mídia tem se encarregado de amplificar o discurso sexista que enxerga homens e mulheres como seres diferentes, logo, com papéis diferentes também. O sexismo está presente na mídia, ao apontar posturas e ideais esperados para cada sexo. As autoras Zucco e Frazão (2011) investigaram as reportagens das revistas *Nova* e *Men's Health* de janeiro a dezembro de 2007 onde o descritor “sexo” estivesse presente nas capas. O objetivo foi analisar os discursos sobre sexo veiculados por revistas femininas e masculinas baseadas na hipótese de que tais revistas reproduzem discursos diferenciados para homens e mulheres, reafirmando o sexismo cultural.

Os resultados obtidos confirmaram a hipótese, pois as revistas ancoram estudadas ancoram seus discursos em processos biológicos e da natureza, ou seja, creditam às identidades, feminina e masculina, aspectos inatos ou naturais que conduziriam às ações. Tal discurso se enquadra em uma visão essencialista. Todavia, Zucco e Frazão ampliam a discussão e utilizam como categoria analítica o construtivismo social, a saber:

Diferentemente do essencialismo, em que predomina o paradigma das ciências biomédicas, o construtivismo social congrega abordagens que problematizam a universalidade do instinto sexual. Nesse caso, a constituição do feminino e masculino, a orientação sexual, os sentidos sexuais e a noção de experiência sexual não são passíveis de generalização. Isso porque as identidades sexuais são tomadas como construções das sociedades e sustentadas por um conjunto de significados articulados a outras referências, como o sistema de parentesco, as classificações etárias, a origem social, a raça e etnia, a religião, entre outras. Logo, a ênfase da vertente construtivista é, na cultura, o que assegura a apreensão contextualizada das expressões do feminino e masculino e do modo como vivem sua sexualidade. (ZUCCO e FRAZÃO, 2011, p.148).

O sexismo foi evidenciado nessas revistas de diferentes formas, como por exemplo, o modo de abordagem e o conteúdo que era ofertado em cada uma. Para as mulheres (na revista *Nova*) a linguagem utilizada para falar sobre sexo era sempre pautada em estratégias de interdiscurso, intertextualidade e do uso de metáforas. Não era direta. Já para os homens (na revista *Men's Health*) o diálogo era direto e claro. As conclusões de Zucco e Frazão (2011) foram de que as relações hierárquicas de gênero não foram superadas, ainda que ambos os periódicos apresentassem uma preocupação com a autonomia e o prazer da mulher, pois os discursos ainda enquadravam “o sexo pelo sexo” para os homens e o “sexo por amor” para as mulheres.

Em 2006, Daniela Araújo apresentou sua dissertação de Mestrado em Letras na Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, através do estudo denominado “As palavras e seus efeitos: o sexismo na publicidade”. Este trabalho teve como objetivo verificar e validar a consistência da Teoria das Implicaturas de Grice. Tal teoria é importante para explicar os fenômenos da significação da linguagem natural, em especial, no processo de comunicação. E, teve o objetivo de analisar as implicações e o sexismo que há por trás do discurso publicitário, destacando que:

Falar em discurso publicitário é fazer referência à arte da persuasão, pois envolve alguém que quer vender um produto para alguém comprar. Esse convencimento é feito através de um veículo de mídia, de massa, afinal, quanto maior a divulgação, maior a possibilidade de venda. (ARAÚJO, 2006, p.51)

Acerca do papel das mídias e da publicidade sobre a veiculação de estereótipos femininos e masculinos, Araújo (2006) faz uma observação importante: o foco da publicidade são as relações entre homens e mulheres. Tudo que “desvia” de uma relação heteronormativa não é apresentado. É possível constatar isso no estudo de Zucco e Frazão (2011) ao investigarem reportagens de revistas femininas e masculinas com o tema sexo. A relação apresentada nos periódicos foi sempre pautada nas relações heterossexuais. Existiam dicas

para homens conquistarem e satisfazerem mulheres de todas as formas, o contrário também, mas não havia nada sobre o prazer entre homens para homens ou entre mulheres para mulheres. Sobre os aspectos que a língua assume a partir da lógica da sociedade patriarcal, estes exemplos são pertinentes:

Os grandes dicionários de português do Brasil ensinam que “costureira” é a mulher que costura **amadoristicamente** ou profissionalmente, especialmente roupas sociais e “costureiro” é o que atua **profissionalmente** na costura. Essa diferença também aparece com outras profissões, como “cozinheiro” e “cozinheira”. A palavra “homem” no sentido de ser humano masculino é descrita com referências fortemente valorizadas, como coragem, virilidade, vigor. E é associado com a união com a mulher. A palavra “mulher” é associada com reprodução, amante de homem. (ARAÚJO, 2006, p.64) (Grifos nossos)

Para ampliar seu estudo, Araújo (2006) analisou os slogans publicitários de 19 propagandas; pois segundo a autora os slogans expressam muito mais do que dizem e vão além do sentido literal. Por trás do que foi expresso, há crenças, valores e ideais que se propagam na sociedade. Para tanto seguem alguns slogans estudados: *Homens, negociem com elas um pedacinho do armário* (Lojas Paquetá); *Aumente seu poder de atração* (O Boticário); *Deixe as mulheres louquinhas usando silício, titânio, estrônio e alumínio* (Mangels – rodas de alumínio e aço); *Você vai olhar tantas vezes para o design que já vai funcionar como exercício para o braço*; (Relógios Dumont).

Araújo (2006) analisou as propagandas e verificou a presença de marcas do sexismo implícitos. As implicaturas que mostram marcas de sexismo são apresentadas de diferentes formas e estão sempre nas entrelinhas, dificilmente aparecem na superfície, porque o objetivo principal do anunciante do produto é vender o que oferece, destacando sua qualidade. Se pode questionar: a mídia é sexista para atender aos preconceitos sociais e vender mais, ou a sociedade é mais sexista por causa da cascata de imposições midiáticas para assim o ser? De toda maneira, a socialização está mantida e, portanto, os papéis distintos entre homens e mulheres estão fomentados.

O fato é que homens e mulheres ainda ocupam posições hierarquicamente diferentes na esfera social. Para Beauvoir (1970, p.9) “talvez se destinem a desaparecer. O certo é que por enquanto elas existem com uma evidência total”. A próxima seção vai além de mencionar as diferenças de socialização entre homens e mulheres, alcançando as relações de poder, consideradas o “x” da questão para o entendimento desta problemática.

2.2 Relações de poder: O “x” da questão.

Distinguir papéis sociais específicos de acordo com o sexo seria uma mera distinção complementar onde as atividades ainda que distintas tem o mesmo valor social? Não é bem assim. O que ocorre na prática é o estabelecimento de uma hierarquia social, afinal, se os papéis destinados aos homens tem valor maior do que os papéis destinados às mulheres, então se observa a composição de um sistema onde o sexo masculino acaba por assumir maior valor, logo, maior poder, em detrimento do feminino.

É o que vai afirmar Madureira (2007) quando aponta o sexismo como uma separação exclusiva (dualista) entre os gêneros masculino e feminino, o estabelecimento de relações de poder desiguais e à associação de significados pejorativos em relação a um dos gêneros. Carvalho et al (2016) também vão citar as relações de poder quando conceituam o sexismo, pois para eles, trata-se historicamente da inferiorização das mulheres e a consequente detenção de poderes e privilégios pelos homens.

De acordo com Quintas (2005) em uma sociedade organizada não de forma igualitária, mas de forma hierárquica, “alguém tem que mandar e alguém têm que obedecer”. Por isso que nas relações entre os sexos o homem se colocou historicamente como superior à mulher. O sexismo pressupõe dualidades/dicotomias que servem bem ao propósito de uma organização social hierárquica. Os complementos se tornam necessários no sentido de manter a estrutura superior x inferior. Logo, se dizemos que a mulher é o sexo frágil é por que na mesma frase estamos deixando implícito que o homem é o sexo forte. (QUINTAS, 2005)

A concepção do masculino como sujeito da sexualidade e o feminino como seu objeto é um valor de longa duração da cultura ocidental. Na visão arraigada no patriarcalismo, o masculino é ritualizado como o lugar da ação, da decisão, da chefia da rede de relações familiares e da paternidade como sinônimo de provimento material: é o “impensado” e o “naturalizado” dos valores tradicionais de gênero. Da mesma forma e em consequência, o masculino é investido significativamente com a posição social (naturalizada) de agente do poder da violência, havendo, historicamente, uma relação direta entre as concepções vigentes de masculinidade e o exercício do domínio de pessoas, das guerras e das conquistas. (MINAYO, 2005, p.23)

A lógica sexista agride não apenas mulheres, mas homens também, pois ao separar elementos, condutas, responsabilidades e tarefas por sexo através do processo de socialização, também limita a vida de todos os homens que optam por não seguir o que seria esperado para seu sexo. Por exemplo: um menino que decida dançar balé ao invés de jogar futebol ainda é visto de maneira negativa pela maior parte da sociedade, pois seu interesse pela dança é

associado com uma possível homossexualidade e assim este passa a sofrer com pressões constantes para que pare de dançar e escolha algo “de homem”.

Um paradoxo deve, desde já, ser elucidado: se masculinidade e feminilidade são, ao nível da gramática dos símbolos, conceptualizadas como simétricas e complementares, na arena do poder são discursadas como assimétricas. Isto é patente na ideologia do parentesco e do casamento, em que à ideologia da "complementaridade" de homem e mulher se sobrepõem precedências de autoridade masculina. Mais: a própria masculinidade é internamente constituída por assimetrias (como heterossexual/homossexual) e hierarquias (de mais a menos "masculino"), em que se detectam modelos hegemônicos e variantes subordinadas. (ALMEIDA, 1996, p.163)

Se na arena do poder, como menciona Almeida (1996) as masculinidades e feminilidades são assimétricas, quais são os mecanismos de controle que garantem a perpetuação de tal assimetria? A resposta parece fácil: através do preconceito e da discriminação. Mas antes de falar destes elementos de coerção, é necessário um aprofundamento maior na relação de poder desigual entre homens e mulheres.

O homem foi colocado no poder no início do mundo pela sua força física superior a força da mulher. Por ser mais forte, rápido e ágil, tinha condições de caçar e prover o grupo. As relações que no início eram de solidariedade, passaram a ser de violência nas sociedades de caça, então os mais fortes começaram a dominar e a ter mais privilégios. O masculino passa a ser o gênero dominante. (MURARO e BOFF, 2002) Para Studart (1982) a mulher sofreu uma derrota no dia em que ficou na caverna, enquanto o homem saía e estabelecia novas relações com o mundo e com os outros homens. O macho da espécie foi o vencedor e ao vencedor – já se disse – cabem às batatas.

A esse respeito, em uma palestra realizada em 2012 no TEDxEuston, conferência que ocorre anualmente e que tem foco na África, Chimamanda Ngozi Adichie, escritora nigeriana, diz:

De uma forma literal, os homens governavam o mundo. Isso fazia sentido há mil anos. Os seres humanos viviam num mundo onde a força física era o atributo mais importante para a sobrevivência; quando mais forte a pessoa, mais chances ela tinha de liderar. E os homens, de uma maneira geral, são fisicamente mais fortes. Hoje, vivemos num mundo completamente diferente. A pessoa mais qualificada para liderar não é a pessoa fisicamente mais forte. É a mais inteligente, a mais culta, a mais criativa, a mais inovadora. E não existem hormônios para esses atributos. Tanto um homem como uma mulher podem ser inteligentes, inovadores, criativos. Nós evoluímos. Mas nossas ideias de gênero ainda deixam a desejar. (ADICHIE, 2012, p.20)

Sim, os tempos são outros. Hoje já não existe a necessidade do uso da força para a sobrevivência, pois até mesmo os trabalhos braçais que eram costumeiramente destinados

apenas aos homens, as mulheres já estão realizando. De acordo com Beauvoir (1970), ainda que homens sejam maiores e mais fortes fisicamente do que as mulheres, em um contexto onde isso não fosse utilizado para obtenção de poder, tal força masculina não seria nada além de inútil. Assim, o que antes era uma ferramenta de dominação (a força física) hoje não pode mais ser levado em conta para continuar alocando as mulheres à margem da sociedade.

De acordo com o dicionário digital Caldas Aulete, poder significa: 1. Estar apto, ter competência para. 2. Ter condições físicas ou morais para. 3. Ter permissão para. Levando esse conceito para as relações de gênero, o poder implica em poder de ação, poder de execução, poder que é fornecido ou retirado de acordo com o sexo da pessoa. Historicamente, mulheres nascem, vivem e morrem podendo menos do que os homens, ou seja, tendo uma vida mais limitada apenas por terem nascido mulheres.

Os homens têm classificado as mulheres de acordo com a serventia que estas possuem para eles. No Brasil, nos tempos do período colonial, a imagem da mulher já era representada de acordo com os usos que os homens faziam desta. Se a mulher era escrava, então seu corpo servia para o trabalho e para o prazer masculino. Se a mulher era branca e não era escrava, então seu corpo deveria ser resguardado para o casamento e para a prole. Essa segregação entre “mulher para se divertir e mulher para casar” existe até hoje no ideal machista. Trata-se do corpo feminino que se apresenta em cores e situações sociais diversas, originando, também, papéis diversos a serem cumpridos. (DEL PRIORE, 1992).

A superioridade e a força de um sexo dependem exclusivamente da inferioridade e fragilidade do outro. Se o macho se sente assim só porque pode dominar, inevitavelmente necessitará produzir alguém que aceite ser dominado. Mas se pararmos de ensinar ao macho que deve dominar e à mulher que aceite e goste de ser dominada, poderão florescer novas e insuspeitas expressões individuais muito mais ricas e articuladas, imaginosas do que os mesquinhos e mortificantes estereótipos. (BELOTTI, 1985, p.52)

O homem foi colocado em uma posição tão privilegiada que fez com que as próprias mulheres acreditassem por muito tempo que essa era a ordem natural das coisas. Inclusive, até hoje as mulheres são convencidas de que o seu lugar é na cozinha, em casa, cuidando dos filhos e do marido e nada mais. Em seu estudo, Quintas (2005) entrevistou mulheres de classes sociais diferentes para avaliar suas perspectivas com relação à vida que levavam e seu entendimento com relação ao seu papel social enquanto mulheres, e obteve relatos interessantes como esse:

“Minha vida é tão simples, e tudo que aqui acontece a doutora já sabe. Sei ler muito pouco e convivo com um pedaço do mundo. A senhora não. Tem possibilidade de conhecer outras coisas que são importantes para a gente descobrir esse mundo que eu não sei bem como é. Já viu pobre instruído? Mulher pobre só serve para lavar e cozinhar. E muitas nem isso sabem fazer.” (QUINTAS, 2005, p.68)

A participante do estudo de Quintas (2005) se coloca na posição de mulher cuja única missão é lavar e cozinhar, e ainda existe a cobrança para que as demais mulheres também desenvolvam essa habilidade. O que ocorre é uma relação de coerção social + experiência. Por nascerem mulheres, desde crianças são ensinadas e cobradas para que aprendam a limpar e cozinhar. Os homens não passam pelas mesmas cobranças. A habilidade feminina com os cuidados da casa e com a educação dos filhos não está transcrita no seu código genético, como se mulheres nascessem com um dom natural para desenvolverem tais tarefas e os homens não.

Se os homens não passam pelas mesmas cobranças, passam por outras, pois ainda que de uma ótica geral estejam em uma posição privilegiada com relação às mulheres, por outro lado, o sexismo vai implicar em uma visão de homem bem estabelecida, da qual não se pode fugir. O poder masculino se estabelece através de privilégios que estes possuem e que as mulheres apenas sonham. São elementos que vão desde coisas simples como ter direito a uma vida profissional sem cobranças do tipo “Quando você vai casar e cuidar da casa?” até direitos políticos como o direito ao voto, apenas em 1932 permitido às mulheres no Brasil.

E quem nunca ouviu aquela expressão “moça de família”? Tal expressão foi criada no sentido de lisonjear a mulher para melhor submetê-la. Em outras palavras, o lugar destinado para as mulheres sempre foi o doméstico, mas não havia nada que os homens pudessem fazer com aquelas subversivas que não desejavam o casamento como finalidade de vida e queriam ir trabalhar. Então, para poder controlá-las, foi criada toda essa gama de características do que seria uma "mulher de verdade". Esse sistema de valores sempre teve grande peso social, pois as mulheres que estavam fora dos espaços domésticos eram associadas com prostitutas e consideradas surdas aos deveres do matrimônio e genitoras de irregularidades moral. (DEL PRIORE, 1992). É também por isso que até hoje toda vez que alguém quer ofender uma mulher utiliza pra isso elementos ligados à sua sexualidade, tais como, "puta, piranha, vagabunda". Era assim que as mulheres eram controladas ontem e é assim que são até hoje.

O discurso sobre o uso dos corpos femininos e seus prazeres, imposto de cima para baixo, sobretudo a partir do século XVII, expressa-se através de uma apologia que lisonjeia a mulher para melhor submetê-la. (DEL PRIORE, 1992, p.16)

De acordo com Quintas (2005, p.174) “não ser moça de família retrata uma situação desconfortável: moça leviana que carrega os pendores reclamados à sua inserção no quadro de vantagens culturais.” Quintas (2005) ainda acredita que a própria mulher é cúmplice da sua submissão. No seu estudo obteve relatos de mulheres acerca dessas posições sociais distintas entre homens e mulheres:

A liberdade é para o homem, não para a mulher. Eles podem tudo. Transam a vontade e não são falados. A mulher não. Deve obediência. O meu companheiro chega em casa tarde e ainda quer transar. Tenho dois filhos homens e não me preocupo com a educação deles. Vivem por ai pintando o sete e sei que não são condenados por conta disso. Acho ótimo não ter filha mulher. As preocupações são outras e as dificuldades também. Só é ruim por que não tenho ninguém pra ajudar em casa. No mais a vida é do homem. (Relato de uma participante do estudo de Quintas, 2005, p.130)

A cumplicidade da mulher em aceitar a própria submissão não é uma certeza. Existe resistência. As mulheres sempre resistiram da maneira como podiam. Não é a intenção deste estudo, alocar para a mulher a posição de vítima indefesa, pois isso não seria coerente com a realidade. Até porque não se trata apenas das mulheres, mas de tudo que remete ao universo feminino, logo, homens que destoam da ordem do macho viril também fazem parte das vítimas do patriarcado. Para Saffioti (2001) as mulheres se submetem à violência não porque “consintam”: elas são forçadas a “ceder” porque não têm poder suficiente para consentir.

O constrangimento das mulheres à casa tem o seu reverso na matrifocalidade. A mulher e mãe é muitas vezes vista como a "patroa", e como tal reconhecida, num misto de ironia e receio, pelos homens. Administra o salário do marido, recebe parte do salário dos filhos, toma decisões sobre o consumo. Como é ela quem estabelece as redes entre grupos domésticos, a administração da casa é maximizada com outras casas da parentela, nomeadamente as de sua mãe, irmãs e filhas. (ALMEIDA, 1996, p.183)

Já o homem precisa resistir provando “ser homem” diariamente. O feminino para o homem atua como elemento de depreciação, já que conforme Almeida (1996, p.177) é cobrado do homem um modelo de masculinidade homogênea, do macho viril, forte, competitivo, então se inclui o espectro da feminilidade, não como uma possível nuance masculina aceitável, mas pelo contrário, para diminuir uns aos outros quando necessário. (ALMEIDA, 1996) De certa maneira, essa imposição tamanha para que o homem seja dominador, ativo e provedor, não pode ser vista como positiva, afinal, nenhuma imposição é.

A exigência sem limites de uma virilidade exuberante corresponde a um tipo de tirania que não se pode negar. Não se permitiu ao homem a espontaneidade fálica, antes, reclamou-lhe uma lascívia desbragada. Será que ele desejou tal postura? Ninguém lhe perguntou. (QUINTAS, 2005, p.46)

Outro ponto bastante relevante que envolve as relações de poder entre homens e mulheres é com relação à maternidade e a paternidade. As mulheres são desde sempre criadas para vivenciarem o mundo materno, como se o fato de ser mãe fosse uma prerrogativa feminina. Os homens não tem a mesma cobrança. O resultado disso são filhos de mães, mas não de pais. Thurler (2004) apresenta na sua tese de doutorado em Sociologia este tema que ainda é considerado um tabu no Brasil: a paternidade e deserção. De acordo com a socióloga, a alta incidência de crianças brasileiras sem reconhecimento paterno em seus registros espelha uma situação sociológica envolvendo questões políticas de cidadania e de relações sociais de gênero, que implicam a deserção da paternidade.

Uma face do Brasil emerge do fato de uma em cada três crianças anualmente aqui nascidas terem, em seus registros, somente filiação materna, o que não pode se configurar como problema administrativo. Interpreto a deserção da paternidade como um fenômeno socialmente construído – por via histórica, política e jurídica – envolvendo questões de cidadania, de relações de gênero e de efetivação da democracia. (THURLER, 2004, p.502).

O poder do homem em dizer não para o futuro filho é desproporcional em relação ao da mãe. No Brasil, o aborto ainda é crime, mas abrir mão de ser pai, não é. Basta ao homem a famosa pergunta “Tem certeza que esse filho é meu?” para que apenas pela dúvida consiga aval social para abandonar a parceira grávida. Nessa dinâmica o sexismo seria o responsável pela fuga do pai das suas responsabilidades, a sobrecarga da mãe e o sofrimento do filho em decorrência da ausência paterna. Convém ressaltar que o pai não deixa de ser pai apenas pela suposição de estar sendo enganado, mas por essa ser uma justificativa confortável que o livra da coerção social para assumir suas obrigações. Trata-se de uma situação preocupante, pois os índices de não reconhecimento paterno, de acordo com as pesquisas de Thurler (2004) giram em torno de 30% no Brasil.

A violência doméstica é talvez o fator mais importante das relações de poder entre homens e mulheres. Para se ter ideia, seguem alguns dados expressivos que foram apresentados na pesquisa realizada pelo Instituto Avon/Data Popular em 2013: Até 70% das mulheres sofrem violência ao longo da vida. Mulheres com idade entre 15 e 44 anos têm maior risco de estupro e violência doméstica do que de câncer ou acidentes de carro. A cada uma hora e meia ocorre um feminicídio – morte de mulher por conflito de gênero – no Brasil. Desde que foi sancionada a Lei Nº 11.340 de 7 de agosto de 2006, conhecida como Lei Maria da Penha, a Central de Atendimento à Mulher atendeu 3 milhões de denúncias. O Brasil é o sétimo país no *ranking* de assassinato de mulheres dentre 84 países. Os números

brasileiros desses assassinatos ainda são maiores do que os de todos os países árabes e africanos (Instituto Avon/Data Popular, 2013, p.43).

A violência contra as mulheres é grande, pois estas ainda são consideradas como propriedades de seus parceiros em muitos casos. Isso é tão grave, que as mortes de mulheres por seus parceiros é quase um fato do cotidiano. Muitos grupos feministas na *internet* já compartilham diariamente a frase “Quem o machismo matou hoje?” para falar e refletir sobre a vítima do dia. Recentemente, em agosto de 2016, um executivo do Rio de Janeiro assassinou a mulher a facadas enquanto esta dormia, jogou os filhos de sete e dez anos de idade do 18º andar e após jogou-se cometendo suicídio. O motivo? Ele alegara ter perdido o emprego e não teria mais como manter o padrão de vida ao qual todos estavam habituados. Ou seja, o homem sentiu-se tão proprietário da família que se achou, inclusive, no direito de exterminá-la diante das suas dificuldades.

O marcante deste caso, infelizmente, não está no crime cometido por ele, mas na repercussão social. Nas mídias digitais foi possível observar uma comoção geral no sentido de perdoar o homem pelo ato. As alegações eram de que este estava em depressão, em crise emocional e não poderia ser julgado por quem estava de fora da situação. Porém, essa mesma sociedade que passa as mãos na cabeça de um assassino de três pessoas não faz o mesmo diante de uma menina/mulher que decide interromper uma gestação. Em notícias do cotidiano que contam “Menina morre ao fazer aborto em clínica clandestina” os comentários abaixo da notícia são sempre carregados de ódio e de sentenças que vão desde ofensas a moral da mulher em questão até condenações com o inferno para a mesma. A sociedade perdoa o homem, mas condena a mulher.

Evidentemente, essas relações de poder alcançam inúmeras outras variáveis. Todavia, a proposta neste momento foi a de exemplificar como os papéis que são criados para homens e mulheres resultam em posições sociais diferentes e hierárquicas, já que esse parece ser o “x” da questão. As mulheres são as principais vítimas dessa dicotomia de poder, pois o feminino ainda é entendido como mais fraco. Todavia, todos os homens que divergem do papel que lhes foi atribuído socialmente também são, e estes também se encontram em posição de poder inferior quando comparados aos machos da espécie que correspondem às expectativas para seu sexo. A próxima seção vai buscar elucidar como o preconceito e a discriminação são mecanismos de controles eficazes em perpetuar o lugar do eterno feminino e do eterno masculino.

2.3 Preconceito e Discriminação: Mecanismos de controle.

Lembrando que o conceito de sexismo é, em síntese, toda atitude de preconceito e discriminação relacionada ao sexo, neste momento a abordagem terá como objetivo discutir as expressões destes elementos e como estes atuam como mecanismos de controle social. Afinal, são as relações de gênero, de todo construto social de signos e códigos que constroem feminilidades e masculinidades só são possíveis através de mecanismos que assegurem sua manutenção. Em outras palavras, esse conjunto de papéis distintos entre homens e mulheres, oriundo de preconceitos, só é possível por causa das penalidades discriminatórias que estão sujeitos àqueles que não os seguem,

A segregação entre os sexos é baseada em estereótipos que funcionam como normas de conduta humana, criando características que são esperadas e cobradas dos sujeitos. Os estereótipos são realmente curiosos por primeiramente serem impostos socialmente para depois serem apresentados como algo “natural”. De acordo com Vila Nova (2010, p.65) “em sociologia, os estereótipos são imagens preestabelecidas para todos os indivíduos pertencentes a alguma categoria social, mediante a atribuição generalizada de qualidades de caráter positivas ou negativas.” Crochik (2011) problematiza o fato de que características determinadas historicamente possam ser posteriormente entendidas como inerentes a um sujeito ou grupo como se fosse uma verdade orgânica. Para isso ele utiliza o exemplo dos judeus:

O fato de os judeus durante o período moderno terem sua participação vedada nos processos de produção confinou-os na esfera da circulação, no comércio, por um longo tempo, o que leva a identificá-los com essa esfera, e daí proviriam as características atribuídas a eles de apego ao dinheiro e às coisas materiais; ou seja, uma situação histórica delimitada é substituída no estereótipo por uma série de características consideradas imanescentes ao judeu. (CROCHIK, p.12, 2011)

O que aconteceu no caso dos judeus é que o único espaço permitido para que estes retirassem uma fonte de lucro foi o comércio, assim, os judeus se tornaram hábeis nesse ramo não por uma condição genética, mas por uma condição social, afinal, foram empurrados para aquilo e naquilo se tornaram bons através da experiência. O mesmo serve para o caso da escravidão, onde as pessoas negras foram alocadas para os serviços braçais mais pesados e criou-se o estereótipo preconceituoso de que negros não serviriam para o trabalho intelectual. (CROCHIK, 2011)

Pode-se ainda extrapolar esses exemplos para o caso das mulheres, consideradas como melhores cuidadoras de crianças apenas por causa de seu sexo, quando na verdade carregam um bebê nos braços desde a mais tenra idade nas suas brincadeiras de boneca. Ou o caso dos

homens, considerados naturalmente melhores esportistas, quando na prática o que ocorre é que apenas jogam mais vezes do que as mulheres durante a vida.

Relacionando estes exemplos ao objeto de estudo aqui eleito, pode-se afirmar que se criou socialmente uma segregação onde mulheres se comportam de uma determinada maneira e homens de outra. Então, ser mulher é ser vaidosa, brincar de bonecas, gostar da cor rosa, ser passiva, submissa, delicada, preocupada com a imagem, cuidadosa, amorosa, dedicada aos trabalhos domésticos, entre outros. Ser homem é o oposto disso. Não pode ser vaidoso, tem que gostar de brincar com carrinhos e brincadeiras de aventura, gostar da cor azul, ser ativo, galanteador, não precisa ocupar-se das tarefas domésticas, entre outros. Esses são alguns dos estereótipos de gênero.

O problema dos estereótipos é que eles impõem uma expectativa que a maioria se submete, justamente, por receio do preconceito e da discriminação caso não o façam. Para Vila Nova (2010, p.66) o estereótipo, porém, sendo uma imagem preconceituosa, quando não discriminatória, é uma representação falsa das pessoas rotuladas através dele. Todavia, embora falsos, os estereótipos tendem a ter consequências reais nas relações sociais.

Crochik (1998) reflete sobre um dos elementos principais do preconceito, qual seja, o fato de que ocorre a partir da atribuição de características e julgamentos a algum objeto, através de uma percepção errônea deste, o que se basearia em um entendimento distorcido da realidade, levando a uma conclusão sem fundamento e posteriormente, a uma prática discriminatória gratuita. De acordo com o Juiz Federal Roger Raupp Rios:

Preconceito e discriminação são termos correlatos, que, apesar de designarem fenômenos diversos, são por vezes utilizados de modo intercambiado. [...] Por preconceito, designam-se as percepções mentais negativas em face de indivíduos e de grupos socialmente inferiorizados, bem como as representações sociais conectadas a tais percepções. Já o termo discriminação designa a materialização, no plano concreto das relações sociais, de atitudes arbitrárias, comissivas ou omissivas, relacionadas ao preconceito, que produzem violação de direitos dos indivíduos e dos grupos. O primeiro termo é utilizado largamente nos estudos acadêmicos, principalmente na psicologia e muitas vezes nas ciências sociais; o segundo, mais difundido no vocabulário jurídico. (RIOS, 2007, p.27)

Assim sendo, o preconceito é o responsável por impor papéis a sujeitos antes mesmo de que se tenham informações reais sobre aqueles sujeitos, ou seja, uma atitude preconceituosa ocorre quando é estabelecido um pré-conceito em algo ou alguém sem levar em conta a realidade do elemento em questão. A partir do momento onde existe um conjunto de crenças preconceituosas, também existirão as expectativas e na ausência da sua concretude prática, as punições, já que quando a sociedade impõe lugares para homens e mulheres, ela

também espera que estes não fujam destes lugares. Os que optarem pela fuga serão considerados errados e punidos por isso. A punição vem justamente através da discriminação. Ou seja, o preconceito se pauta no estereótipo. Quem não estiver de acordo com o estereótipo será lido e interpretado pelo outro como anormal (preconceito) e será punido das mais variadas formas e níveis (discriminação).

A divisão constante do normal e do anormal, a que todo indivíduo é submetido, leva até nós, e aplicando-os a objetos totalmente diversos, a marcação binária e o exílio dos leprosos; a existência de todo um conjunto de técnicas e de instituições que assumem como tarefa medir, controlar e corrigir os anormais, faz funcionar os dispositivos disciplinares que o medo da peste chamava. Todos os mecanismos de poder que, ainda em nossos dias, são dispostos em torno do anormal, para marcá-lo como para modificá-lo, compõem essas duas formas de que longinquamente derivam. (FOUCAULT, 1997, p.223)

Desta maneira, quando fica estabelecido o que é aceito socialmente, o que é “normal” ao mesmo tempo também fica implícito o que não é. Se as bonecas são consideradas como brinquedos de meninas, então elas não serão consideradas apropriadas para meninos. E tudo que é tido como distante do que é aceito socialmente é rejeitado pelas pessoas sem maiores reflexões na maioria dos casos. O medo de sofrer com a censura alheia através da discriminação é muito grande e isso molda a forma como as pessoas se comportam, se apresentam e se posicionam socialmente.

O sociólogo norte-americano, Erving Goffman (1922 – 1982), conhecido por ter se dedicado ao estudo das micro-relações sociais, ou seja, aquelas que acontecem na menor unidade social, na relação de uma pessoa para a outra, apresenta na sua obra “A Representação do Eu na Vida Cotidiana” uma resposta para a necessidade da raça humana em colocar-se como superior aos demais. Para Goffman (2009), todos representam papéis sociais de si mesmos, como se estivessem em uma grande peça de teatro chamada vida. Todos são atores e representam seus próprios ideais perante os demais. Portanto, representar o papel de superioridade é o mesmo que se colocar o mais próximo possível dos valores oficialmente reconhecidos. Tais valores estão intrinsecamente relacionados ao sistema da sociedade patriarcal, logo, nesta perspectiva, atender aos preconceitos sexistas é ser um membro ajustado na sociedade. (GOFFMAN, 2009)

Todavia, atender aos padrões gerados pela expectativa pautada em preconceito é uma tarefa difícil e conflitante para todos aqueles que ao mesmo tempo querem a sensação de ajustamento social, mas não abrem mão de suas identidades particulares. As regras sociais de

gênero são maniqueístas e rígidas, mas a formação concreta do corpo humano é mais diversa do que as regras limitantes de sexo.

A experiência dos homens (e das mulheres) é justamente um diálogo por vezes difícil entre a complexidade polimorfa dos seus sentimentos e o simplismo dos padrões orientadores. Não me refiro aqui a teorias psicológicas ou psicanalíticas sobre as pulsões, mas tão-somente ao facto de qualquer ser humano, apesar de localizado numa determinada identidade pessoal e social, saber que as outras identidades e comportamentos são potencialmente seus também, mesmo que socialmente isso seja indesejável. (ALMEIDA, 1996, p.3)

Mas por que será que as pessoas não se revoltam contra os estereótipos? O sociólogo Émile Durkheim (1858 – 1917) apresenta uma resposta interessante através do que ele vai nomear como coerção social. Para Durkheim, não importa se as pessoas querem ou não agir de determinada forma, pois o poder social coercitivo é exterior ao indivíduo.

O que acontece é que as pessoas não sentem tal coerção por causa da naturalização dos fatos sociais. Ou seja, uma mulher pode nascer, viver e morrer acreditando que apenas por ser mulher tem uma habilidade maior com as tarefas da casa e o cuidado com os filhos do que o homem. Um homem pode passar a vida acreditando que deve ser o único provedor e protetor da família apenas por ser homem. A coerção social só funciona porque as pessoas não a percebem, e pelo contrário, lhe tratam como algo inerente ao seu sexo e seu gênero. Ela só é percebida quando há uma fuga dos padrões estereotipados, quando há subversão e resistência. É aí que o preconceito aflora e se apresenta através da discriminação.

Se não me submeto às convenções mundanas; se, ao me vestir, não levo em consideração os usos seguidos em meu país e na minha classe, o riso que provoço, o afastamento em que os outros me conservam, produzem, embora de maneira mais atenuada, os mesmos efeitos que uma pena propriamente dita. (DURKHEIM, 1978, p.2)

O preconceito se apresenta então como um pré-conceito, uma ideia prévia sobre a realidade. Não se trata da verdade, dos fatos em si, mas de uma noção equivocada que alguém apresenta sobre um determinado sujeito ou grupo. A discriminação se apresenta como a atitude, a prática de segregar e violentar o outro em decorrência do preconceito. Ou seja, o sexismo opera através de bases de preconceito e discriminação socialmente construídas, que apenas servem para limitar a vida das pessoas.

Ainda pela lógica proposta por Durkheim, o poder de coerção social serve ao propósito de elencar o que é considerado bom, e, desta forma, o que é valorizado socialmente. Se o objetivo dos homens é ascender socialmente (vide os conceitos do também sociólogo, Erving

Goffman) então estes buscarão sempre por se aproximarem daquilo que assume prestígio social. Desta maneira, não transgredir as regras de comportamento é a primeira ação para ser bem recebido socialmente. O que equivale a dizer que se existem papéis sociais distintos para homens e mulheres, então serão valorizados aqueles que cumprirem tais papéis. Uma mulher “de verdade” será aquela que atenderá a todos os requisitos considerados femininos. Um homem “de verdade” será aquele que atenderá a todos os requisitos considerados masculinos. Serão justamente esses “encaixados” no sistema que responderem positivamente aos estereótipos e por serem valorizados por isso, lutarão para manter o *status quo* sexista.

O mapa do sexismo está traçado. Os sexistas serão todos aqueles que se renderam ao preconceito, que por sua vez é a noção superficial e equivocada da realidade, e agirão de modo a discriminar todos aqueles que não correspondem ao estereótipo esperado. Os sexistas serão aqueles que apontarão o dedo para julgar um menino que chora “isso não é coisa de homem”. Os sexistas serão aqueles que irão considerar as mulheres como menos capazes para cargos de chefia “mulher é muito emotiva”. Os sexistas serão todas aquelas pessoas que manterão atitudes de discriminação baseando-se no sexo de alguém. Existe resistência em todos os tempos, pois a coragem é um elemento presente em muitas mentes. Tal resistência nasce do “empoderamento”, expressão nova para uma prática antiga, e que nas palavras de Léon (1997) significa:

Em nível individual, o empoderamento inclui a conscientização sobre a própria opressão e o desenvolvimento de habilidades: ganhar voz, mobilidade, presença pública. A consciência da discriminação de gênero facilita a mudança na autoimagem e nos sentimentos de inferioridade, nas crenças sobre direitos e capacidades, promovendo a autonomia individual. (LÉON, 1997, p.34)

A lógica do preconceito e da discriminação como mecanismos de controle, opera no sentido de marginalizar todos os homens e mulheres que desafiem os papéis de gênero do qual deveriam corresponder. De acordo com Belotti (1985, p.14) numa cultura patriarcal [...] é compreensível que se proíba rigorosamente pôr em discussão o prestígio do homem, pois isto levaria fatalmente ao estilhaçamento de seu poder. O movimento que propõe o fim do sexismo, machismo, enfim, toda forma de desigualdade entre os sexos é o feminismo, e é dele que se trata a próxima seção.

2.4 Feminismo: Movimento de resistência.

O feminismo é um movimento político que luta por direitos iguais entre homens e mulheres. Os estudos e movimentos feministas tiveram início no século XIX e até hoje se dedicam a combater toda a opressão que as mulheres historicamente sofrem. Teles (1993) reflete sobre estudos que tratam da mulher, os estudos feministas, e acredita que estes são necessários e úteis não apenas para denunciar a situação de desigualdade entre os sexos, mas também para que uma mudança possa ocorrer no sentido de eliminá-la.

Importante registrar algo óbvio, mas que ainda causa confusão: o feminismo não é o contrário do machismo. O machismo impõe às mulheres uma situação de inferioridade e obediência com relação aos homens. O feminismo não impõe uma superioridade feminina, pelo contrário, sugere e luta por uma sociedade onde homens e mulheres possam viver em igualdade de condições e direitos, sem hierarquias de sexo. De acordo com Machado (2008) as manifestações feministas referem-se ao processo contínuo de reflexão e ação em busca da libertação de homens e mulheres e reconstruções das relações de poder.

Outro aspecto importante é o argumento que algumas pessoas utilizam para questionar a denominação do movimento feminista. Dizem elas “Mas se é pela igualdade entre os sexos por que chamar isso de feminismo e não de HUMANISMO?”. Ocorre que o termo “Humanismo” diz respeito a um movimento filosófico onde os humanos são considerados como o centro do mundo em uma escala de importância. Não tem relação nenhuma com os objetivos de igualdade entre os sexos. Ou seja, humanismo já existe e diz respeito à outra categoria humana de interpretação da realidade. Também é preciso salientar e registrar essa necessidade de muitos em ocultar algo que diz respeito às mulheres, ainda que de forma sutil. Feminismo refere-se à fêmea, ao feminino, à mulher! Foi justamente por esse olhar já tardio para a situação das mulheres que o movimento surgiu. Logo, a tentativa de nomear de outra forma a eliminar o sentido da expressão é válida como mais uma tentativa de ocultação da presença feminina.

O feminismo existe justamente para denunciar toda forma de sexismo, ou seja, existe para lutar por mulheres, mas também por homens. Todavia, as mulheres se tornam o principal foco, pois são elas as principais vítimas dos sistemas de opressão de sexo e gênero.

Acerca dos estudos de gênero, esta categoria surge no início dos anos 1980 quando as mulheres começam a questionar as estruturas de poder e passam a elaborar uma epistemologia que questiona as próprias bases da filosofia que sempre privilegiou os homens. Os estudos sobre gênero, que buscam evidenciar o papel da mulher na sociedade podem contribuir para

uma transformação social no sentido de ampliar o entendimento humano sobre os mais variados aspectos através da perspectiva feminina.

A nova categoria gênero criada pelas mulheres a fim de dar conta do seu papel na história e na condição humana do fim do século XX, vem acrescentar e complementar a categoria classe social, para dar conta da existência da opressão de diversas naturezas postas na história. (MURARO, 2001, p.9)

Bandeira (2009) apresenta uma análise das principais ações e estratégias de resistência desencadeadas pelo movimento feminista no Brasil, durante o período de 1976 a 2006, que buscou erradicar a diversas formas de violência existentes contra a mulher. O ato de resistência do movimento feminista se consolida nas “estratégias e dinâmicas de rejeição e de lutas desencadeadas pelas mulheres contra padrões, papéis e normas de comportamentos culturais e sociais desiguais, que lhes foram impostos e que hierarquizam os sexos” (BANDEIRA, 2009, p.405). Dessa maneira, resistir é o mesmo que não permitir a opressão, ir à luta pelo fim da violência contra a mulher.

Em sentido contrário, a performance masculina tem resistido aos processos de mudança, tentando preservar os modelos culturais e cognitivos que lhes garantem o status quo, as assimetrias em relação ao exercício do poder estabelecido no grupo, onde predominam práticas de hierarquia e de mando extensivas aos operadores do direito. (BANDEIRA, 2009, p.405)

As estratégias masculinas de resistência para manter sua condição de superioridade em relação às mulheres perpassa um longo caminho. Em um extremo se encontra toda a gama de gentilezas para com as mulheres objetivando protegê-las (afinal elas são consideradas frágeis) e no outro extremo a morte de mulheres que de alguma forma não se submeteram aos seus ideais sexistas de comportamento. Para Bandeira (2009) os crimes de gênero (também chamados de feminicídio) têm bases nas formas de poder, na natureza das relações interpessoais entre as partes, na banalização e na incorporação do uso sistemático da violência para a resolução de conflitos cotidianos. Nesse caminho encontram-se todas as formas e nuances de sexismo que os homens fazem questão de manter e que as mulheres são ensinadas desde sempre a se enquadrar.

O movimento feminista chega como uma forma de reação a essa cultura sexista, problematizando o que é visto pela maioria como “natural”, empoderando mulheres ao conscientizá-las sobre os papéis que lhes foi historicamente imposto e lutando por mudanças nos diversos segmentos sociais. Para os adeptos da cultura sexista, o feminismo é algo

totalmente desnecessário e inútil, e nem poderia ser diferente, haja vista ser esse movimento o responsável por denunciar os homens no pedestal que se colocaram para olhar as mulheres de uma posição superior. Ou seja, o movimento feminista incomoda por que estremece as bases da sociedade patriarcal.

Bandeira (2009) traça o caminho histórico da resistência feminista e as ações nos planos legislativo, institucional e jurídico. Percorre desde a criação da Delegacia Especializada de Atendimento a Mulher (DEAM) em 1985 até a implementação da Lei Maria da Penha em 2006. Todavia, ainda que o feminismo tenha se empenhado na luta pelo fim das violências contra a mulher, o caminho para a erradicação desse problema é extremamente longo.

O movimento feminista prevê uma resistência às atitudes e ideias que coloquem a mulher como inferior ao homem. A denúncia consiste em desnudar a realidade e problematizá-la sempre que for necessário para demonstrar as diferenças que promovem a desigualdade entre os sexos. Embora a resistência feminista venha lutando para desenvolver ações nos planos legislativo, institucional e jurídico, “nas relações interpessoais, não mudaram as lógicas que articulam os espaços privado e público: no primeiro, os homens continuam violentos e, no segundo, eles continuam mandando”. (BANDEIRA, 2009, p.430)

Há mais de três décadas, as pesquisas feministas na área das ciências sociais evidenciaram lógicas institucionais, jurídicas e políticas subjacentes aos sistemas sociais que negam à maioria das mulheres um estatuto de cidadania pleno e, conseqüentemente, de humanidade, uma vez que a sexualidade feminina, real ou suposta, tem sido frequentemente utilizada e apropriada como instrumento de controle viril e social que, para além do corpo, atinge também a subjetividade feminina. (BANDEIRA, 2009, p.430)

Já Nascimento (2013) apresenta um pouco da história sobre o início do movimento feminista no Brasil entre os anos 1927 e 1931 em Recife. Nesse período as mulheres das classes mais abastadas, que tiveram acesso a uma boa educação iniciaram articulações e formaram grupos para lutar pelos direitos das mulheres. A estratégia feminista tinha como foco a conquista dos direitos políticos, como possibilidade de alcançar a igualdade civil e os direitos sociais.

O movimento feminista no Recife surge para problematizar e debater a exclusão feminina dos espaços públicos e do direito a tomar partido nos caminhos da política através do voto, pois até então o lugar das mulheres se restringia aos espaços domésticos e essas não tinham acesso a direitos políticos. A Constituição de 1891 é prova disso, já que estabeleceu o sexismo político ao sancionar que apenas homens alfabetizados seriam considerados cidadãos,

as mulheres não, independentemente de sua formação. Assim, essa atitude sexista deu visibilidade à disparidade entre os sexos e terminou por fortalecer as reivindicações feministas e os movimentos feministas.

O sexismo, que, como princípio político, faz uso do discurso da diferença natural entre os sexos para justificar as desigualdades em matéria de direitos políticos, torna-se um problema para o regime republicano brasileiro e vira bandeira de luta dos movimentos feministas, que dão seus primeiros passos no território nacional e em outras partes do mundo. (NASCIMENTO, 2013, p.43)

Em 1927 o estado do Rio Grande do Norte foi o primeiro a permitir o voto feminino. Em nível nacional isso só ocorreu em 1932, mas ainda assim apenas para as mulheres alfabetizadas e maiores de 21 anos. Todavia, essa problematização da realidade incentivou um desejo de emancipação feminina que ia além de poder votar. As mulheres feministas passaram a discutir um número cada vez maior de aspectos desiguais, entre os sexos e a compreender a educação como instrumento fundamental e caminho para garantir sua autonomia social.

Nascimento (2013) revela as táticas de convencimento do movimento feminista desse tempo: as mulheres iniciaram suas lutas com um discurso que entrelaçava a liberdade e a amizade, apelavam para os estereótipos que carregavam enquanto mulheres, para adquirirem o direito de sair às ruas para cuidar dos que necessitavam (e com isso ganharam possibilidades no mundo externo ao lar), não utilizavam do confronto direto e faziam alianças políticas e familiares. Em síntese: não faziam nada que pudesse amedrontar os homens e ativar sua resistência às transformações. Talvez essas realmente fossem as melhores armas do movimento feminista da época.

Foram elas também que terminaram politizando a discussão da exclusão feminina da arena política, ao questionar a desigualdade de direitos entre os sexos. Nem sempre foram coerentes. Aceitaram e negaram ao mesmo tempo a diferença presa ao sexo, ao corpo, ao biológico. Se não combateram a naturalização da diferença, questionaram seus pressupostos e desnudaram a profunda e entranhada concepção de inferioridade das mulheres diante dos homens. (NASCIMENTO, 2013, p.55)

O sexismo começou a ser percebido no Brasil quando as lutas pelos direitos políticos das mulheres tiveram início. A exclusão das mulheres ao direito de votar desencadeou debates sobre a desigualdade de gênero através dos movimentos feministas e acabou por promover discussões e lutas por mudanças em outros aspectos da vida de homens e mulheres.

Pessoas que são contrárias ao movimento feminista apresentam argumentos baseados em ignorância ou pura desonestidade intelectual, dado a superficialidade de suas colocações na maioria das vezes. As análises beiram a infantilidade e parecem brincar com a inteligência

do leitor mais incauto. Trata-se de uma tentativa de silenciamento das pautas feministas. E isso é realizado através de várias estratégias, desde a desmoralização de quem se considera feminista até ameaças de morte nos casos mais extremos.

Lola Aronovich é professora da Universidade Federal do Ceará e autora do blog “Escreva Lola Escreva”, um dos maiores blogs feministas do Brasil. Por escrever diariamente sobre as pautas do movimento feminista, Lola é constantemente ameaçada. No ano de 2015 teve início a campanha #Agoraéquesãoelas onde colunistas homens cederam seus espaços para que algumas mulheres pudessem publicar seu ponto de vista nos jornais e blogs brasileiros. No seu blog, Lola já havia contado sobre as ameaças que sofria diariamente por ser feminista. Quando assumiu a coluna de Leonardo Sakamoto no portal do UOL, falou novamente sobre o assunto. Segue um trecho do relato da professora, publicado em oito de novembro de 2015:

Pouco depois do começo do blog, fui apresentada aos Men’s Rights Activists, ou MRAs, ‘defensores dos direitos dos homens’, que no Brasil se chamam masculinistas – e que eu abreviei para o termo mascus, que se espalhou. Mascus creem que as verdadeiras vítimas são homens héteros e brancos. Foi um choque saber que existem homens que chamam mulheres de merdalheres e depósitos de porra. E mascus são capazes de atrair outros homens revoltados com o fracasso de suas vidas. Em abril de 2011, Wellington de Menezes entrou na escola municipal que havia estudado e abriu fogo, matando dez meninas e dois meninos, no que ficou conhecido como Massacre de Realengo. É difícil acreditar, mas Wellington é cultuado como herói em fóruns misóginos, que sonham em produzir novos ‘guerreiros’ como ele. Um desses fóruns (chamados de Chans) é de autoria de um mascu que, em 2012, foi preso por causa de um *site* de ódio em que defendia a legalização do estupro e o estupro corretivo para lésbicas, enquanto tramava um atentado na Universidade de Brasília para matar ‘vadias esquerdistas’. Nessa época, por denunciar o *site* de ódio, fui alvo de muitas ameaças, que nunca pararam. Mascus divulgam meu endereço residencial e estabelecem recompensas para quem me matar (e também matar meu marido, que cometeu o hediondo crime de amar uma feminista, e minha mãe, uma senhora de 80 anos). Já fiz vários boletins de ocorrência contra eles, mas nunca deram em nada. O último foi em outubro, quando mascus inventaram um novo *site* de ódio no meu nome. A página *fake* prega o aborto, o infanticídio e a castração de meninos, e é assinado como Lola Escreva Lola, contendo, inclusive, *link* para o meu currículo acadêmico Lattes. O objetivo expresso deles vai além de manchar minha reputação. Querem que pessoas me reconheçam na rua. E me linchem.

Essa violência exacerbada contra quem ousa denunciar a violência contra a mulher, a desigualdade de gênero e o sexismo é preocupante por ser tão recorrente. O objetivo principal parece ser silenciar quem luta por mudanças sociais. Beauvoir (1970, p.20) diz “Não nos deixaremos, portanto, intimidar pelo número e pela violência dos ataques dirigidos contra a mulher, nem nos impressionar com os elogios interesseiros que se fazem a ‘verdadeira mulher’”. No caso dos elogios interesseiros, uma intenção sutil, porém eficiente, de destinar a mulher para a beleza, o recato e o lar, tratando-se do sexismo entendido como benévolo. A principal dificuldade de incorporar a luta sexista na pauta do dia de homens e mulheres encontra obstáculos na demonização do movimento e na consequente ausência de diálogo entre dominantes e dominados.

“Não pode existir um diálogo autêntico entre pessoas que se acham respectivamente em posição de dominante e dominado; é mister que se sintam iguais. Da mesma forma, o homem, para ouvir aquilo que a mulher tem pra dizer sobre si mesma, deve senti-la igual a si. Mas se homem tivesse vontade de escutar aquilo que as mulheres têm a dizer sobre si mesmas, boa parte dos problemas entre os sexos já estaria resolvida, coisa que se acha bem longe de ser verdade.” (BELOTTI, 1985, p.7)

De acordo com Machado (2008, p.107) a epistemologia feminista busca romper com esses modelos enraizados, contesta essa ideologia de diferenciação de papéis e propõe categorias analíticas para desmitificar tais comportamentos aprendidos na cultura. Trata-se então, de um movimento de luta, mas acima de tudo, de resistência.

2.5 Sexismo e instituições educacionais: faca de dois gumes.

Já na escola ocorre a separação das tarefas de acordo com o sexo de forma “natural”. Meninos jogam bola, meninas brincam de pular corda, carrinhos para os meninos, bonecas para as meninas, rosa para as meninas, azul para os meninos. Até na hora de transportar as crianças de um lado para o outro existe separação: fila de meninos e fila de meninas. Enfim, as crianças crescem aprendendo que meninos para serem meninos devem comportar-se de uma determinada forma, meninas para serem meninas, de outra. A respeito dessas separações, Bento (2011, p.550) alerta:

Como é possível afirmar que todas as crianças que nascem com vagina gostam de rosa, de bonecas, de brinquedos que não exigem muita força, energia e inteligência? O original já nasce “contaminado” pela cultura. Antes de nascer, o corpo já está inscrito em um campo discursivo”.

Evidencia-se assim uma cultura pautada em aspectos sexistas. O sexismo corresponde a uma separação exclusiva (dualista) entre os gêneros masculino e feminino, o estabelecimento de relações de poder desiguais e à associação de significados pejorativos em relação a um dos gêneros. De forma didática: sexismo = distinção rígida entre os gêneros + relações de poder desiguais + preconceito que marca as desigualdades na relação entre homens e mulheres. (MADUREIRA, 2007, p.79) Se uma criança cresce em uma comunidade machista, mesmo que ela venha a entender as implicações dessa discriminação no futuro, ela sentirá que está “autorizada” a manter esse preconceito. Trata-se do tão conhecido “se todos fazem, posso fazer também, mesmo que pareça errado” (CARVALHO e LEITE, 2014).

Por essa razão a escola não pode ser um local que mantenha e alimente preconceitos, pelo contrário, de acordo com Araújo (2007) o universo educacional em que os sujeitos vivem deve estar permeado por possibilidades de convivência cotidiana com valores éticos e instrumentos que facilitem relações interpessoais pautadas em valores vinculados à democracia, à cidadania e aos direitos humanos. Considera Pavan (2013) que agindo da forma como agem, a escola e os professores, embora não percebam, estão contribuindo para legitimar determinadas identidades de gênero. Pavan (2013) cita os estudos de Guizzo (2004) que afirma: “na maioria dos casos continuam ensinando, mesmo que discretamente, modos de ser e de se comportar de maneira diferenciada e desigual para meninos e meninas”. Por essa razão, na busca pela superação de uma educação sexista é que se trata de vital importância olhar para a escola, nesse caso, olhar especificamente para o professor, afinal ele é um dos

principais responsáveis pelas quebras de paradigmas no espaço escolar e conseqüentemente, na sociedade como um todo.

De acordo com a estrutura hierárquica tradicional de gênero, a noção de propriedade do homem não diz respeito apenas à posse de bens materiais, mas se estende às mulheres. Ou seja, a mulher não é vista como sujeito da sua sexualidade e do seu corpo, mas sim como objeto/propriedade dos homens: uma mulher “honrada” seria propriedade de um único homem, aquelas que não correspondem a tal expectativa poderiam ser “apropriadas” por todos os homens. Por mais estranho que possa parecer a primeira vista, é comum encontrarmos no discurso de estupradores um tom “moralizador, disciplinador” em relação ao comportamento de mulheres que, de alguma forma é considerado desviante. (MADUREIRA, 2007, p.76)

Para Alvez e Cavenaghi (2013) as mulheres estão pouco representadas nas ciências exatas e na liderança dos grupos de pesquisa; aumentaram as taxas de participação no mercado de trabalho, mas ainda sofrem com a segregação ocupacional, a discriminação salarial, além da dupla jornada de trabalho; conquistaram diversas vitórias na legislação nacional, mas, na prática, ainda são vítimas de discriminações e preconceitos. Os autores complementam que em termos de esperança de vida, as mulheres vivem, em média, sete anos acima da média masculina e são maioria da população e do eleitorado. Enfim, mesmo com muitas conquistas o caminho de uma pessoa na sociedade é dificultado se ela for mulher. Isso sem nem citar as segregações por racismo, homofobia, transfobia, etc.

Portanto, para que a sociedade se torne mais justa no que diz respeito aos direitos e igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, é preciso ensinar as crianças desde cedo a romper com essas barreiras simbólicas de segregação “homem faz isso, mulher faz aquilo”. A escola apresenta-se como um local adequado para o rompimento dessas barreiras. Porém, de acordo com Pavan (2013) historicamente, o currículo escolar legitima as identidades hegemônicas (ocidentais, brancas, masculinas, heterossexuais...) e contribui para posicionar as não hegemônicas como inferiores, deficitárias, patológicas, desviantes. Já para Nunes (2012) a escola pode ser sim uma instância reprodutora das diferenças de gênero, mas, também, pode ser um espaço transformador destas relações, na busca de superar a educação sexista ainda presente nas escolas brasileiras.

Objetivando incentivar esse debate, a revista NOVA ESCOLA, referência nacional na área pedagógica, trouxe na edição de Fevereiro de 2015 uma matéria extensa sobre as questões de gênero e sexualidade. A capa da revista apresenta um menino de cinco anos usando um vestido e uma tiara, roupas consideradas tipicamente femininas, e levanta a questão “Vamos falar sobre ele?” Alguém mais observador notaria que a interação dos leitores

com a revista nas redes sociais geralmente é pouca, porém essa questão acirrou um debate que gerou recordes de repercussão. De acordo com dados da revista, a capa, divulgada no *Facebook*, chegou a 3,3 milhões de visualizações, 23 mil curtidas, 11 mil compartilhamentos e quase 2 mil comentários. O alcance foi 31 vezes maior que o do lançamento da capa anterior, da edição dezembro 2014/janeiro 2015, que atingiu mais de 107 mil pessoas na rede social. Observa-se que o assunto gerou debate, porém, mais do que isso, foi vitrine para a exposição de preconceitos e ideias sexistas, já que assustadoramente, a maioria dos comentários feitos tinham teor discriminatório, machista e até agressivo. E o pior, esses comentários eram feitos por professores. Buscando respostas para essa problemática, Nunes (2012) afirma:

Romper com o ciclo androcêntrico destas representações, que se estabelece por seu repasse geracional e naturalizante, exige dos/as professores/as desnudarem o cotidiano escolar em outra óptica que os faça perceber as práticas sexistas nele presentes, e para a qual concorre a inserção do estudo e do debate desta temática em seu processo formativo. (NUNES, 2012, p.721)

Pavan (2013) corrobora com o supracitado ao elencar a escola como um espaço educativo que pode ampliar as possibilidades de formas de vida, trazendo elementos em seu currículo escolar que problematizem as abordagens sexistas, discriminatórias, inferiorizantes sobre as relações de gênero. Ainda para Pavan (2013), para que isso seja possível, a formação de professores (inicial e continuada) deve incluir as reflexões sobre a construção das identidades de gênero. De acordo com Bento (2011) as reiterações que produzem os gêneros e a heterossexualidade são marcadas por um terrorismo contínuo. Há um heteroterrorismo a cada enunciado que incentiva ou inibe comportamentos, a cada insulto ou piada homofóbica. Se um menino gosta de brincar de boneca, os heteroterroristas afirmarão: “Pare com isso! Isso não é coisa de menino!”. A cada reiteração do/a pai/mãe ou professor/a, a cada “menino não chora!”, “comporta-se como menina!”, “isso é coisa de bicha!”, a subjetividade daquele que é o objeto dessas reiterações é minada. [...] Quando um/a pai/mãe firma “Isso é coisa de bicha”, essa sentença tem múltiplos efeitos. A criança não entende muito bem o que é aquele “bicho-papão” que provoca a ira da/o mãe/pai. Sabe que não quer ser rejeitado. Sabe, portanto, que não poderá (ainda que não saiba como) agir como uma bicha. (BENTO, 2011, p.552)

Para Araújo (2007) se na escola a criança é constantemente humilhada, desrespeitada, questionada em suas capacidades e competências intelectuais e sociais, é bem provável que esse espaço seja alvo de projeções afetivas negativas, que não seja valorizado, que não se constitua como um valor para ela, e sim num contra-valor. Nesse caso, por ser um espaço

odiado, desqualificado, ele pode ser deprecado, pichado, ignorado. Diante disso pode-se concluir que a forma como o professor trata os alunos e os valores que transmite, constituirão as relações dos alunos com determinados papéis sociais. Isso durante sua vida poderá ser um fator limitador, onde a criança acha que só poderá fazer aquilo que é determinado para seu gênero, aquilo que é permitido pela cultura sexista e machista na qual está inserida. Ou pode ser um fator libertador, onde a criança entenda que pode ser o que quiser, que ser homem ou mulher não influencia em nada, que ela é livre para construir seu caminho.

O papel da escola é o de promover a consciência para as transformações sociais que melhorem a qualidade de vida de todos, logo, é na escola o local onde o sexismo precisa ser combatido, pois se não o for, estará fazendo o serviço contrário, ou seja, fomentando a sua manutenção ao reafirmar espaços e papéis diferenciados para homens e mulheres, o que justifica o título desta seção “faca de dois gumes” pelo poder da escola em dois caminhos distintos, tanto podendo manter e alimentar preconceitos como de auxiliar na eliminação destes.

3. CAMINHO METODOLÓGICO

A metodologia tem como objetivo apresentar os caminhos trilhados durante a investigação, para que seja possível compreender os processos ocorridos. Desta forma, a metodologia adotada deve ter relações estreitas com os objetivos do estudo, para responder as indagações iniciais que motivaram a pesquisa. Assim, apresentasse, a seguir, o caminho metodológico deste estudo.

3.1 Etapas de desenvolvimento da pesquisa.

Desde o momento da concepção do projeto até a finalização da apresentação do último dado da pesquisa existe um longo percurso. Tal trajetória é por vezes trilhada na presença de parceiros transitórios, mas na maior parte do tempo é um caminho solitário para o pesquisador responsável. Trata-se da construção de um todo complexo, mas de execução simples, quando dividido em tarefas menores, ou seja, em etapas bem definidas. Quivy e Campenhoudt (1998, p.15) apontam que:

A investigação em ciências sociais segue um procedimento análogo ao do pesquisador de petróleo. Não é perfurando ao acaso que este encontrará o que procura. Pelo contrário, o sucesso de um programa de pesquisa petrolífera depende do procedimento seguido.

Assim sendo, a organização de todos os procedimentos da pesquisa é fundamental tanto antes quanto durante e depois da execução do projeto. Antes, para que os passos a serem tomados se tornem claros, economizando tempo e energia, e ampliando a qualidade dos resultados obtidos. Durante, para que as estratégias possam ser constantemente avaliadas e ajustadas, melhorando o desempenho da pesquisa. Depois, para que todo o caminho possa ser registrado, facilitando a compreensão da realidade obtida e posteriormente, oportunizando que outros pesquisadores possam refazer a trajetória em outros contextos e tempos.

Desta maneira, este estudo seguiu algumas etapas importantes até que os objetivos fossem finalmente alcançados: Definição da amostra, Elaboração do instrumento de pesquisa; Elaboração dos documentos de autorização da pesquisa; Contato com a instituição local do estudo; Contato com os coordenadores de curso; Coleta dos dados; e Tabulação e análise dos dados;

3.1.1 Definição da amostra

Inicialmente o plano foi considerado ousado, pois o objetivo da amostragem era ganancioso: aplicar o instrumento de pesquisa com no mínimo dez estudantes de cada curso de graduação do campus de São Luís da UFMA (são 41 cursos ao todo).

A amostragem se torna indispensável quando, na pesquisa, se defronta com uma população consideravelmente grande a ponto de ser impossível a medição total de suas características. Torna-se obrigatória a utilização de técnicas e procedimentos para tirar de tal universo (população) amostras que permitam construir um estudo sem incorrer em distorções que iriam ferir a legitimidade, cientificidade e credibilidade do trabalho de investigação. (SANTOS, 2015, p.137)

Levando em conta o total absoluto de 41 cursos, a amostra seria composta por 410 participantes. Esse número foi considerado ideal para a análise quantitativa proposta, pois se tratava de um índice representativo.

No final da fase de coleta de dados obteve-se número superior ao estimado inicialmente, alcançando-se 476 sujeitos participantes. Todavia, a pesquisa não foi realizada nos 41 cursos, mas em 28, ou seja, em 68% do total. As justificativas são simples:

1. Não houve tempo suficiente para que todos os cursos informassem.
2. O questionário foi aplicado nas salas de aula e com todos os alunos de uma mesma turma a cada curso. Logo, não havia como selecionar apenas dez estudantes por curso enquanto os demais colegas da mesma sala aguardariam sem participar. Essa atitude não seria produtiva, pois além da dificuldade e do passo extra na tarefa de selecionar os participantes, os dados dos demais alunos não participantes seriam perdidos.

Dessa maneira, optou-se por coletar os dados no máximo de cursos possíveis dentro do tempo disponível. O critério para a seleção das turmas que seriam pesquisadas foi o de serem compostas por alunos que estivessem cursando do 4º período da graduação em diante. Tal limitação foi necessária para que alunos novatos na instituição fossem descartados da amostra, já que o pouco tempo na posição de aluno poderia mascarar resultados. Assim sendo, a amostra deste estudo contém 476 sujeitos universitários de 28 cursos de graduação da UFMA, do campus São Luís, sendo 220 homens e 256 mulheres.

3.1.2 Elaboração do instrumento de pesquisa.

O instrumento de pesquisa (Apêndice A) aplicado aos alunos, foi elaborado a partir da adaptação dos instrumentos propostos nos estudos de Glick e Fiske (1996 e 1999), Gouveia (1998), Formiga, Gouveia e Santos (2002), Viki et al (2003), Belo (2005), Formiga (2011), Ramos et al (2013) e Costa et al (2015). Todos estes pesquisadores elaboraram pesquisas sobre o sexismo, e utilizaram a abordagem quantitativa para análise dos dados. A adaptação dos instrumentos através da construção de um questionário que fosse adequado aos propósitos desta pesquisa foi aprovada pela banca de docentes que qualificou este estudo.

Formiga (2011) desenvolveu seus trabalhos sobre sexismo a partir dos estudos de Glick e Fiske (1996) onde estes apontaram a existência do sexismo ambivalente e desenvolveram um instrumento denominado Inventário do Sexismo Ambivalente (ISA – Anexo I) que foi posteriormente adaptado para o contexto brasileiro por Formiga, Gouveia e Santos (2002).

O ISA é composto por 22 itens que avaliam as atitudes em relação às mulheres a respeito das duas dimensões do sexismo ambivalente. Para participar, o sujeito devia responder aos itens, indicando o quanto estava de acordo com o conteúdo expresso nas frases, de acordo com uma escala Likert com os seguintes extremos: 1 = Discordo totalmente e 5 = Concordo totalmente. O participante também devia responder outras questões referentes à sua caracterização sócio demográfica (idade, sexo, estado civil, entre outras.).

O objetivo do estudo de Formiga (2011) foi o de comprovar a manutenção dessa estrutura bidimensional, confirmando a existência dos dois fatores, o sexismo hostil e o sexismo benévolo. A análise que Formiga faz é substancialmente quantitativa, utilizando-se de indicadores psicométricos para tal.

Além de comprovar a existência do sexismo ambivalente em sua bi dimensionalidade, os indicadores psicométricos encontrados neste estudo apontam para uma melhor estrutura do inventário do que a encontrada por Formiga, Gouveia e Santos (2002); atenta-se, tanto para a acurácia da mensuração do sexismo ambivalente quanto a reflexão teórica de que esse fenômeno existe e vem se mantendo, direta – em sua forma hostil - ou indiretamente – em sua forma sutil frente as mulheres brasileiras. (FORMIGA, 2011, p.198)

Já o objetivo do estudo de Costa et al (2015) foi adaptar o Inventário de Sexismo Ambivalente (ISA) e o Inventário de Ambivalência em relação aos Homens (AMI) para a população de Portugal, e avaliar as suas propriedades psicométricas para a realidade portuguesa. O AMI, assim como o ISA, foi desenvolvido por Glick & Fiske, (1999). Ele é

composto por 20 itens que medem construtos semelhantes de sexismo (benevolente e hostil), dirigidos aos homens. Os participantes da pesquisa de Costa et al (2015) foram 258 estudantes universitários, com idade média de 27 anos. A forma de coleta dos dados segue uma tendência atual na pesquisa acadêmica: os formulários *on-line* disponibilizados pela ferramenta Google Docs. Os principais resultados encontrados foram:

As análises fatoriais confirmatórias revelaram evidência da multidimensionalidade de ambos os inventários, validade fatorial, convergente e discriminante, e fiabilidade interna. Os homens revelaram níveis mais elevados de hostilidade e de benevolência dirigido às mulheres, as mulheres revelaram maiores níveis de hostilidade dirigida aos homens. A hostilidade em relação aos homens aumentou com a idade, enquanto a benevolência diminuiu. O preconceito hostil e benevolente foi maior em pessoas com menos anos de escolaridade. Religiosidade correlacionou significativamente com os índices de sexismo benevolente. Foi assim demonstrada a validade e confiabilidade da adaptação dos Inventários de Sexismo Moderno em Portugal. (Costa et al, 2015, p.126)

Ainda de acordo com Costa et al (2015, p.134) “Os estudos de adaptação e validação de instrumentos de medida de preconceito, neste caso particular de preconceito sexista, são essenciais para a avaliação das crenças e valores das pessoas.” Pois, só através do reconhecimento desta realidade é que medidas de combate aos preconceitos poderiam ser pensadas.

A pesquisa de Belo (2005) teve como objetivo principal conhecer em que medida os valores humanos se correlacionam com o sexismo ambivalente e suas dimensões hostil e benévola. Ao todo, 301 pessoas da cidade de João Pessoa – PB participaram respondendo o ISA, adaptado por Formiga (2011), o Questionário dos Valores Básicos e cinco perguntas sobre suas condições sócio demográficas (sexo, religião, idade, escolaridade e classe social).

O Questionário dos Valores Básicos foi desenvolvido por Gouveia (1998) e é composto de 24 itens. Cada um dos itens é constituído por valores específicos e se apresentam estruturados com duas frases que explicitam seu conteúdo. Exemplo: justiça social (Lutar por menor diferença entre ricos e pobres; permitir que cada indivíduo seja tratado como alguém valioso). A escala é estruturada em sete pontos que vão sendo apresentados de forma gradual, sendo o 1=Totalmente não Importante e o 7=Extremamente Importante.

Aliar tais instrumentos com o questionário sócio demográfico permitiu que a pesquisa de Belo (2005) ampliasse o entendimento geral sobre o sexismo, pois foi possível visualizar relações entre o contexto dos participantes e suas opiniões apresentadas. Dessa forma, os principais dados obtidos foram também sexismo benévolo e sexismo hostil que se mostram correlacionados entre si; os homens apresentaram maior sexismo hostil; os participantes se

enquadravam na tríade baixa escolaridade, religião definida e classe social baixa e foram os mais sexistas; aqueles que acreditavam em valores normativos (obediência, religiosidade) também são altamente sexistas. Em contrapartida, os participantes que demonstraram maior auto direção e não fixação a preceitos específicos foram menos sexistas. Belo (2005) ainda inclui indicações de caminhos para novos estudos:

As pesquisas futuras deveriam explorar este aspecto, incorporando a possibilidade de medidas sobre as causas e consequências do sexismo. Por exemplo, poderia ser avaliado o quanto a multiplicidade de papéis assumidos pelas mulheres contribuiria para explicar seu engajamento em atitudes sexistas, sejam hostis ou benévolas. Poderia ainda ser considerada uma avaliação do quanto à mulher pensa que sofre de discriminação devido ao seu gênero e em que medida isso estaria correlacionado com indicadores de satisfação com a vida e saúde mental. Além disto, poderia também se analisar a relação dos sexistas ambivalentes com o desejo de apresentar condutas julgadas positivamente pelo grupo social no qual está inserido. (BELO, 2005, p.15)

No entanto, para que programas de intervenção possam ser criados pelos estudiosos, que se dedicam a este tema, é preciso que o sexismo seja percebido e reconhecido através de técnicas de pesquisa que o desvelem. Para tal, Ramos et al (2013) apresentam evidências métricas da adaptação à população portuguesa da escala de Viki et al (2003). Trata-se da escala de cavalheirismo paternalista.

A Escala de Cavalheirismo Paternalista é composta por 16 itens que são (respondidos da mesma forma que a ISA, em uma escala Likert de cinco pontos). Esses itens avaliam as atitudes e crenças relativas ao cavalheirismo paternalista nas relações de cortejo e namoro (por exemplo: É inapropriado que seja a mulher a primeira a beijar numa saída romântica).

No estudo de Ramos et al (2013) não consta nenhuma das escalas utilizadas para visualização, no entanto, foi possível obter a versão adaptada da ISA no estudo de Formiga (2011) e a versão original e em inglês da Escala de Cavalheirismo Paternalista no estudo de Viki et al (2003).

Assim, o instrumento de pesquisa deste estudo é um questionário composto por três etapas, cada uma delas sendo responsável por uma dimensão de análise. De acordo com Santos (2015) o questionário se caracteriza por conter um conjunto de itens bem ordenados e bem apresentados, podendo apresentar questões abertas e fechadas. Neste caso, a maioria das questões eram fechadas.

- **Etapa 1: Sua vida**

Nesta etapa os participantes deveriam responder sobre seus dados pessoais, exceto o nome, pois a identificação de cada um foi preservada. Então, correspondiam a questões como: Curso, sexo, idade, classe social, raça e religiosidade, além de outros aspectos como o posicionamento político e filhos. Também foi nessa etapa que foi questionado sobre as percepções acerca de machismos e feminismos.

- **Etapa 2: Suas percepções**

Nesta etapa foi apresentado um quadro contendo 40 itens entre elementos conhecidos pelo senso comum como “femininos” ou “masculinos”. Os participantes deveriam marcar com um “x” a sentença de acordo com o sexo que eles considerassem correspondente a tal. Também existia a opção “ambos” para aqueles elementos que fossem considerados como adequados para ambos os sexos. O objetivo desta etapa era verificar o nível da percepção sexista de cada participante. Considerou-se que uma visão igualitária entre os sexos alcançaria maior número de marcações como para “ambos” do que específicas para cada sexo, como que demarcando espaços sexistas. O objetivo foi o de cruzar as informações desta etapa com as informações fornecidas na Etapa 1, com vistas a identificar (ou não) tendências e padrões de *ser* e de *perceber* a realidade.

- **Etapa 3: Você e seu curso**

Esta etapa se referia a todas as questões vivenciadas pelos estudantes sujeitos deste estudo no contexto da universidade, objetivando identificar sexismos nas concepções profissionais, no assédio dentro da instituição e também no transporte coletivo, no trote, no cotidiano discente com relação às limitações de acordo com o sexo e a prática de preconceitos na forma de piadas advindas de professores. O questionário composto de três laudas foi respondido no tempo médio de 15 minutos.

3.1.3 Elaboração dos documentos de autorização para pesquisa.

Além do questionário, outros documentos foram necessários para a execução da pesquisa, tais como: Projeto de pesquisa em versão resumida, Termo de consentimento livre e esclarecido (Apêndice B), Solicitação de acesso aos discentes (Apêndice C), Autorização para a pesquisa (Apêndice D) e Solicitação de informações institucionais (Apêndice E).

O projeto de pesquisa foi resumido para um total de 15 laudas com informações precisas sobre os objetivos do estudo e o contexto no qual o mesmo estava inserido. Tal projeto foi entregue para a responsável institucional da UFMA, a reitora Prof.^a Dr.^a. Nair Portela Silva Coutinho e, também, para os coordenadores de cada curso participante deste estudo, juntamente com os demais documentos necessários à apresentação da pesquisa.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) informava os objetivos da pesquisa, o caráter anônimo e voluntário da participação e os dados das pesquisadoras responsáveis. Para fins éticos e legais, o documento foi assinado por cada participante e encontra-se guardado juntamente com os questionários respondidos pelos mesmos.

A solicitação de autorização institucional informava sobre a pesquisa e foi entregue para a reitora da UFMA juntamente com o projeto, o TCLE e o instrumento de pesquisa que seriam utilizados. A solicitação de acesso aos discentes foi um documento organizado para juntamente com o projeto e o TCLE, serem apresentados aos coordenadores de cada curso que fariam parte do estudo, requerendo a autorização para a coleta de dados nas salas de aulas.

No documento de autorização para a pesquisa, os (as) coordenadores (as) de cada curso, já de posse do conhecimento acerca da pesquisa que se pretendia realizar e já em concordância com a mesma, assinavam e carimbavam-no. Portanto, foi elaborado por duas razões: 1. Ser útil para que o contato com os (as) professores (as) nas salas de aulas fosse facilitado e a pesquisa aceita sem maiores problemas por já contar com a autorização do (a) coordenador (a) responsável, e; 2. Servir como registro da concordância de participação do curso em questão neste estudo. Todas as autorizações assinadas e carimbadas encontram-se também resguardadas sob cuidados da pesquisadora responsável.

A solicitação de informações institucionais foi elaborada para obter do Departamento de Organização Acadêmica (DEOAC) da UFMA as informações sobre quantitativo de cursos de graduação e sexo do alunado.

3.1.4 Contato com a instituição do estudo.

De posse de todos os documentos da pesquisa, procurou-se o Gabinete da Reitora Nair Portela Silva Coutinho para que a mesma fosse informada sobre a pesquisa que se pretendia realizar na instituição da qual atualmente é responsável. Essa opção por solicitar a autorização da reitoria atende aos fins éticos e legais da pesquisa, e, também, do entendimento de que a o contato com os (as) coordenadores (as) de cada curso de graduação fosse facilitado. Assim sendo, a reitora foi contatada através de seus assessores, os quais entregaram a ela os documentos supracitados. No prazo de uma semana houve resposta positiva (Anexo 1). De posse desta autorização, partiu-se para a etapa de contato com os (as) coordenadores (as) responsáveis por cada curso.

3.1.5 Contato com os coordenadores de curso.

Mesmo com a autorização da reitoria, era necessária a autorização de cada professor (a) coordenador (a) de curso onde a pesquisa fosse realizada, afinal, sendo eles os responsáveis, a coleta dos dados não poderia ser iniciada sem a devida consciência e concordância destes.

A primeira tarefa foi localizar todas as salas das coordenações em todos os centros, e iniciar os contatos. Para cada coordenador foi fornecido um envelope contendo: Solicitação de acesso aos discentes, projeto de pesquisa, termo de consentimento livre e esclarecido, instrumento de pesquisa e autorização institucional fornecida pela Reitoria. Após, ciente dos objetivos e da metodologia da pesquisa, cada coordenador confirmou a autorização de pesquisa, que foi apresentada aos docentes nas salas de aula.

O principal desafio desta etapa foi encontrar os coordenadores nas suas salas, já que diante da gama de atividades que exercem, necessitam deslocar-se no campus em muitas ocasiões, o que dificulta o contato com esses. Já quando localizados, a recepção ao estudo em geral foi positiva, excetuando os poucos casos de clara indiferença.

Dos 28 cursos participantes deste estudo, 15 deles são coordenados por homens e 13 são coordenados por mulheres.

3.1.6 Coleta dos dados.

Como em toda pesquisa de campo, a fase de coleta de dados apresentou dificuldades, mas também momentos de alegrias. De posse da autorização para acesso à sala de aula obtida a partir de conversa com o coordenador de cada curso, o mesmo informava a turma e o turno onde os dados seriam coletados, de forma a respeitar o critério de ser uma turma de estudantes acima do 4º período. Em alguns casos, o próprio coordenador era também o professor da turma, o que facilitava o acesso.

Assim, os questionários e termos de consentimento eram organizados e na data combinada, a turma era visitada. O principal obstáculo foi a resistência de alguns docentes em liberar o espaço da aula para a pesquisa. Em muitas oportunidades, várias datas eram remarçadas constantemente. O argumento de que os alunos estariam ocupados de maneira a não poder participar era frequente. Às vezes, apenas diante da autorização do coordenador combinada com a autorização da reitoria é que o docente liberava a turma para participação. Felizmente eram casos específicos, pois a maioria dos professores demonstrava bastante preocupação em ajudar no que fosse preciso.

Cada curso participou com o total de alunos de uma mesma turma. O número mínimo de participantes por turma foi quatro, no curso de Física. Neste curso houve retorno em dias diferentes com vistas a encontrar mais alunos na mesma turma, mas um número maior só era encontrado em turmas de calouros, e estes não atendiam aos critérios do estudo. O número máximo de participantes por turma foi 40, em Direito. A média, excetuando esses dois valores extremos, ficou em 17 participantes por turma e curso. A coleta ocorreu em todos os turnos, de acordo com o horário do curso.

Já na sala de aula, a pesquisa era apresentada aos alunos. O TCLE foi lido em todas as oportunidades e, todos recebiam orientações para que respondessem de maneira individual e comprometida. Em muitos casos, antes desse momento, o professor solicitava um pouco de espera até que concluísse uma explicação, assim, o pesquisador também foi aluno em muitos casos durante a coleta de dados. Também foi professor, pois em três cursos a disciplina ministrada era a de Metodologia Científica, assim, os docentes aproveitavam o ensejo para que as dúvidas dos alunos com relação aos métodos utilizados fossem respondidas. Foi o que uma professora chamou de “aproximar a pesquisa real da pesquisa simulada na teoria”. Os dados coletados foram tabulados no *software* Statistical Package for the Social Sciences – SPSS, e a versão impressa foi rigorosamente armazenada.

3.1.7 Tabulação e análise dos dados.

Após a coleta de todos os dados, a etapa de tabulação e análise se fez presente. Com isso, cada variável presente em cada questão no instrumento de pesquisa foi transformada em um dado numérico que alimentou o banco de dados formado no SPSS. A versão do programa utilizada foi a 19. De acordo com Marôco (2011) o SPSS é o *software* de manipulação, análise e apresentação de resultados de análise de dados de utilização, predominantemente nas Ciências Sociais e Humanas desde a década de 1960 quando foi inventado. O portal virtual da empresa que desenvolve o SPSS, a IBM, aponta Norman H. Nie, C. Hadlai (Tex) Hull e Dale H. Bent como criadores do programa na Universidade de Stanford. Norman era cientista social, enquanto seus outros colegas de invenção eram cientistas computacionais. Logo, o programa foi criado diante da necessidade de analisar grandes volumes de dados oriundos das pesquisas em ciências sociais, mas hoje é utilizado em todas as ciências em larga escala.

A criação do banco de dados deste estudo foi uma das etapas mais demoradas, pois cada resposta em cada questão dos 476 questionários, ainda que expressa em valores numéricos, teve de ser digitada. A partir da tabulação de todos os dados, as análises puderam ser realizadas, o que em computação é chamado de “rodar o programa”.

Para obtenção das frequências simples foi utilizado o caminho:

Analyze – Descriptive Statistics – Frequencies – Bar Charts – Percentages – Continue – Ok.

Para obtenção das correlações entre variáveis foi utilizado o caminho:

Analyze – Descriptive Statistics – Crosstabs – Cells – Percentages “row” – Statistics “correlations” – Continue – Ok.

Para a obtenção de frequências simples ou variáveis correlacionadas de critérios específicos foi utilizado o caminho:

Data – Select Cases – If condition satisfied – If – Continue – Ok.

Os dados obtidos são apresentados através de percentuais totais, de média e números absolutos expressos em quadros e gráficos.

3.2 Justificativa pela abordagem quantitativa.

O conflito entre as abordagens qualitativas e quantitativas nos estudos das ciências humanas e sociais é histórico e ainda persistente. Existem adeptos de todos os lados, desde os que apostam na dicotomia e, conseqüentemente, na real diferenciação entre qualitativo e quantitativo (optando por uma abordagem ou outra como “sendo melhor”), perpassando pelos estudiosos que consideram que cada uma tem valor igual sendo úteis para diferentes propósitos, até aqueles que preferem entender tais abordagens em uma visão complementar, de unidade, como se de qualquer maneira uma estivesse intrinsecamente relacionada à outra. (GENTIL, 2011)

Gunther (2006, p.207) ressalta que a questão não é colocar a pesquisa qualitativa versus a pesquisa quantitativa, mas decidir pela abordagem teórico-metodológica que permita chegar a um resultado que melhor contribua para a compreensão do fenômeno e para o avanço do bem-estar social.

Gentil (2011) ao analisar os importantes estudos de Santos Filho e Gamboa (2002) registra a posição dos autores que defendem o fim das polarizações entre abordagens, pois segundos eles, ficar nessas dicotomias entre qualitativo e quantitativo é seguir o caminho de falsos problemas.

Acerca do tratamento dos dados na abordagem quantitativa, Gatti (2004) revela que na área educacional, em geral, os pesquisadores o fazem através de percentagens e coeficientes de correlação. Quando há uma análise estatística mais robusta elas não são realizadas por educadores, mas por economistas, físicos, estatísticos, entre outros, porém, como estes não são profissionais da educação, muitas interpretações e teorizações nem sempre incorporariam as discussões necessárias. (GATTI, 2004, p.14).

Para os propósitos deste estudo foi escolhida a abordagem majoritariamente quantitativa. Tal opção pode despertar a atenção, pois o universo desta pesquisa é a área da educação, logo, de acordo com Ludke (1988, p.62) “em educação, há uma visível tendência de concentração de escolhas metodológicas das pesquisas recaindo sobre as chamadas abordagens qualitativas”.

E é o que, também, afirma Gatti (2004, p.13) ao mencionar que “atualmente, na área da pesquisa educacional, excluindo análises de dados de avaliações de rendimento escolar realizadas em alguns sistemas educacionais no Brasil, poucos estudos empregam metodologias quantitativas”.

No entanto, há problemas educacionais que para sua contextualização e compreensão necessitam ser qualificados através de dados quantitativos. Por exemplo, como compreender a questão do analfabetismo no Brasil, e discutir políticas em relação a esse problema, sem ter dados sobre seu volume e a sua distribuição segundo algumas variáveis, como gênero, idade, condição socioeconômica, região geográfica, cidade-meio rural, etc. Os números aqui se tornam muito importantes e suas relações também. (GATTI, 2004, p.13)

A intenção neste caso não foi de meramente contrariar a maioria, mas de utilizar a abordagem quantitativa para que os resultados do objeto de estudo “emergissem” através da estatística. O professor Hans Rosling, médico, acadêmico, estatístico e orador público sueco foi personagem principal de um documentário intitulado “The Joy of Stats” em tradução livre para o português “O prazer da estatística”. Na introdução do documentário, que data de 2010, Hans diz “O mundo em que vivemos está repleto de dados que chovem por todos os lados. Sozinhos, esses dados são apenas barulho e confusão. Para dar sentido a eles, achar significado, precisamos de um ramo poderoso da ciência – a estatística. “ E completa “Com a estatística podemos realmente entender o mundo. Graças ao incrível poder dos computadores modernos, ela pode ser fundamental para transformar o processo de descoberta científica.”

Neste estudo a abordagem quantitativa é expressa na forma de percentuais que se apresentam através de quadros e gráficos, de acordo com a necessidade. Gatti (2004, p.13) lembra que “em si, tabelas, indicadores, testes de significância, nada dizem. O significado dos resultados é dado pelo pesquisador em função do seu estofo teórico”. Ou seja, defende-se a postura de uma abordagem majoritariamente quantitativa, mas sem abrir mão das interpretações advindas da abordagem qualitativa, já que de acordo com Gunther (2006, p.12):

“dificilmente um pesquisador adjetivado como quantitativo exclui o interesse em compreender as relações complexas. O que tal pesquisador defende é que a maneira de chegar a tal compreensão é por meio de explicações ou compreensões das relações entre variáveis”.

Outro ponto importante é a necessidade de esclarecimento acerca do processo de generalização, tão marcado nas pesquisas quantitativas, e por vezes motivo de sua recusa na área educacional. A generalização, como premissa das posturas positivistas não é o foco deste estudo, pois ainda que o número da amostra seja substancial, não se considera que seja possível ampliar os resultados desta para a população total, mas, como prevê Gatti (2004) oferecer indícios sobre as questões tratadas e não verdades.

4. A REALIDADE ENCONTRADA: RESULTADOS E DISCUSSÕES

4.1 Contextualização: UFMA.

A Universidade Federal do Maranhão (UFMA) foi instituída, pelo Governo Federal, nos termos da Lei n.º 5.152, de 21/10/1966. No ano de 2016, a UFMA completou 50 anos de existência. Atualmente é uma das 41 instituições federais em nível superior no Brasil e de acordo com o *ranking* universitário organizado pelo jornal Folha de São Paulo em 2016, aparece na posição 54º dentre 195 instituições públicas e privadas avaliadas. Essa posição diz respeito à nota obtida através dos seguintes indicadores: Qualidade do ensino, excelência em pesquisa científica, mercado de trabalho, inovação e internacionalização. Ainda de acordo com o *ranking* da folha, a UFMA é a melhor instituição de ensino superior do Maranhão.

Atualmente, a UFMA oferece 79 cursos de graduação, 26 mestrados; 12 doutorados e 60 especializações, além de um Mestrado Interinstitucional e 11 Doutorados Interinstitucionais. (Portal UFMA, 2013). Além do campus de São Luís, na capital do Maranhão, a UFMA também atua em outros oito campi espalhados pelo interior do estado.

Tabela 1: Quantitativo de cursos de graduação da UFMA por campi.

Campus	Quantitativo de cursos
São Luís	41
Imperatriz	9
Chapadinha	4
Pinheiro	7
Bacabal	6
Balsas	2
Codó	3
Grajaú	2
São Bernardo	5
Total	79 cursos

Fonte:-- DEOAC -2017

De acordo com dados do Ministério da Educação, no ano de 2014, a UFMA foi a terceira instituição federal mais procurada por inscritos no Sistema de Seleção Unificada (SISU). Foram mais de 142 mil inscritos para seus cursos, ficando atrás apenas da Universidade Federal de Minas Gerais (UFMG) e da Universidade Federal do Piauí (UFPI).

Melo (2013) realizou estudo na UFMA em nível de Mestrado sobre a participação feminina nos cursos da área das ciências exatas da instituição. Com isso, obteve dados sobre o número de matrículas de homens e mulheres nos cursos de graduação da UFMA em 2010. Transcorridos sete anos, solicitou-se ao DEOAC, que cedeu as informações à Melo que atualizasse as mesmas, para fins de comparação das presenças feminina e masculina, nas diferentes áreas de estudo ofertadas pela instituição. A Tabela 2 apresenta estes dados:

Tabela 2: Matrículas de homens e mulheres nos cursos de graduação da UFMA:

Centro	Número de cursos		Homens matriculados		Mulheres matriculadas	
	2010	2017	2010	2017	2010	2017
Centro de Ciências Humanas	12	12	1.199	1163	1.449	1470
Centro de Ciências Sociais	11	11	1.898	1879	2.757	2475
Centro de Ciências Exatas	9	10	1.455	2375	560	1019
Centro de Ciências Biológicas	9	8	1.028	1154	1.497	1577

Fontes: Dados de 2010 obtidos através do DEOAC e disponíveis no estudo de Melo (2013). Dados de 2017 obtidos através do DEOC especificamente para este estudo.

Observa-se que com relação ao número de cursos por centro não houve grandes alterações, pelo contrário, eles se mantiveram em números semelhantes no período de referência. A participação masculina está distribuída entre todos os centros, mas assume predominância apenas no centro de ciências exatas, pois nos demais são as mulheres que se apresentam em maior número, com destaque para o centro de ciências sociais.

Atualmente, mesmo que o número de mulheres tenha praticamente dobrado na área das ciências exatas, isso significa uma evolução de apenas 5% da participação feminina nestes cursos nos últimos sete anos. Ainda que os homens não sejam maioria nos demais centros, estão presentes em números similares às mulheres, logo, o único ponto de separação relevante da presença masculina e feminina ainda é nos cursos de exatas, historicamente considerados como “masculinos”.

A Tabela 3 apresenta o quantitativo geral de discentes regulares por sexo e curso na UFMA (campus São Luís) no ano de 2017, assim como a demarcação da predominância do sexo em cada curso de graduação.

Tabela 3: Quantitativo geral de discentes regulares por sexo e curso na UFMA.

Centro	Curso	Sexo		Predominância
		Homem	Mulher	
CCH 12 cursos	Filosofia	174	136	Masculina
	História	177	136	Masculina
	Letras/Libras	22	62	Feminina
	Letras	115	252	Feminina
	Teatro	85	90	Equilibrado
	Geografia	200	124	Masculina
	Psicologia	107	267	Feminina
	Música	173	49	Masculina
	Estudos Africanos	43	41	Equilibrado
	Artes Visuais	67	127	Feminina
	Educação Artística	5	24	Feminina
	Ciências Sociais	120	162	Feminina
	Total	1.163	1.470	Feminina
CCSO 11 cursos	Hotelaria	89	177	Feminina
	Pedagogia	77	503	Feminina
	Serviço Social	19	293	Feminina
	Turismo	89	164	Feminina
	Ciências Econômicas	267	146	Masculina
	Comunicação Social	179	246	Feminina
	Direito	541	411	Masculina
	Biblioteconomia	87	194	Feminina
	Ciências Contábeis	213	143	Masculina
	Ciências Imobiliárias	117	38	Masculina
	Administração	201	160	Masculina
	Total	1.879	2.475	Feminina
CCET 10 cursos	Física	142	50	Masculina
	Engenharia Química	150	137	Equilibrado
	Matemática	182	69	Masculina
	Química	135	126	Equilibrado
	Engenharia Elétrica	321	72	Masculina
	Química Industrial	107	82	Masculina
	Ciência da Computação	350	40	Masculina
	BCT	869	295	Masculina
	Desenho Industrial	4	3	Equilibrado
	Design	115	145	Feminino
Total	2.375	1.019	Masculina	
CCBS 8 cursos	Nutrição	35	179	Feminina
	Medicina	347	232	Masculina
	Oceanografia	96	109	Equilibrado
	Ciências Biológicas	118	238	Feminina
	Educação Física	241	107	Masculina
	Enfermagem	82	328	Feminina
	Farmácia	132	203	Feminina
	Odontologia	103	181	Feminina
Total	1.154	1.577	Feminina	
Total: 41 cursos		6.631	6.438	Equilibrado

Fonte:-- DEOAC -2017

O total de cursos apresentados na Tabela 3 é de 41 cursos. Convém ressaltar que alguns cursos oferecem habilitações diversas, tais como, o curso de Letras que abrange os cursos de: Letras Espanhol, Letras Francês e Letras Inglês. O curso de Comunicação Social as habilitações: Jornalismo, Rádio e TV e Relações Públicas. E ainda existem ofertas de licenciaturas e bacharelado, como é o caso, por exemplo, do curso de Educação Física, que apresenta essas modalidades. Entretanto, não consideramos conveniente destacá-los.

Através da organização dos dados na Tabela 3 é possível observar que de maneira geral os números apontam para um equilíbrio da presença de matrículas de homens e mulheres na instituição. Todavia, a predominância feminina não se estende aos cursos de exatas, sendo o único curso de maioria feminina no CCET o de Design. Os cursos onde a predominância é masculina são: Filosofia, História, Geografia, Música, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis, Ciências Imobiliárias, Direito, Administração, Medicina e Educação Física. Já nos cursos de exatas não há um único curso onde a predominância seja feminina, mas metade destes apresenta uma relação de equilíbrio (considerada em uma diferença de até 10%) na presença de homens e mulheres.

Os cursos das exatas onde os homens são maioria absoluta são: Física, Matemática, Engenharia Elétrica, Ciência da Computação, e Bacharelado em Ciência e Tecnologia (BCT). Os cursos de humanas, sociais e biológicas onde as mulheres são maioria absoluta são: Letras, Pedagogia, Serviço Social, Biblioteconomia, Nutrição e Enfermagem.

4.2 Caracterização: Participantes do estudo.

O universo de análise deste estudo compõe 28 dos 41 cursos de graduação da UFMA no campus São Luís, ou seja, 68% de todos os cursos oferecidos pela instituição. De acordo com dados disponibilizados pela UFMA, foi possível traçar o perfil da distribuição de homens e mulheres nos cursos de graduação do campus São Luís, como pode ser observado na Tabela 3. Dessa maneira, na Tabela 4 estão apresentados apenas os 28 cursos participantes do estudo, assim como o número e sexo dos sujeitos envolvidos. Na coluna “Predominância no estudo”, o objetivo foi apontar o sexo com maior número de participantes em cada curso da amostra deste estudo. Já na coluna “Predominância Geral”, segue o mesmo apontamento, porém, relacionado ao número total de matrículas regulares, como demonstrados nas Tabelas 2 e 3.

Tabela 4: Predominância masculina e feminina dos sujeitos do estudo.

Centro	Curso	Sexo			Predominância no estudo	Predominância geral
		Homem	Mulher	Total		
CCH	Filosofia	13	6	19	Masculina	Masculina
	História	8	7	15	Equilibrado	Masculina
	Letras/Libras	1	12	13	Feminina	Feminina
	Letras	6	10	16	Feminina	Feminina
	Teatro	11	6	17	Equilibrado	Equilibrado
	Geografia	9	2	11	Masculina	Masculina
	Psicologia	5	16	21	Feminina	Feminina
	Música	14	8	22	Masculina	Masculina
	Estudos Africanos	6	9	15	Equilibrado	Equilibrado
	Artes Visuais	3	8	11	Feminina	Feminina
CCSO	Hotelaria	1	13	14	Feminina	Feminina
	Pedagogia	3	15	18	Feminina	Feminina
	Serviço Social	1	12	13	Feminina	Feminina
	Turismo	8	10	18	Equilibrado	Feminina
	Ciências Econômicas	9	7	16	Equilibrado	Feminina
	Comunicação Social	4	12	16	Feminina	Feminina
	Direito	26	14	40	Masculina	Feminina
	Biblioteconomia	0	10	10	Feminina	Masculina
	Ciências Contábeis	8	15	23	Masculina	Feminina
	Ciências Imobiliárias	6	5	11	Equilibrado	Masculina
CCET	Administração	12	13	25	Equilibrado	Feminina
	Física	3	1	4	Masculina	Masculina
	Engenharia Química	9	8	17	Equilibrado	Masculina
	Matemática	5	5	10	Equilibrado	Masculina
	Química	19	15	34	Equilibrado	Feminina
	Engenharia Elétrica	13	2	15	Masculina	Masculina
CCBS	Química Industrial	7	5	12	Equilibrado	Equilibrado
	Oceanografia	10	10	20	Equilibrado	Masculina
Total: 28 cursos		220 homens 46%	256 mulheres 54%	476	Índice de concordância: 57%	

Fonte: DEOAC -2017.

De posse desses dois indicadores, foi possível comparar a amostra participante com a população geral, visando estabelecer um índice de concordância entre a realidade pesquisada e o contexto maior na qual está inserida. Assim, dos 28 cursos participantes deste estudo, 16, ou seja, 57% destes demonstraram concordância entre a distribuição de sexos da amostra e do contexto. Com essa informação, ressalta-se a validade da amostra em ser uma representação aproximada de seu universo pertencente.

4.3 Contextualização: Perfil dos participantes do estudo.

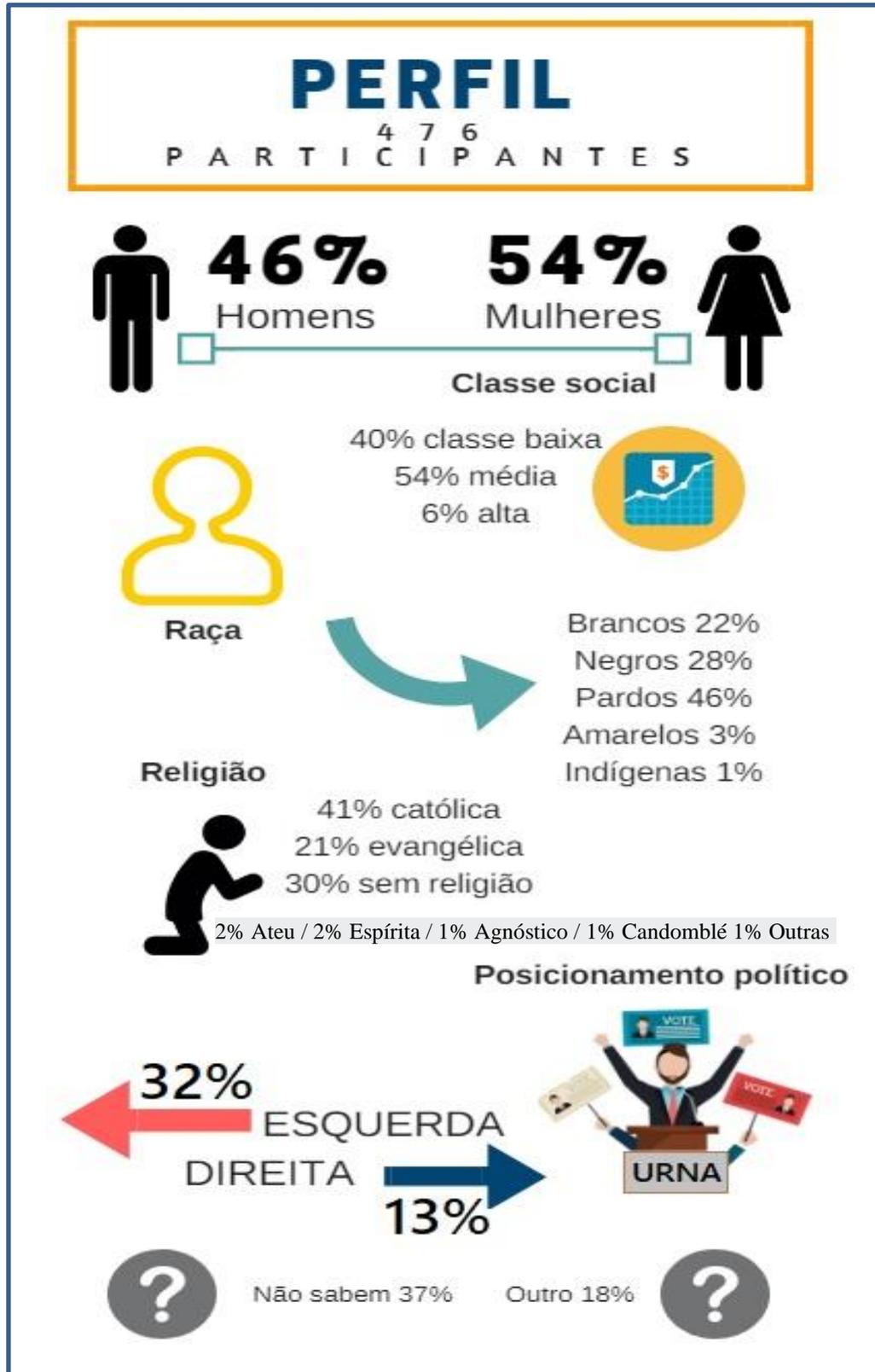


Figura 1: Perfil dos participantes do estudo.
Fonte: Nossa autoria.

4.4 “Isso é coisa de homem e aquilo é coisa de mulher”

Nesta seção serão apresentados os resultados obtidos na etapa dois e a relação destes com os dados da etapa um, a fim de proporcionar a correlação destas variáveis e um maior entendimento do todo.

Tabela: 5: Percentual geral dos itens marcados na etapa 2 do instrumento de pesquisa:

Itens	Homens	Mulheres	Ambos
1. Dirigir.	1%	0%	99%
2. Cozinhar.	0%	3%	97%
3. Racionalidade.	3%	1%	96%
4. Emoção.	0%	10%	90%
5. Objetos, roupas e acessórios na cor rosa.	0%	16%	84%
6. Objetos, roupas e acessórios na cor azul.	8%	0%	92%
7. Limpar a casa.	0%	2%	98%
8. Cuidar dos filhos.	0%	2%	98%
9. Estudar Ciências Exatas.	2%	0%	98%
10. Estudar Ciências Humanas.	0%	1%	99%
11. Estudar Ciências Biológicas.	0%	1%	99%
12. Estudar Ciências Agrárias.	1%	0%	99%
13. Estudar Ciências Sociais.	0%	1%	99%
14. Jogar futebol.	8%	0%	92%
15. Brincar de carrinhos.	21%	0%	79%
16. Brincar de casinha.	0%	26%	74%
17. Sair para beber com os amigos.	5%	0%	95%
18. Sair para dançar com os amigos.	2%	3%	95%
19. Tomar a iniciativa na paquera.	13%	1%	86%
20. Pagar a conta do restaurante.	10%	0%	90%
21. Pagar a conta do motel.	16%	1%	83%
22. Ser consumista.	1%	7%	92%
23. Ser econômico.	6%	2%	92%
24. Ser um líder.	5%	2%	93%
25. Usar maquiagem.	1%	45%	54%
26. Fazer as unhas.	1%	17%	82%
27. Usar saia.	0%	61%	39%
28. Usar calça.	1%	0%	99%
29. Cabelos curtos.	5%	0%	95%
30. Cabelos longos.	0%	11%	89%
31. Sustentar a casa.	4%	0%	96%
32. Gostar de sexo.	2%	0%	98%
33. Assistir filmes e vídeos eróticos.	10%	1%	89%
34. Sonhar com o casamento.	0%	11%	89%
35. Fazer fofoca.	1%	9%	90%
36. Gostar de crianças.	0%	2%	98%
37. Gostar de matemática.	3%	0%	97%
38. Gostar de português.	0%	2%	98%
39. Gostar de esportes.	4%	0%	96%
40. Dançar.	0%	4%	96%

Fonte: Nossa autoria.

Na etapa 2 do instrumento de pesquisa foi exibido aos alunos uma lista com 40 itens, exatamente como seguem dispostos na Tabela 5. Para responder essa lista, o enunciado orientava “Diante dos itens apresentados, marque com um x aquilo que, **em sua opinião**, você considera como coisa de homem, de mulher, ou de ambos os sexos.” Sendo assim, cada item exposto na Tabela 5 corresponde a um objeto ou comportamento historicamente declarado como pertencente ao universo feminino ou masculino. Por exemplo, no item 1 “dirigir”, 1% dos participantes marcou como sendo algo para homens, ninguém marcou como sendo algo para mulheres e 99%, a maioria absoluta, marcou se tratar de uma coisa para ambos os sexos, logo, a conclusão acerca deste item é que a maior parte dos sujeitos deste estudo não percebe o ato de dirigir como inerente a esse ou aquele sexo, mas algo para todas as pessoas. Observa-se então uma visão não sexista sobre esse ponto, mas que nem sempre foi assim. No Brasil, demorou até que as mulheres fossem entendidas como capazes para conduzir um veículo. Até hoje é comum a frase “Mulher no volante, perigo constante”. Em alguns lugares do mundo, como a Arábia Saudita, em pleno ano de 2017 as mulheres ainda são proibidas de dirigir, e mesmo no Brasil, uma mulher taxista, por exemplo, é vista com admiração por uns e por desconfiança por outros, mas poucas vezes entendida como apenas mais um motorista, como qualquer homem seria. Essa contextualização foi importante para que a presença de cada item da etapa 2 seja compreendida como objeto de análise de percepções sexistas ou não.

Desta maneira, a primeira análise dos dados desta Tabela 5 constata que em geral, a maioria dos estudantes sujeitos deste estudo considera que os itens apresentados são inerentes a ambos os sexos, não discriminando entre “coisas de mulher e coisas de homem”, pois a maioria dos itens foi marcado para ambos os sexos em um percentual superior a 90%.

Ocorre que essa visão geral sobre os percentuais obtidos omite informações importantes que só podem ser observadas por uma ótica mais específica. Logo, a conclusão direta ao afirmar “Os universitários que responderam esse estudo não tem visão sexista na maioria dos casos. Fim” seria superficial e irresponsável, pois diante de tantos dados, o objeto de estudo não poderia limitar sua análise a quantitativos gerais e genéricos, mas precisava ir além e executar o que preconiza a prática em investigação científica: olhar o objeto de todas as maneiras possíveis até compreender como o todo se articula entre si.

Assim sendo, a primeira atitude tomada foi o direcionamento do olhar para a mesma Tabela 5, mas de uma maneira mais específica, demarcando os itens que apresentaram índice para “ambos” de valor igual ou inferior a 90%, o que para fins didáticos, é demonstrado melhor na Tabela 6, já demarcada nos itens de análise.

Tabela 6: Percentuais mais elevados na etapa 2 do instrumento de pesquisa.

Itens	Homens	Mulheres	Ambos
1. Dirigir.	1%	0%	99%
2. Cozinhar.	0%	3%	97%
3. Racionalidade.	3%	1%	96%
4. Emoção.	0%	10%	90%
5. Objetos, roupas e acessórios na cor rosa.	0%	16%	84%
6. Objetos, roupas e acessórios na cor azul.	8%	0%	92%
7. Limpar a casa.	0%	2%	98%
8. Cuidar dos filhos.	0%	2%	98%
9. Estudar Ciências Exatas.	2%	0%	98%
10. Estudar Ciências Humanas.	0%	1%	99%
11. Estudar Ciências Biológicas.	0%	1%	99%
12. Estudar Ciências Agrárias.	1%	0%	99%
13. Estudar Ciências Sociais.	0%	1%	99%
14. Jogar futebol.	8%	0%	92%
15. Brincar de carrinhos.	21%	0%	79%
16. Brincar de casinha.	0%	26%	74%
17. Sair para beber com os amigos.	5%	0%	95%
18. Sair para dançar com os amigos.	2%	3%	95%
19. Tomar a iniciativa na paquera.	13%	1%	86%
20. Pagar a conta do restaurante.	10%	0%	90%
21. Pagar a conta do motel.	16%	1%	83%
22. Ser consumista.	1%	7%	92%
23. Ser econômico.	6%	2%	92%
24. Ser um líder.	5%	2%	93%
25. Usar maquiagem.	1%	45%	54%
26. Fazer as unhas.	1%	17%	82%
27. Usar saia.	0%	61%	39%
28. Usar calça.	1%	0%	99%
29. Cabelos curtos.	5%	0%	95%
30. Cabelos longos.	0%	11%	89%
31. Sustentar a casa.	4%	0%	96%
32. Gostar de sexo.	2%	0%	98%
33. Assistir filmes e vídeos eróticos.	10%	1%	89%
34. Sonhar com o casamento.	0%	11%	89%
35. Fazer fofoca.	1%	9%	90%
36. Gostar de crianças.	0%	2%	98%
37. Gostar de matemática.	3%	0%	97%
38. Gostar de português.	0%	2%	98%
39. Gostar de esportes.	4%	0%	96%
40. Dançar.	0%	4%	96%

Fonte: Nossa autoria.

Apenas com esse segundo recorte para análise, muitas constatações já se fazem possíveis: Dos 40 itens apresentados, 14 foram marcados de forma mais frequente como sendo algo especificamente para homens ou para mulheres: emoção, objetos na cor rosa, brincadeiras com carrinhos e bonecas, iniciativa na hora da paquera, pagar a conta do

restaurante e do motel, usar maquiagem, fazer unhas, usar saia, ter o cabelo longo, assistir vídeos e filmes eróticos, sonhar com o casamento e fazer fofoca.

Assim sendo, pode-se afirmar que com relação a esses itens, uma visão sexista dos universitários deste estudo fica mais evidente, pois um percentual importante destes acredita, por exemplo, que emoção é algo para mulheres (10%), mas ninguém marcou este item como sendo algo exclusivo dos homens. Sendo 476 o número total de participantes deste estudo, esses 10% correspondem a aproximadamente 47 universitários, entre homens e mulheres, que acredita que a emoção é algo relacionado ao universo feminino e não ao masculino.

O entendimento dessas percepções enseja a reflexão sobre o imaginário social acerca dos estereótipos de gênero que os universitários possuem. Estereótipos esses que fomentam preconceitos e ganham vida nas mais diversas formas de discriminação. Desta maneira, dos 40 itens apresentados, foram 14 os mais marcados como sendo pertencentes a esse ou aquele sexo, todavia, destes 14, seis se destacaram pelos altos percentuais de marcação. São eles:

- 1º. Usar saia: 61% marcou esse item como “coisa de mulher”.
- 2º. Usar maquiagem: 45% marcou esse item como “coisa de mulher”.
- 3º. Brincar de casinha: 26% marcou esse item como “coisa de mulher”.
- 4º. Brincar de carrinhos: 21% marcou esse item como “coisa de homem”
- 5º. Fazer as unhas: 17% dos participantes marcou esse item como “coisa de mulher”.
- 6º. Objetos na cor rosa: 16% marcou esse item como “coisa de mulher”.

Esses percentuais obtidos indicam mais do que itens mais frequentes em si, mas contém representações importantes sobre elementos exclusivos de mulheres e homens. Nesse caso, foi mais frequente o registro de elementos femininos do que masculinos, ou seja, reforça-se a ideia de que o que é “de homem” pode ser algo estendido às mulheres, sem maiores conflitos. Todavia, o que é “de mulher” demarca um espaço único, no qual os homens não podem apropriar-se, pelo menos não se quiserem manter a sua masculinidade e o seu valor social. Os outros itens mais marcados como “masculinos” foram: pagar a conta do motel (16%), tomar a iniciativa na paquera (13%), pagar a conta do restaurante (10%) e assistir vídeos e filmes eróticos (10%).

Essa implicação de elementos femininos pode ser relacionada com a alta taxa de preconceitos e discriminação que as mulheres travestis, transexuais e transgêneras sofrem na sociedade. Afinal, se a fronteira entre o feminino e o masculino é tão bem definida, aqueles

que ousam ultrapassá-la são objeto de todo tipo de ódio e punições por quem apresenta uma mentalidade sexista.

Segundo pesquisa realizada pela organização não governamental Transgender Europe (TGEU), e publicada pela Agencia Brasil, o Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo. De acordo com os dados, entre janeiro de 2008 e março de 2014 foram registradas 604 mortes no país.

O Grupo Gay da Bahia (GGB), também realiza pesquisas que mensuram a violência contra a população LGBT, sendo a mais antiga associação de defesa dos direitos humanos dos homossexuais e transexuais no Brasil. De acordo com o GGB, 2016 foi o ano mais violento para a população LGBT nas últimas três décadas, (nos últimos 37 anos precisamente, desde que o grupo começou a contabilizar os casos que tinha conhecimento) sendo registradas 343 mortes apenas em 2016, e destas, 144 foram mortes de travestis e transexuais, ou seja, uma a cada três dias. A baixa expectativa de vida dos transexuais e transgêneros é também algo preocupante, pois, enquanto a expectativa de vida brasileira é de 75 anos, a dos travestis é de apenas 35. No relatório de 2016 do GGB outro dado é ainda mais assustador: Matam-se mais homossexuais no Brasil do que nos 13 países do Oriente e da África onde existe pena de morte para lésbicas, gays, bissexuais e transexuais.

De acordo com o GGB (2016), as travestis geralmente são assassinadas a tiro ou espancadas na rua, enquanto que os gays são mortos dentro de casa. Isso ocorre, pois os travestis e transexuais são mortos quando em exposição durante a atividade de prostituição, enquanto os gays, bissexuais e lésbicas sofrem violência, que muitas vezes culmina em morte, pela própria família. Exemplos disso não faltam, e a maioria dos crimes é seguido de uma impressionante crueldade, como o caso da travesti Dandara que em março de 2017 foi espancada, apedrejada e morta a tiros no Ceará, tudo isso na rua e à luz do dia, enquanto os seus agressores filmavam, sorriam e ironizavam “Ela tá até de calcinha!”. Ou o caso de Itaberli Lozano, de 17 anos, homossexual, que em dezembro de 2016 foi morto em casa com três facadas no pescoço desferidas pela própria mãe, e depois queimado e jogado em um canavial. Para a polícia, a mãe e algoz de Itaberli, disse que “não aguentava mais” o filho.

Aqueles que não correspondem com a performance de gênero esperada, ou seja, homens que se comportam e se vestem “como mulheres” e mulheres que se comportam e se vestem “como homens” são os maiores alvos do preconceito e da discriminação.

A desestabilização provocada por sua performance de gênero, constantemente associada a um conjunto de estereótipos negativos sobre a homossexualidade em geral, torna as travestis as vítimas preferenciais de violência homofóbica em diferentes contextos. Nesse sentido, o grau de exposição a atos violentos separa muito nitidamente diferentes categorias – gays, lésbicas e travestis - frequentemente agrupadas sob a genérica rubrica de “homossexuais”. (CARRARA e VIANNA, 2006, p.234)

Carrara e Vianna (2006) apontam que o descaso policial em investigar os crimes com mais detalhes é comum, e o arquivamento dos processos sem identificação dos culpados também é uma prática recorrente. Citam apenas dois casos onde o Ministério Público contrariou o relatório do delegado responsável, já que “enquanto este afirmava que as possibilidades de diligência haviam se esgotado, o promotor argumentou que muitas alternativas ainda não haviam sido exploradas e que era só uma questão de querer”.

O outro promotor que se mostrou indignado com a ausência do trabalho policial, mencionou o desinteresse da Polícia Civil em apurar os crimes, pois neste caso em questão, uma travesti foi morta a tiros e nem o depoimento das testemunhas foi tomado. (CARRARA e VIANNA, 2006). Ou seja, na maioria das vezes, nem os procedimentos mínimos de investigação são realizados quando se trata da morte de travestis.

De modo geral, os dados revelaram que o tipo de violência letal que incide sobre travestis, bem como o perfil sociológico desse tipo de vítima, é bem diferente da que tende a atingir outros homens não heterossexuais. Tomando como base a classificação de cor atribuída por policiais e médicos legistas, pode-se sugerir que entre as travestis vitimadas há predominância de negros e pardos, indicativo de seu pertencimento aos estratos mais pobres da sociedade brasileira, enquanto entre os gays, ou seja, homossexuais que não exibem tão claramente as marcas de sua “diferença”, predominam indivíduos classificados como brancos, com alta escolaridade e oriundos das camadas médias urbanas. (CARRARA e VIANNA, 2006, p.235).

No dia 30 de novembro de 2016, a Comissão Mista de Combate à Violência contra a Mulher (CMCVM) realizou dois debates para discutir a violência de gênero. O segundo debate do dia versou sobre a violência sofrida por travestis e transexuais. Seguem alguns relatos:

“A violência começa dentro de casa. Muitas das vezes é dentro do lar que começa a violência. Vou citar aqui um exemplo que eu vi na internet, muito forte: Em 2014 uma menina trans de oito anos foi espancada no Rio de Janeiro até a morte pelo pai que queria ensiná-la a comportar-se como homem. Esse pai matou essa trans. E as outras que não morrem, mas são agredidas violentamente? Que são todos os dias agredidas dentro da própria casa? Se a família não aceita e não respeita, quem vai respeitar? Melissa Massayuri – Ativista Trans.

“O que chama atenção são os requintes de crueldade. Nós sabemos que pra matar uma pessoa só necessita às vezes de um golpe, uma facada ou um tiro. Mas nas pessoas trans, esse número se eleva. São vítimas às vezes de 100 facadas...” Paula Benett – Rede Nacional de Pessoas Trans do Brasil.

“Esse histórico que é a nossa infância, essa dificuldade que a gente tem de adentrar nas escolas, por que são poucas as meninas que tem essa coragem de pegar um tapa de um amigo, de pegar um tapa com palavras de um professor e voltar naquele outro dia, e voltar no segundo dia, e são quatro anos, mais quatro....é difícil. Quando a gente põe pra fora, pra vivenciar nossa transexualidade, são poucas que conseguem vivenciar uma vida ‘digna’, um emprego mais cômodo, um emprego formal. Portanto, quando aquele pai expulsa a gente de casa, o caminho que tem é viver na rua e viver na rua você está sujeito a todo tipo de agressões, e viver na rua como uma mulher transexual ou travesti, triplica essas situações de agressões”. Bianca Moura – Representante da Articulação Nacional de Travestis, Transexuais e Transgêneros.

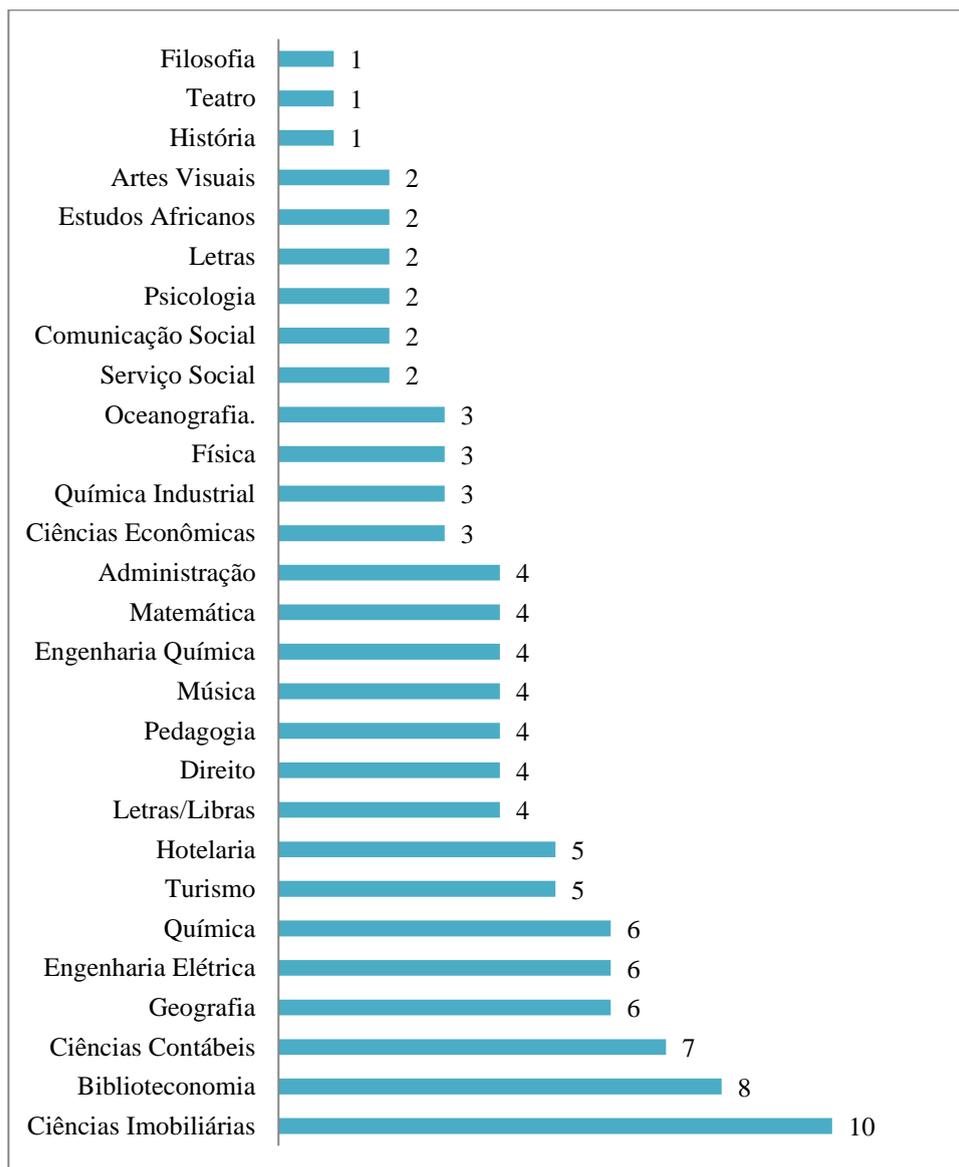
Com relação ao relato de Bianca Moura, o portal *on-line* do senado brasileiro aponta a discriminação como principal responsável pela evasão escolar dos travestis e transexuais, impedindo o acesso a empregos de qualidade e reservando a prostituição como única fonte de renda possível para 90% das transexuais brasileiras.

Ainda que a comunidade LGBT seja a mais diretamente violentada, as mulheres e homens heterossexuais também o são, mas de maneira mais indireta, quando são limitados à representação de estereótipos que causam aprisionamento e limitação do potencial de expressão e vivências. Afirmar que bonecas são brinquedos exclusivos de meninas e que carrinhos são para meninos, é mais do que apenas diferenciar brinquedos, mas o início de uma vida social que espera e opera no sentido de caminhos diferentes também.

Assim, diante dos 40 itens apresentados considerou-se uma postura não sexista o ato de marcar a opção “ambos” e uma postura sexista o ato de discriminar itens de acordo com o sexo. Então, o valor 0 foi atribuído para a opção “ambos” e o valor 1 foi atribuído tanto para a opção “homens” quanto para a opção “mulheres”. Com isto, foi possível mensurar em números que variam de 0 (no caso do participante marcar todos os itens como para ambos os sexos) a 40 pontos (no caso do participante marcar todos os itens como pertencentes a esse ou aquele sexo). Ou seja, uma percepção não sexista seria próxima ao valor 0 e uma percepção sexista seria mais distante deste.

Então, primeiro foi contabilizado o número de marcações de cada sujeito individualmente, depois, todos os dados foram somados de acordo com cada curso e a média obtida, já retirados os valores extremos em cada caso. Assim sendo, no gráfico abaixo é apresentada a média geral obtida em cada curso participante.

Gráfico 1: Média geral obtida em cada curso da amostra.

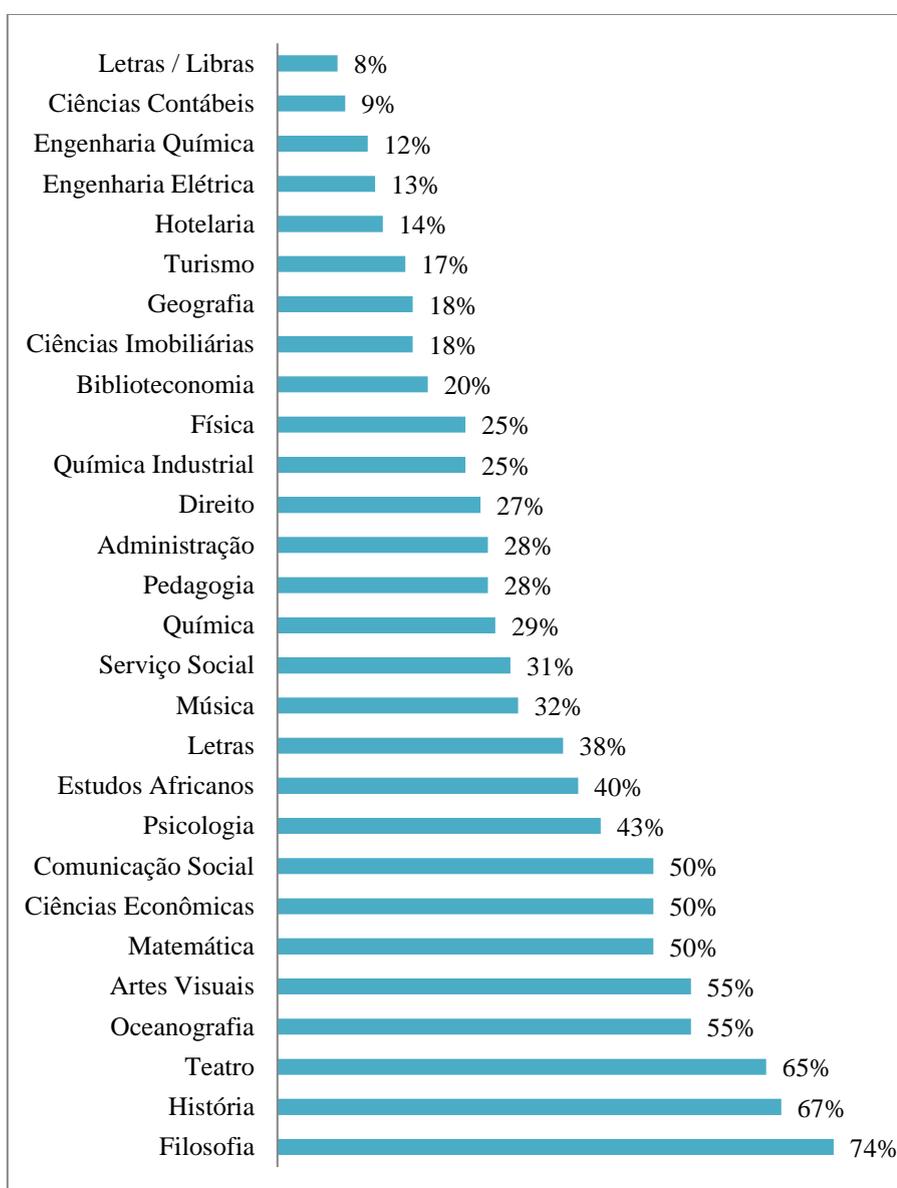


Fonte: Nossa autoria.

A partir do gráfico que apresenta a média geral de pontos obtida em cada curso, é possível notar que em geral os dados são animadores na maioria dos casos, como por exemplo, nos cursos de Filosofia, Teatro e História onde em média apenas um item foi marcado como pertencente a um sexo específico (no caso, usar saia) e os demais foram

marcados como pertencentes a ambos os sexos, sendo então considerados neste ponto como os menos sexistas da amostra. Também de acordo com esse viés, os cursos onde os sujeitos foram mais sexistas foram Ciências Imobiliárias, Biblioteconomia e Ciências Contábeis, indo na contramão da expectativa inicial que hipotetizava ser os cursos da área das ciências exatas. O gráfico a seguir apresenta apenas o percentual por curso de participantes que obtiveram “total 0” na etapa 2, ou seja, que dos 40 itens apresentados marcaram a opção “ambos” para todos eles.

Gráfico 2: Percentual por curso de acordo com os sujeitos que obtiveram total 0 na etapa 2.



Fonte: Nossa autoria.

Mais uma vez se observa que os cursos de Filosofia, História e Teatro foram onde os sujeitos demonstraram uma visão não sexista na maioria das vezes. Filosofia aparece com 74% dos alunos participantes marcando todos os itens da etapa 2 como sendo pertencentes a ambos os sexos. História e Teatro chegam logo em seguida com 67% e 65% respectivamente. Os cursos com percentuais mais baixos, ou seja, com menor número de alunos obtendo total 0 na etapa 2, foram Letras/Libras e Ciências Contábeis com apenas 8% e 9% respectivamente. Ao todo, o número de participantes que obteve total 0 foi 160, ou seja, 34% da amostra total composta por 476 sujeitos. Sobre estes, mais detalhes serão observados na sequência.

Por outro lado, muitos sujeitos alcançaram pontos bem acima do máximo encontrado no curso considerado mais sexista (que obteve 10 pontos). Foram muitos os sujeitos que marcaram a opção “ambos” para todos os 40 itens, mas também foram muitos os que distribuíram “x” entre elementos distintos para homens e mulheres de forma muito frequente. Nenhum sujeito da pesquisa atingiu o valor máximo de 40 pontos, mas muitos atingiram 15, 20, 25, até 37 pontos na etapa 2, sendo considerados extremamente sexistas. Dessa maneira, conhecer estes sujeitos foi necessário para que a relação entre suas percepções e seus perfis pudesse ser estabelecida e, talvez padrões e tendências pudessem ser reconhecidos.

Assim sendo, o próximo quadro apresenta muitas informações relevantes para análise que foram concentradas no mesmo local para fins de comparação. A primeira coluna “Categorias” apresenta todas as questões da primeira etapa do instrumento de pesquisa. A segunda coluna “características” apresenta todas as possibilidades de respostas para as perguntas da primeira coluna. A terceira coluna, denominada apenas como “G” apresenta os dados equivalentes a média geral de respostas de todos os 476 participantes deste estudo. A quarta coluna, apresentada como “T-0” significa total zero e então, apresenta a média de respostas daqueles 160 participantes que obtiveram valor 0 nas respostas da etapa 2. As colunas +10, +20, e +25 significam o aprofundamento da análise na busca por respostas mais completas. Após o levantamento dos dados de forma geral, depois de quem obteve total 0, chegou a vez de conhecer quem foram os sujeitos que obtiveram mais de 10 pontos na etapa 2 (+10), que correspondem a 62 pessoas. Com vistas a ampliar a discussão, novo recorte foi dado, agora apenas com quem obteve mais de 20 pontos na etapa 2 (+20), que correspondem a 13 pessoas. E um último corte de análise foi dado, desta vez com apenas os sujeitos que fizeram mais de 25 pontos (+25) que correspondem a sete sujeitos deste estudo.

Tabela 7: Características dos sujeitos e o percentual de respostas em cada corte de análise.

Categorias	Características	G	T-0	+10	+20	+25
		476	160	62	13	07
Sexo	Homens	46%	47%	55%	69%	57%
	Mulheres	54%	53%	45%	31%	43%
Classe social	Baixa	40%	40%	40%	46%	43%
	Média	54%	52%	56%	54%	57%
	Média Alta	5%	8%	4%	-	-
	Alta	1%	-	-	-	-
Religiosidade	Não	34%	46%	31%	23%	29%
	Sim	63%	54%	69%	77%	71%
Religião	Católica	41%	33%	40%	69%	86%
	Evangélica	21%	11%	32%	16%	-
	Sem religião	30%	46%	27%	15%	14%
	Ateu	2%	2%	-	-	-
	Espírita	2%	3%	-	-	-
	Agnóstico	1%	3%	-	-	-
	Candomblé	1%	1,5%	-	-	-
	Paganismo Esotérico	0,5%	0,5%	-	-	-
Posição política	Messiânica	0,5%	0%	-	-	-
	Direita	13%	7%	24%	38%	29%
	Esquerda	32%	51%	18%	23%	43%
	Não sei	37%	23%	34%	23%	14%
Raça	Outro	18%	19%	24%	16%	14%
	Branco	22%	26%	23%	23%	29%
	Preto	28%	26%	24%	31%	14%
	Pardo	46%	43%	52%	46%	57%
	Amarelo	3%	3%	1%	-	-
Machismo	Indígena	1%	2%	-	-	-
	Sim	11%	10%	26%	39%	29%
Feminismo	Não	89%	90%	74%	61%	71%
	Necessário	70%	91%	37%	15%	28%
	Desnecessário	12%	2%	35%	54%	44%
Feminista?	Não sei	18%	7%	28%	31%	28%
	Sim	35%	56%	8%	8%	-
	Não	65%	44%	92%	92%	100%

Fonte: Nossa autoria

Através da esquematização dos dados na Tabela anterior é possível relacionar as respostas e estabelecer comparações de maneira rápida e eficiente, porém, os principais dados do quadro serão apresentados a seguir em formato de gráficos para tornar a apresentação dos resultados mais didática e de fácil entendimento.

De acordo com Filho, Eufrásio e Batista (2011, p.565), para a maior compreensão do sexismo, é importante relacionar os valores dos sujeitos através do máximo de variáveis, pois este seria um “caminho interessante para a elucidação de questões relacionadas ao sexismo e

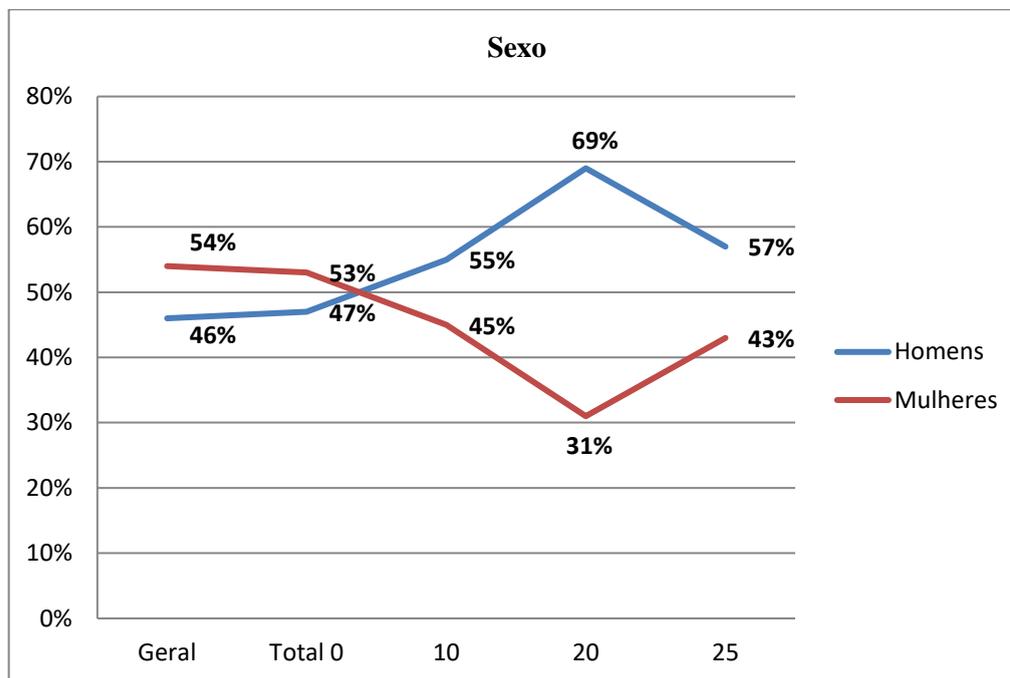
aos estereótipos de gênero”. Os autores citam como exemplo, as seguintes categorias: religião, estado civil e escolaridade dos pais, renda familiar, cor da pele, tabagismo, uso de bebidas alcoólicas e de drogas, antecedentes de violência, entre outros. Costa et al (2014, p.128) indicam que “atitudes sexistas, tem sido fortemente associadas a valores sociais convencionais, religiosidade, tendência política, e a outras desigualdades sociais”. Portanto, neste estudo, buscou-se abranger tais categorias da maneira mais ampla possível, a fim de compreender o fenômeno de forma também mais ampla. As Categorias elencadas foram: sexo, classe social, religiosidade e religião, posição política, machismo e feminismo.

4.4.1 Sexo: Quem é mais sexista: homens ou mulheres?

A primeira categoria estudada diz respeito ao sexo dos sujeitos participantes. Objetivou-se com isso, conhecer o sexo daqueles considerados menos sexistas e aqueles mais sexistas, com intenção de verificar o percentual de homens e mulheres envolvidos nesse processo e suas percepções. O senso comum imputa ao homem toda responsabilidade acerca do sexismo, como se mulheres fossem apenas vítimas e os homens os agressores. Todavia, Formiga, Gouveia e Santos (2002) ao pesquisarem 200 graduandos do curso de Psicologia do Centro Universitário de João Pessoa (UNIPÊ), encontraram dados onde homens e mulheres se mostraram igualmente sexistas, a diferença é que os homens demonstraram isso de maneira mais hostil do que as mulheres. Os estudos de Costa et al (2014, p.134) também comprovam que “tanto os homens como as mulheres revelaram maior hostilidade em relação ao sexo”.

Desta maneira, este estudo ao abranger 476 pessoas, sendo 220 homens e 256 mulheres, ou em forma percentual, 46% e 54% respectivamente, aponta que: dos 160 participantes que obtiveram total 0, esse percentual se mantém equivalente, assim como no primeiro corte de 10+. A diferença da distribuição entre homens e mulheres surge no corte 20+, onde desta vez, os homens compõe 69% dos sexistas e as mulheres apenas 31%. Entretanto, no corte 25+ o percentual entre homens e mulheres novamente se aproxima. Esses dados comprovam os estudos de Formiga, Gouveia e Santos (2002) e Costa et al (2014) quando apontam a existência de percepções sexistas independentemente do sexo da pessoa. Assim sendo, apesar de um breve distanciamento no nível + 20, homens e mulheres apresentaram índices de sexismo muito semelhantes. O gráfico 3 ilustra os resultados obtidos nessa variável.

Gráfico 3: Categoria "sexo" dos participantes e o sexismo.



Fonte: Nossa autoria.

4.4.2 Classe social: Ser mais pobre é ser mais sexista?

Belotti (1985, p.13) registra que é nas camadas menos evoluídas da população que os estereótipos femininos e masculinos são mais acentuados e não se toleram as variações que o sexismo assume um peso ainda maior. Filho, Eufrásio e Batista (2011, p.563) ao pesquisarem sobre sexismo, não encontraram nos seus resultados a relação entre classe social e níveis de sexismo mais acentuado, pelo contrário, de acordo com os autores “é possível que o resultado encontrado indique que os estudantes de escolas de bairros mais abastados sejam mais estereotipados que os demais”

Em março de 2017, Mario Sergio Cortella, professor universitário, filósofo e educador, em entrevista ao programa “Mariana Godoy Entrevista” assim fala sobre a relação entre machismo e nível econômico e cultural da população:

Apresentadora: De acordo com o Mapa da Violência de 2015, o Brasil tem uma taxa de homicídio de quase cinco mulheres por 100 mil habitantes (é o 5º no ranking mundial). Os primeiros países, com exceção da Rússia, são: El Salvador, Colômbia e Guatemala e o próprio Brasil, são países latinos. Isso significa alguma coisa?

Cortella: Significa que são países colonizados, acima de qualquer coisa, mais do que apenas latinos. São países em que a gente tem a ideia da posse da mulher como sendo algo da naturalidade. São histórias de colonização em que de um lado o apresamento e a mortandade da população local indígena foi um fato, em segundo lugar a escravatura trazida da África a força, trazendo também pessoas como sua propriedade foi outro fato. Se observar, nós temos aí uma série de nações, entre essas que você mencionou que tiveram ou trabalho escravo ou genocídio e, portanto, colocar as mulheres em uma posição de propriedade não foi algo tão estranho. Também são nações muito pobres em relação ao seu desenvolvimento social, não a base econômica, o Brasil é uma das oito economias mais poderosas do planeta. **Não é a riqueza material que explica o machismo, é a pobreza cultural**, isto é, a incapacidade de olhar isso de outra maneira.

Apresentadora: Você acha que é inversamente proporcional à educação ou à cultura?

Cortella: Em boa parte, mas não exclusivamente. Por exemplo, a nação norte-americana que tem índices econômicos altos, ela também tem uma taxa muito alta de violência contra as mulheres. Se você observa algumas nações onde existem indicadores em que a educação é quase exemplar, como é o caso do Japão, ainda assim nós não deixamos de ter situações em que a mulher está secundarizada. [...] Não há essa relação tão direta, mas a influência da má educação escolar ela é muito forte, haja vista que no Brasil, os estados que tem os índices mais agressivos são aqueles onde existe uma redução da escolaridade.

Indo de acordo com o posicionamento do professor Cortella, os pesquisadores Filho, Eufrásio e Batista (2011) indicam uma série de estudos que comprovam a relação do sexismo não com a classe social, mas com o nível de escolaridade das pessoas, ou seja, pessoas com menos tempo de estudo são em geral, mais sexistas. Já Belo (2005) relaciona o pouco estudo com a classe social baixa, não de forma separada, mas como a combinação que leva a um nível mais elevado de sexismo.

Com relação ao nível de escolaridade, na universidade os acadêmicos tem a possibilidade de participar de grupos de pesquisa e extensão. De acordo com Odélius e Sena (2009) os grupos de pesquisa promovem o desenvolvimento do conhecimento e funcionam como ponte para os alunos de graduação ingressarem nos programas de pós devido ao conhecimento e a experiência advinda da prática com pesquisa científica. Logo, são espaços onde o nível educacional se eleva. Desta maneira, questionou-se aos sujeitos deste estudo se estes faziam parte de grupos de pesquisa na universidade. Os resultados demonstram que de

maneira geral, 20% dos estudantes desta amostra participam dos grupos de pesquisa. Do recorte total 0 esse número sobe para 28%, já do recorte +25 o número cai para 8%, ou seja, os alunos menos sexistas foram também aqueles que mais participam dos grupos de pesquisa, e os alunos mais sexistas foram aqueles que menos participam dos mesmos espaços, logo, comprova-se a tese de que mais conhecimento = menor nível de preconceito.

Com relação à classe social, os resultados deste estudo não apresentaram diferença significativa entre classe social e níveis mais elevados de sexismo, pois tanto aqueles que obtiveram total 0 quanto os sujeitos do último corte + 25 seguem na mesma média percentual. Logo, ser mais pobre ou mais rico, de acordo com os estudantes dessa amostra, não teve relação direta com ser mais ou menos sexista.

4.4.3 Religião: Pessoas religiosas são mais sexistas?

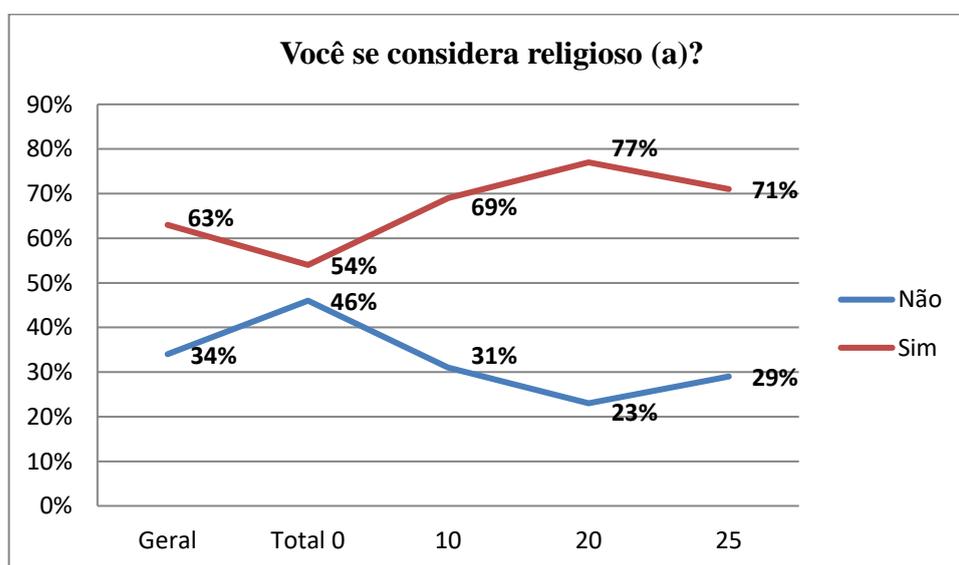
De acordo com dados do Censo de 2010 realizado pelo IBGE, 65% dos brasileiros se declara católico, 22% evangélico, 2% espíritas, e 8% declaram não praticar religião alguma. Os praticantes da Umbanda, Candomblé e outras religiosidades são 3%. Atualmente, o Brasil é o país com o maior número de católicos do mundo, todavia, com o passar dos anos, o catolicismo tem perdido fiéis para as religiões evangélicas. O percentual de evangélicos saltou de 9% em 1991 e hoje está em 22%, um crescimento bastante significativo, assim como a queda do número de católicos, que passou de 83% da população em 1991 para 65% nos dias atuais. (IBGE, 2010).

A relação da religião com normas sexistas é ponto conhecido. Del Priore (1992) na sua obra “A mulher na história do Brasil” retrata a igreja, principalmente a católica, como instituição normatizadora de costumes dicotômicos para homens e mulheres. Logo, em nome da constituição da família ideal, o homem deveria fazer o papel de provedor e a mulher de cuidadora do lar e dos filhos. Assim, todos que se recusassem a cumprir tais papéis eram ameaçados com os castigos divinos. No caso das mulheres a punição poderia vir ainda na terra e pelas mãos do próprio marido, pois este gozava de poder moral para tal. A igreja era responsável até mesmo por controlar a sexualidade das pessoas, devido considerar que a ausência de controle implicaria em ausência de punições, logo, em brechas para o pecado. (DEL PRIORE, 1992).

Assim sendo, o controle que a religião exerceu e exerce nas pessoas é transmitido dentro do próprio ambiente familiar, através de regras de conduta demarcadas no discurso de complementariedade dos sexos, ou seja, na suposição de que homens e mulheres ideais são

aqueles que cumprem com seus papéis de gênero. Então, sobre religião, a pergunta feita aos sujeitos deste estudo foi “Você se considera religioso (a)?” O gráfico 4 ilustra o percentual de respostas em cada corte do estudo. Dos 476 sujeitos, 63% responderam “sim” para essa pergunta. Com relação às pessoas que obtiveram Total 0 na etapa 2, o número dos que se disseram religiosos caiu (de 63% para 54%) e o número dos que se disseram não religiosos aumentou (de 34% para 46%). Conforme aumenta o nível de sexismo, é possível observar que o nível de pessoas que se dizem religiosas também aumenta, e o nível das que não são religiosas diminui. Ou seja, neste estudo, as pessoas religiosas se demonstraram também mais sexistas, e as pessoas não religiosas demonstraram menos sexismo.

Gráfico 4: Religiosidade e sexismo.

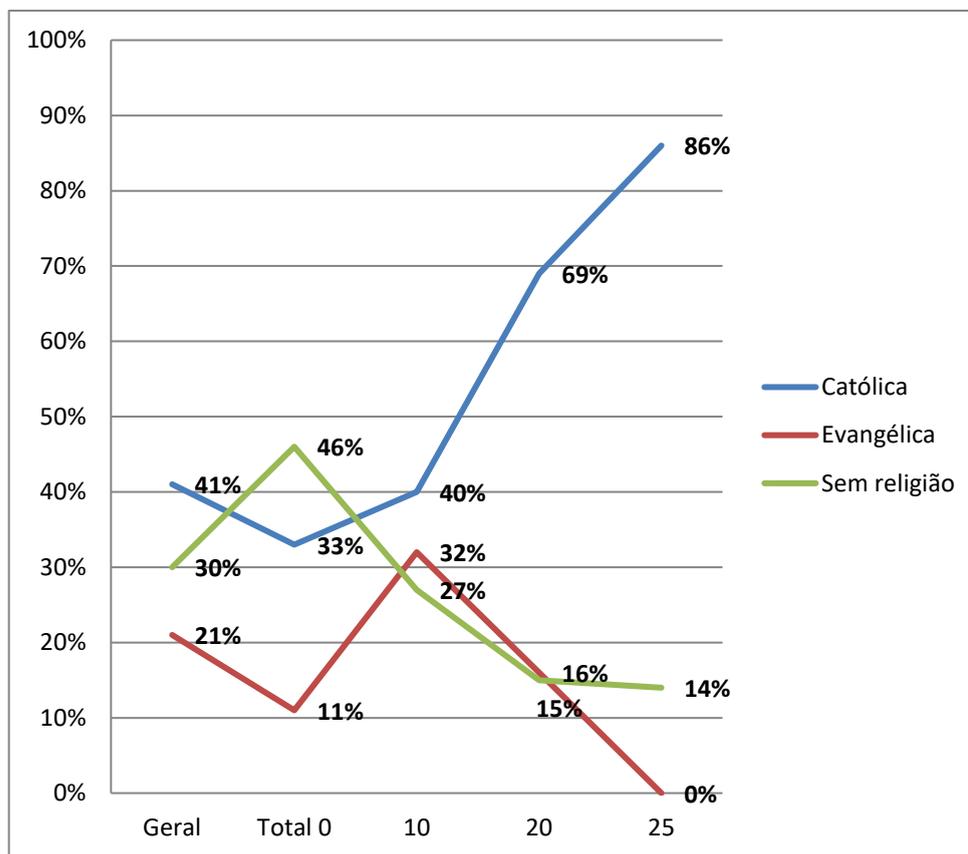


Fonte: Nossa autoria.

O próximo passo foi identificar a religião destas pessoas, então se questionou “Qual é a sua religião?”. O gráfico 5 apresenta o percentual das respostas em cada corte de estudo. Os dados gerais indicam que dos 476 sujeitos, 41% é católico, 30% não tem religião, 21% é evangélico, 2% é Ateu, 2% Espírita, 1% Agnóstico, 1% do Candomblé e 1% se dividem em outras religiões menos expressivas. No corte Total 0, o número de católicos cai para 33%, o de evangélicos cai para 11% e os “sem religião” sobem para 46%. No corte +10 o número de católicos sobe para 40%, evangélicos para 32% e os sem religião caem para 27%. Essa tendência pode ser acompanhada no Gráfico 5, revelando que ao passo que aumenta o nível de sexismo, aumenta o número de religiosos, principalmente católicos, chegando ao ápice de corresponderem a 86% no corte +25. E, ao passo que o nível de sexismo é menor, é constatada a presença de pessoas não religiosas. A conclusão a que se chega é: os mais

sexistas são também os mais religiosos, enquanto que os menos sexistas são em geral, os menos religiosos, e, neste caso, a religião predominante dos sexistas mais destacados é a católica.

Gráfico 5: Religião e sexismo.



Fonte: Nossa autoria.

Este resultado vai de encontro aos estudos de Costa et al (2014), que aponta que um dos principais aspectos que vem sendo associado às atitudes sexistas é a religião. E também de Belo et al (2005) que pesquisaram 301 sujeitos na cidade de João Pessoa - PB e descobriram, através de seus dados, que as pessoas que se diziam não ter religião apresentavam menos sexismo do que as que se definiam claramente como pertencentes a alguma religião (católica ou evangélica, especificamente). Ou, nas palavras dos pesquisadores “As pessoas com uma mente aberta são mais prováveis de não apresentar padrões de atitudes, crenças e condutas preconceituosas e sexistas, enquanto que as de mente fechada o fariam em maior medida. (BELO, et al, 2005, p.14).

4.4.4 Posição política: Ser de direita é ser mais sexista?

O princípio de posicionamento político entre esquerda e direita foi criado na Revolução Francesa para designar conservadores e libertários, ou seja, posicionamentos ideológicos distintos sobre a intervenção do Estado na economia e nas liberdades individuais. De acordo com Coelho (2008, p.510)

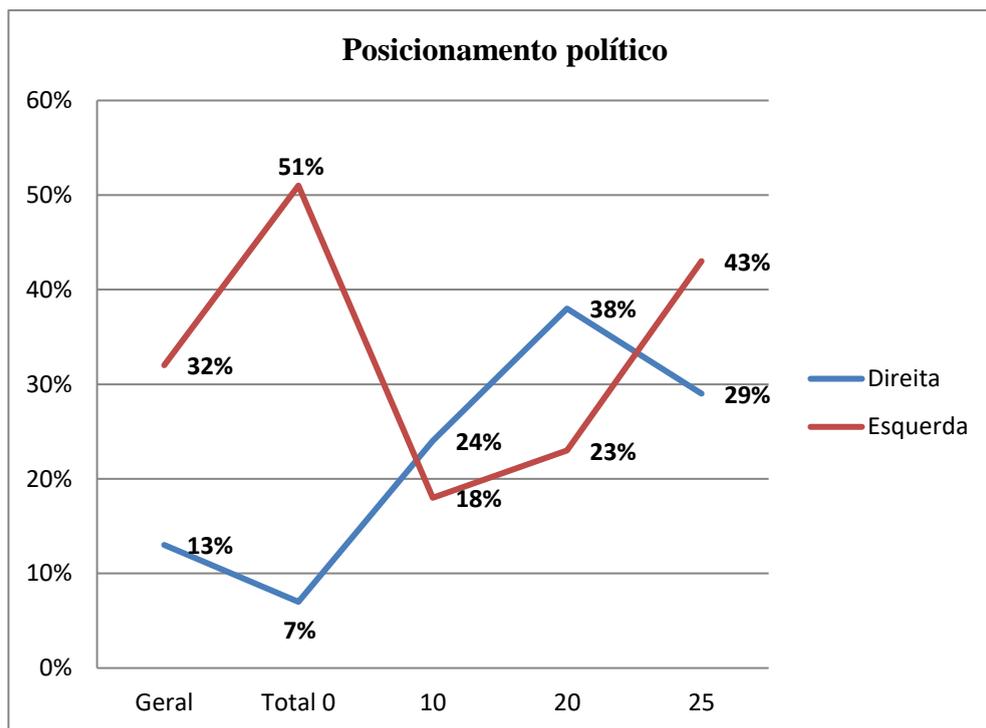
Entre os protagonistas da Revolução Francesa surgiu também o conceito de Esquerda, atribuído aos representantes do povo e das classes médias que se sentavam do lado esquerdo da Assembleia e que enfatizavam a luta pela igualdade, o combate à desigualdade econômica. O dilema entre igualdade e liberdade, como valores integrantes do ideal fundador e regulador da modernidade, vai estar presente na trajetória da Esquerda. As antinomias próprias do capitalismo, sistema promotor da igualdade de direitos, a cidadania, mas ao mesmo tempo reprodutor de desigualdades econômicas e sociais, constituirão alvo das críticas ao sistema, a partir das quais se constrói o campo da utopia socialista.

Por muito tempo esses termos foram desconhecidos do grande público brasileiro, mas hoje são utilizados em massa, ainda que de forma superficial e por vezes, equivocada. A “culpa” pela disseminação desse binarismo político recai na *internet*, ferramenta que vem possibilitando vez e voz para um número de pessoas cada vez maior. Logo, com o calor do momento político do país, as discussões sobre direita e esquerda são frequentes e os defensores dessa ou aquela posição discutem e tentam a todo custo provar como um lado está completamente certo e como o outro está completamente errado.

Já em 1990, o ex-candidato a presidência da república, o médico, Enéas Carneiro, alertava para o anacronismo da dualidade entre esquerda e direita. De fato, a própria definição de esquerda e direita mudou e se transformou com o tempo. As ideias sobre o poder maior ou menor do Estado e sobre as liberdades individuais foram se mesclando até o ponto onde não faz mais sentido falar sobre direita ou esquerda para definir uma visão única sobre tudo. Todavia, na prática o senso comum ainda vem alimentando posições maniqueístas e sendo fomentados para tal pelos próprios partidos e políticos, uma vez que o conflito sempre foi estratégia de segregação e dominação utilizada pelos donos do poder.

Ainda assim, compreender essa dinâmica é útil para a construção deste estudo, pois historicamente, esquerda e direita tem posicionamentos distintos acerca dos papéis sociais de homens e mulheres, enquanto na esquerda supostamente há mais liberdade para fuga dos estereótipos, na direita há predominância do conservadorismo dos mesmos. Logo, questiona-se “Ser de direita é ser mais sexista?” O percentual de resposta referente ao posicionamento político segue no gráfico a seguir.

Gráfico 6: Posicionamento político



Fonte: Nossa autoria.

Dos 476 sujeitos que compõe este estudo, 32% se consideram de esquerda e 13% de direita. Os demais índices se desdobram entre aqueles que alegaram “não sei” e a opção “outros”. Observa-se que entre os sujeitos do recorte Total 0, o percentual de adeptos da esquerda sobe de 23% para 51%, já entre os adeptos da direita cai de 13% para 7%. Logo, se obtém a primeira conclusão: entre os menos sexistas, os adeptos da esquerda são maioria significativa.

Seguindo adiante, no primeiro corte + 10, o percentual da direita sobe de 7% para 24%, já apresentando índice superior ao da esquerda que cai de 51% para 18%. No corte + 20, a direita já se apresenta com 38% e a participação da esquerda sobe para 23%. Já no corte + 25 a esquerda assume novamente o maior percentual, com 43% contra 29% dos adeptos da direita. Logo, a segunda conclusão para esse aspecto é: tanto adeptos da direita quanto adeptos da direita podem ser extremamente sexistas.

Acerca disso, a professora Dra. Dolores Aronovich, escreveu em 2016, um texto em seu blog pessoal intitulado “O óbvio: homens de esquerda também são machistas”. Nele, Lola (como é conhecida) disserta sobre como o senso comum está acostumado a imaginar como sexistas apenas aqueles considerados de direita, devido a sua tendência para o resguardo dos “valores morais” e do conseqüente sexismo implicado nisso, e como ainda há certa surpresa

quando são noticiados casos de homens de esquerda sendo machistas. Afirma ela em um fragmento de seu texto “Todo mundo, todo partido de esquerda, todo coletivo e movimento, sabe que existe machismo (felizmente, este machismo está cada vez mais sendo combatido na esquerda, enquanto prolifera orgulhosamente na direita). Mas é sempre um choque quando surge o nome de alguém que era um de nós, que a gente admirava”.

Laura Rodrigues Benda, juíza do trabalho, publicou em 2017 no portal virtual “Justificando”, um texto intitulado “Não há nada mais parecido com um machista de direita do que um machista de esquerda”. De acordo com Laura, não é novidade o fato de que na própria esquerda, posição política que se autopromete tão humanitária e democrática exista machismo, pois o que parece é que o discurso se concentra na luta de classes e apenas em segundo plano na luta pela igualdade entre os sexos. Sobre isso, Simone de Beauvoir (1970. p.20) já afirmava que “[...] Eles não colocam a mulher como uma inferior; estão hoje demasiado comprometidos no ideal democrático para não reconhecer todos os seres humanos como iguais.” Ainda de acordo com Benda, “Em grupo ou na convivência íntima, o machista de esquerda se sente à vontade para julgar se a reação das mulheres é ou não adequada, assim como de avaliar se o próprio feminismo dela está de acordo com as estratégias que ele considere mais acertadas”.

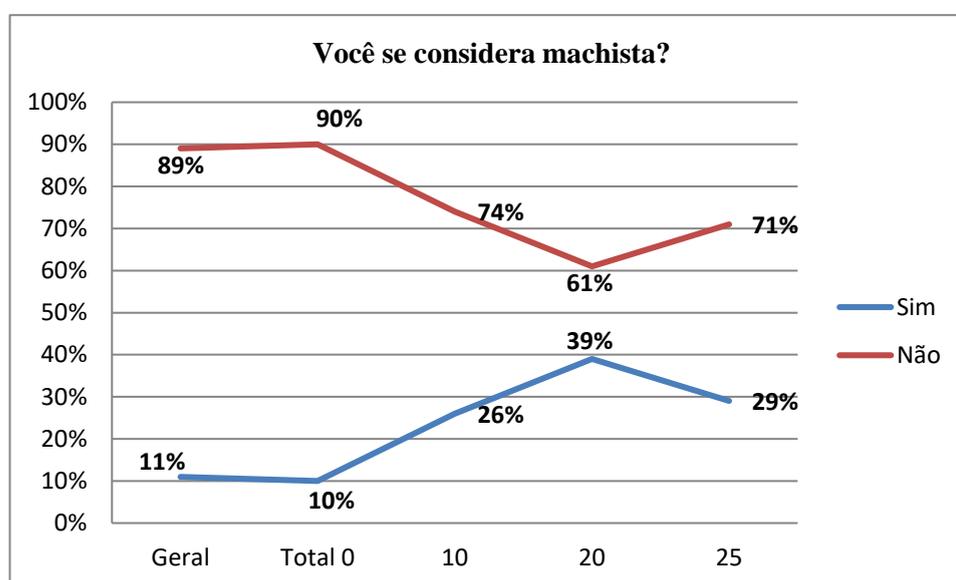
A própria Simone de Beauvoir (1970) já mencionou o machismo dos homens de esquerda, (o qual recebeu com certa surpresa) ao contar sobre a reação ruim dos homens ao seu livro “O Segundo Sexo”. Disse Beauvoir em uma entrevista “pode-se dizer que a fúria francesa se desencadeou. Houve inúmeros homens que ficaram totalmente azedados. Homens que imaginei de esquerda, liberais, igualitários, ficaram revoltados com o livro. Porque eu questionava a supremacia deles e ridicularizava o macho francês, disseram”. (Documentário “Por que sou feminista” de 1975)

4.4.5 Machismo e Feminismo: Os sexistas desprezam o feminismo?

O feminismo é o movimento que busca a igualdade entre os sexos em todas as esferas, ou seja, luta por um mundo onde homens e mulheres tenham os mesmos direitos e deveres. O feminismo não é o contrário de machismo, pois como diria o professor Mario Sergio Cortella “O machismo é a suposição de que nós homens somos superiores. O feminismo não é a suposição de que as mulheres são superiores. É a suposição de que homens e mulheres são iguais, portanto, feminismo e machismo, um não é o contrário do outro. O contrário de machismo é a inteligência”.

Sendo o feminismo um movimento que questiona o *status quo* que naturaliza o privilégio masculino e a opressão feminina, o machista é a pessoa que faz oposição à existência do feminismo. Logo, questionou-se aos sujeitos desse estudo “Você é machista?”. De maneira geral, dos 476 universitários, 89% diz não ser machista. Esses índices se mantêm semelhantes no corte Total 0, mas sofrem alteração quando se trata dos cortes relacionados aos mais sexistas. O dado mais significativo se deu no corte +20 quando o percentual dos que se disseram machistas alcançou 39%, bem distantes dos 11% da média geral. Logo, a primeira conclusão está estabelecida: os mais sexistas tem maior consciência de seu próprio machismo.

Gráfico 7: Percentual daqueles que se consideram machistas.



Fonte: Nossa autoria.

Todavia, nem todas as pessoas que se consideram machistas o fazem concordando com essa prática. A sociedade é machista, logo, estar imerso nesse caldo cultural que coloca as mulheres como inferiores e não ser absorvido por ele de alguma maneira é quase impossível.

Segue abaixo alguns relatos dos participantes obtidos através da fala destes durante o momento da aplicação do instrumento de pesquisa. Ei-los:

“Não me considero machista, mas provavelmente eu seja” (Homem, Letras).

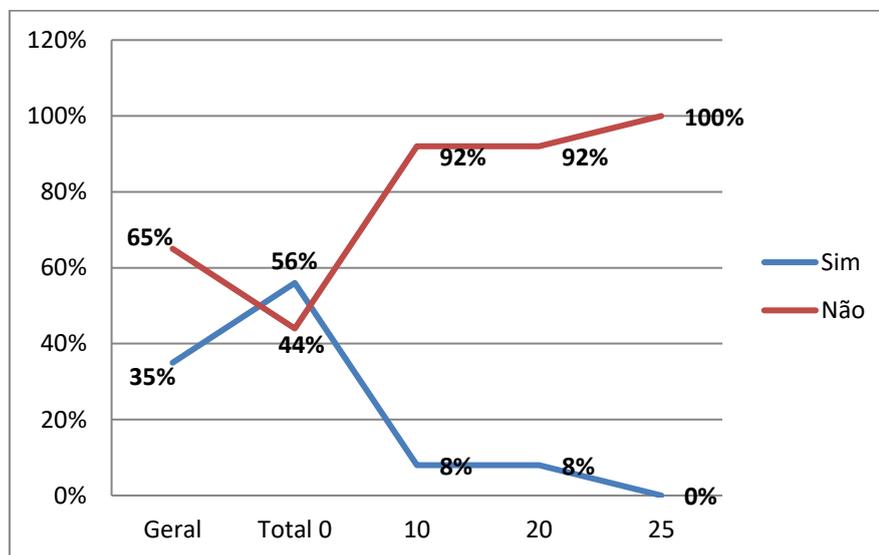
“Não gostaria de ser, mas todo mundo é um pouco” (Homem, Matemática).

“Não sou machista, entretanto, reconheço algumas posturas machistas, posturas inconscientes.” (Homem, Filosofia).

Sobre o questionamento “Você se considera feminista?” Dos 476 sujeitos, apenas 35% se declarou feminista. O gráfico 8 ilustra os dados obtidos nessa questão: No corte Total 0, o índice dos que se afirmam feministas aumentou, passando de 35% para 44%, já os não feministas, neste mesmo ponto, diminuíram, passando de 65% para 56%. Conforme o nível de sexismo vai aumentando nos próximos cortes, o percentual dos que não se consideram feministas também vai subindo.

No último corte +25, não há ninguém que se declare feminista. A conclusão neste ponto é: Quanto maior o sexismo, maior é a rejeição ao feminismo. Essa poderia soar como uma conclusão óbvia, mas não é. Os estudos de Formiga (2011) demonstram a existência do sexismo de duas formas: benévola e hostil. O sexismo hostil consiste na forma mais direta, mais agressiva, na opressão violenta contra mulheres e homens que destoem do padrão. Já o sexismo benévolo se disfarça sob o discurso da “naturalidade” dos papéis sociais distintos. É importante ressaltar que os cortes +10, +20 e +25 não se referem à formas de sexismo hostil, mas benévolo, ou seja, quem é contrário ao feminismo, o faz por acreditar e defender a manutenção da diferença entre os sexos.

Gráfico 8: Percentual daqueles que se consideram feministas.

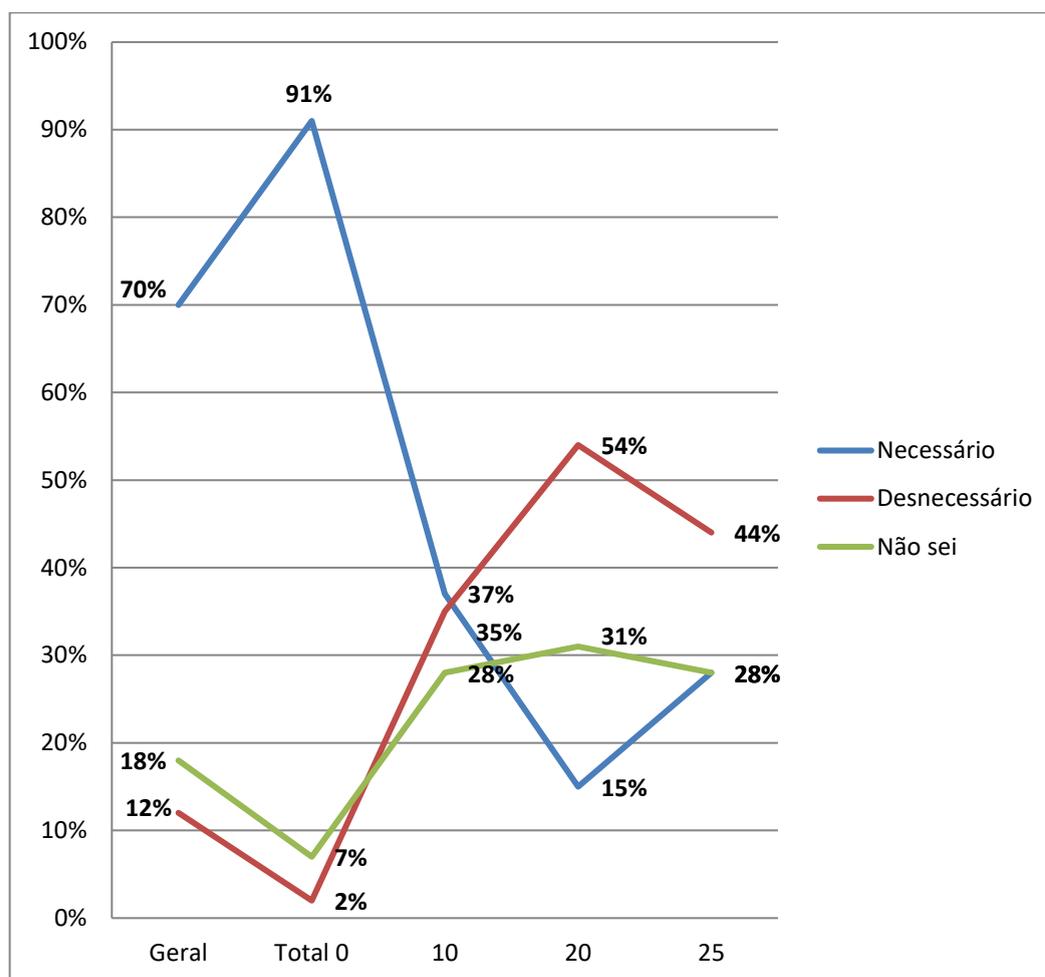


Fonte: Nossa autoria.

Para elucidar melhor essa questão, foi perguntado aos alunos “Qual a sua opinião sobre o movimento feminista?” As opções de respostas eram:

- () Necessário () Desnecessário () Não sei

Gráfico 9: Opinião sobre o movimento feminista.



Fonte: Nossa autoria.

De maneira geral, 70% dos participantes deste estudo consideram o feminismo um movimento necessário e só 12% o consideram desnecessário. Quando se trata do índice dos que obtiveram Total 0 esse percentual sobe para 91% e os que o consideram desnecessário são apenas 2%. Na sequência dos cortes de análise, há diminuição dos que consideram o feminismo necessário (de 91% para 37%, 15% e depois para 28%) e aumento dos que o consideram desnecessário (de 2% para 37%, 54% e depois para 44%). Logo, é possível reafirmar que quanto mais sexista foi o sujeito deste estudo, maior rejeição ao feminismo foi demonstrada.

Acerca da opinião dos participantes sobre o feminismo, seguem alguns depoimentos retirados dos próprios questionários, pois, ainda que a questão não abarcasse espaço para a escrita de complementos, muitos participantes escreveram ao lado das questões no sentido de enfatizarem suas respostas. Vejamos:

Desnecessário: “De qual tipo de movimento feminista estamos falando? Se for o atual...” (Mulher, Ciências Econômicas)

“O movimento feminista atual?” Desnecessário. (Mulher, Comunicação Social)

“(x) Desnecessário. Modismo do momento” (Homem, Artes Visuais)

“Se for equilibrado, muito bom” (Mulher, Artes Visuais)

“Desnecessário, pois o extremismo é desnecessário” (Mulher, Engenharia Química)

Observa-se que quatro dos cinco relatos é advindo de mulheres. Apenas um homem se manifestou apontando o feminismo como “modismo do momento”. As mulheres também optaram por críticas ao movimento, elencando-o como desnecessário e extremista. Parece existir mais respeito pelo movimento feminista “antigo”, e uma certa repulsa pelo modo como o movimento existe hoje. Ressalta-se que essa segregação entre o “antes que era bom” e o “agora está tudo perdido” não passa de falsa simetria pautada em desconhecimento dos caminhos da causa.

O movimento feminista ainda é visto pela maioria das pessoas de uma maneira errônea, logo, é por elas rejeitado. Pode parecer estranho, mas para muitos a situação de homens e mulheres não apresenta relação de hierarquia, mas de complementaridade necessária, como se “as coisas sempre foram assim”. Essa naturalização da opressão caminha no sentido de perpetuá-la, já a consciência sobre o problema permite intervir sobre ele e transformá-lo. Todavia, isso parece claro para quem estuda essa temática, mas não é tão evidente para quem nunca se dedicou a pensar a respeito.

Curiosamente, a própria Simone de Beauvoir (1908 – 1986), ela que foi responsável por dar o “pontapé inicial” na literatura feminista com sua obra “O Segundo Sexo”, disse ter demorado quatro décadas de sua vida para que pensasse sobre a questão das mulheres e escrevesse sobre isso. Diante deste relato, durante rara entrevista televisiva concedida em 1975, o entrevistador Jean Louis Servan Schreiber, a indaga:

JLSS: Há uma frase que surpreende em suas memórias que diz que escrevendo “O Segundo Sexo”, a senhora descobriu, aos 40 anos, quando escreveu uma situação que estava escancarada, mas nunca antes percebida. Como a senhora, uma intelectual de títulos e doutorados, não sentiu antes dos 40 anos a condição da mulher como a descreve?

SB: Porque vivi minha própria condição de intelectual, como você disse. Tive a sorte de ter uma profissão sem concorrência masculina, o ensino está aberto a um e outro.

Tive colegas na Sorbonne ou em outras escolas que me igualavam a eles no plano intelectual, então não senti isso. Ademais, como eu nunca quis me casar e nem ter filhos, eu não tinha esse tipo de vida doméstica, sempre esmagadora na condição feminina. Escapei às servidões dessa condição. Mais tarde, quando refleti e olhei melhor à minha volta, vi a verdade sobre a condição feminina, e descobri isso, em boa parte, escrevendo “O Segundo Sexo”.

O entrevistador insiste:

JLSS: Descobriu, então, uma situação que parecia muito evidente. Como explica que, no último século ou nos últimos 150 anos onde muitas mulheres estudaram, tiveram acesso ao mesmo nível cultural dos homens, que ninguém formulasse algo parecido com a evidência desse papel secundário na humanidade?

SB: Não era de interesse dos homens formular isso, levando em conta...

JLSS: A mulher podia formular...

SB: Houve mulheres que protestaram, mas não foi, afinal, um grito de revolta que se ouviu e que repercutiu. E penso que, no conjunto, a mulher não é feminista, e se algumas gritaram revolta, os gritos não foram ouvidos pelas outras mulheres. Muitas razões explicam isso, essa atitude passiva ou resignada da mulher. Apareceu gente com outras atitudes, mas que raramente se tornaram em verdadeira revolta. Primeiro, há como eu disse, a formação da mulher em sua infância, e essas são estruturas depositadas nela de que é muito difícil se livrar depois.

Essa frase de Beauvoir acerca da ausência de luta feminina durante tanto tempo é uma excelente analogia para uma síntese do movimento feminista dos dias atuais “E se algumas gritaram revolta, os gritos não foram ouvidos pelas outras mulheres.” Existe resistência e combate contra a desigualdade entre os sexos, mas o manto da naturalidade que impõe “as coisas sempre foram assim e não há nada de errado nisso” ainda persiste. Feministas são entendidas e percebidas pela população leiga como malucas desocupadas que querem acabar com os homens, logo, quem gostaria de um rótulo tão tacanho? Enquanto não houver informação e conscientização, não haverá também mudanças na relação de homens e mulheres, e tampouco, valorização de quem estuda e trabalha por esse objetivo.

4.5 Universitários e a realidade sexista

Se há diferenças sociais entre homens e mulheres em todas as esferas da vida cotidiana, estas também estão presentes nas questões referentes ao mercado de trabalho, a chamada “divisão sexual do trabalho”. De acordo com os estudos de Hirata e Kergoat (2007, p.596) essa divisão diz respeito à distribuição diferenciada de homens e mulheres no mercado de trabalho e a divisão desigual do trabalho doméstico entre os sexos.

Historicamente, o lugar da maioria das mulheres é o lar, cuidando dos afazeres domésticos, das crianças e dos maridos, enquanto os homens se ocupam em trabalhar fora de casa para garantir o sustento da família. Não é o objetivo deste estudo demonizar essa situação, pois as relações humanas são mais complexas do que o olhar de um único interlocutor pode alcançar. Mas é objetivo, assim como todos os estudos que se pautam em uma epistemologia feminista, problematizar essa dinâmica com vistas a demonstrar os papéis sociais que são designados para homens e mulheres e como estes convergem em diferenças de poder na sociedade. Machado, Oliveira e Wajnman (2005) apontam o movimento feminista como o principal influenciador da entrada da mulher no mercado de trabalho.

Entre os fatores culturais, os movimentos feministas dos anos setenta constituem-se o melhor exemplo da construção de um novo papel para a mulher na sociedade, questionando padrões de comportamento dentro e fora do lar. Identificam-se mudanças nas expectativas sociais quanto ao papel das mulheres e nas suas expectativas pessoais, isto é, não desempenhar somente o papel de mães, mas também de trabalhadoras, já que a perspectiva de realização pessoal passa a englobar outras funções, além da maternidade. (MACHADO, OLIVEIRA e WAJNMAN, 2005, p.11)

Beauvoir (1970, p.85) aponta os homens como inventores da divisão sexual de trabalho para obterem privilégios desta condição, pois “desejosos de manter as prerrogativas masculinas [...] entenderam criar um campo de domínio feminino — reinado da vida, da imanência — tão somente para nele encerrar a mulher”.

A fatia de um poder sem mando foi conferida ao sexo “frágil”, que absorveu os afazeres domésticos sem o menor questionamento. Longe de qualquer remuneração, e considerados como tarefas economicamente indefinidas, esses afazeres arregimentaram sérias ramificações que retardam o movimento de libertação feminina. (QUINTAS, 2005, p.45)

O preconceito sexista fomenta a dicotomia “para as mulheres o privado e para os homens o público”, pois as cobranças de comportamentos estereotipados recaem como réguas de moral, ampliando o valor de quem faz seu “papel” corretamente e diminuindo todos que

desviam da regra. Del Priore (1992, p.15) argumenta que desde o período colonial brasileiro já ficava estabelecido o valor social de uma mulher de acordo com o espaço onde exercia suas funções. As que se dedicavam à família eram vistas como boas moças, moças ideais para o casamento e “mulheres de verdade”. Já as que estavam fora do espaço doméstico seriam “mulheres com facilidades de costumes” associadas às mulheres submissas de raças dominadas, surdas aos deveres do matrimônio e genitoras de irregularidade moral. (DEL PRIORE, 1992, p.15)

Atualmente, esses pressupostos machistas e sexistas não se alteram significativamente, pelo contrário, ainda encontram adeptos na maior parte da população. A situação da desigualdade de gênero (implicação do sexismo) ainda é percebida em todos os países do globo em menor ou maior escala. No ocidente a mulher tem conquistado direitos e uma posição mais igualitária, ainda que esteja longe do ideal almejado, mas em muitos outros locais, o que ainda prevalece é a subordinação feminina, a exclusão da vida social e o espaço doméstico como única opção de vida disponível.

Todavia, o avanço gradual das mulheres no mercado de trabalho é uma realidade. Machado, Oliveira e Wajnman (2005, p.11) indicam que a taxa de atividade feminina cresceu cerca de 30 pontos percentuais nos últimos 50 anos no Brasil. Além disso, de acordo com as autoras, nos últimos anos a escolaridade média feminina tem sido sistematicamente superior à masculina. Dados recentes (2015) do Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP) indicam que as mulheres são maioria na hora de ingressar na universidade (55%) e também na hora de concluir os cursos (60%). Ainda de acordo com o INEP, as mulheres estão mais concentradas nos cursos de ciências humanas e os homens nos cursos de ciências exatas.

Então, se historicamente a educação superior era refúgio masculino, e hoje, as mulheres estão em número mais elevado nas instituições, as justificativas para tal também perpassam pelo sexismo, já que de acordo com Machado, Oliveira e Wajnman (2005, p.27) “uma provável explicação para essa reversão de tendência, é a alta probabilidade dos meninos abandonarem a escola em função da busca de trabalho como estratégia de complementação de renda familiar, o que é muito menos frequente entre as meninas”.

As notícias boas sobre a evolução da entrada da mulher no ensino superior sofrem uma alteração quando a realidade sobre a remuneração entre homens e mulheres fica mais clara. Dados do IBGE (2015) revelam que as mulheres, ainda, recebem salário menor do que os dos homens, cerca de 76% destes e são minoria nos cargos de chefia e comando das empresas.

A divisão sexual do trabalho é uma constante na vida de homens e mulheres, pois de fato há uma diferença na área e na ocupação no mercado de trabalho de acordo com o sexo de cada pessoa. Tal diferenciação é histórica e caminha em constante transformação, mas ainda existe um caminho longo até sua superação.

Essa forma particular da divisão social do trabalho tem dois princípios organizadores: o princípio de separação (existem trabalhos de homens e trabalhos de mulheres) e o princípio hierárquico (um trabalho de homem “vale” mais que um trabalho de mulher). Esses princípios são válidos para todas as sociedades conhecidas, no tempo e no espaço. Podem ser aplicados mediante um processo específico de legitimação, a ideologia naturalista. Esta rebaixa o gênero ao sexo biológico, reduz as práticas sociais a “papéis sociais” sexuados que remetem ao destino natural da espécie. (HIRATA E KERGOAT, 2007, p.599)

O foco desta análise diz respeito ao mercado de trabalho por este ser o objetivo maior de quem frequenta um curso de graduação. Todavia, serão abordados não só as percepções dos universitários sobre as questões propostas, mas também alguns aspectos do cotidiano acadêmico que possam demonstrar a presença de sexismo. Para tal, essa seção é discutida a partir de cinco questões norteadoras: Sucesso profissional, capacidade profissional, cursos para homens, cursos para mulheres e, constrangimentos em sala de aula, em decorrência do sexo.

O sucesso profissional é o objetivo maior de quem faz um curso de graduação. As referências de Bardagi et al (2006) demonstram que as expectativas profissionais dos jovens e adultos brasileiros perpassam pelo ensino superior como quase um caminho único para a obtenção de sucesso profissional. Ou seja, a maioria das pessoas enxerga na universidade a oportunidade de qualificação e posterior ingresso no mercado de trabalho. Ainda de acordo com Bardagi et al (2006), as pesquisas tem se ocupado em estudar a passagem dos alunos do ensino médio para a universidade, mas poucas tem se debruçado sobre a passagem dos alunos do ensino superior para o mercado de trabalho, o que demonstra uma lacuna importante e justifica o olhar para a universidade, especificamente, para as relações de gênero neste espaço.

De acordo com o dicionário virtual Caldas Aulete, o termo “sucesso” significa resultado positivo, favorável; êxito. Sendo assim, “ter sucesso” é obter bons resultados. Desta maneira, questionou-se aos participantes deste estudo “Na sua concepção, no futuro profissional da sua graduação, quem tem mais chances de sucesso?” As opções de respostas eram: () Homens () Mulheres () Homens e mulheres de maneira igual.

Tabela 8: Sucesso profissional: Chances de acordo com o sexo.

Cursos	Homens	Mulheres	Ambos
Turismo	0%	6%	94%
Hotelaria	7%	7%	86%
Letras/Libras	0%	17%	85%
Oceanografia.	15%	0%	85%
Filosofia	11%	5%	84%
Química Industrial	0%	17%	83%
Ciências Imobiliárias	18%	0%	82%
Artes Visuais	0%	18%	82%
Teatro	0%	18%	82%
Engenharia Elétrica	20%	0%	80%
Ciências Contábeis	17%	4%	78%
Música	18%	5%	77%
Química	24%	0%	76%
Ciências Econômicas	25%	0%	75%
Física	25%	0%	75%
História	13%	13%	74%
Engenharia Química	29%	0%	71%
Matemática	30%	0%	70%
Direito	33%	0%	67%
Letras	0%	37%	63%
Serviço Social	0%	38%	62%
Psicologia	9%	29%	62%
Administração	40%	0%	60%
Estudos Africanos	27%	13%	60%
Geografia	46%	0%	55%
Biblioteconomia	0%	50%	50%
Comunicação Social	38%	12%	50%
Pedagogia	0%	67%	33%
Total	16%	13%	71%

Fonte: Nossa autoria.

Os dados apresentados na Tabela 8 revelam a percepção dos sujeitos participantes deste estudo sobre o sexo, que consideram ter mais chances de sucesso profissional na sua área de graduação. Observa-se que na média geral a maioria (71%) considera que ambos os sexos tem as mesmas chances de sucesso. Todavia, os dados de acordo com o curso revelam outros pontos mais interessantes. Existe uma clara distinção entre cursos que foram apontados como sendo os homens e os que foram apontados como sendo as mulheres as com maiores chances de sucesso.

No total, dos 28 cursos, 16 indicaram os homens os com maiores chances, 10 indicaram as mulheres e apenas dois empataram neste quesito. Destacam-se na tabela a seguir os cinco cursos em cada extremo de acordo com o percentual mais alto apresentado.

Tabela 9: Sucesso profissional: Os 5 cursos onde cada sexo tem mais chances.

Homens	Mulheres
Geografia (46%)	Pedagogia (67%)
Administração (40%)	Biblioteconomia (50%)
Comunicação Social (38%)	Serviço Social (38%)
Direito (33%)	Letras (37%)
Matemática (30%)	Psicologia (29%)

Fonte: Nossa autoria.

Observa-se outro ponto relevante: nestes cinco cursos que se localizaram nos extremos, quando se tratava dos homens, com exceção do curso de Comunicação Social, o percentual de mulheres marcado foi zero. Quando se tratava de mulheres, com exceção de Psicologia, o percentual de homens marcado foi zero. Em termos práticos isso significa dizer que nestes cursos a consciência sobre o sexo com maiores condições de sucesso profissional é clara entre os próprios estudantes. Na maioria dos casos também há relação de predominância de sexo no curso, ou seja, a presença deste ou aquele sexo em maior número no curso determina quem os alunos consideram com maiores chances de sucesso profissional.

No curso de Geografia, apontado como 4º curso mais sexista desta amostra, foi verificado que 46% dos estudantes acreditam que são os homens que têm mais chances de sucesso profissional. Importante registrar que esses 46% são compostos apenas por opiniões de alunos homens, já que nenhuma aluna mulher marcou a opção “homens”, todas marcaram a opção “homens e mulheres de maneira igual”. O mesmo ocorreu no curso de Engenharia Elétrica onde 80% dos alunos acreditam que ambos os sexos tem chances iguais, mas os 20% que acreditam que são os homens a terem mais chance de sucesso foram compostos apenas de respostas de alunos homens.

No curso de Direito, 33% (do total de 40 participantes) acredita que são os homens os que têm mais chances de sucesso profissional na área; deste total de 33% a maior parte é composta por mulheres (57%) que apontaram seus colegas homens como os com maiores chances. Observa-se que a maioria das estudantes de Direito acredita que no ramo da advocacia ser mulher é um ponto negativo em comparação ao ser homem.

De acordo com pesquisa realizada pela Caixa de Assistência de Advogados do RJ (CAARJ) a partir de 2010 houve um crescimento significativo de mulheres advogadas no Brasil, sendo as mulheres a maioria em quase todas as faixas etárias, exceto na faixa dos 60

anos em diante, por razões óbvias e históricas. Mas isso não altera o fato de que apesar de serem maioria, as advogadas do Rio de Janeiro ganham 25% a menos do que seus colegas homens, levam mais tempo pra subir na carreira e ainda precisam conviver com o assédio. (CONJUR, 2017)

A percepção dos alunos sobre o sucesso profissional de acordo com o sexo foi comparada com as próprias ideias dos discentes sobre tal, haja vista que uma coisa é responder de acordo com o que é perceptível pela absorção no mercado de trabalho, outra bem diferente é concordar ou não com essa distinção. Então, se questionou “Você acredita que exista um sexo mais adequado para trabalhar na sua área?”. Desta vez os resultados obtidos foram bem diferentes, já que na média geral 97% dos participantes respondeu que não considerava nenhum dos dois sexos mais adequado para sua área de trabalho, sendo homens e mulheres adequados de maneira igual.

Isso significa que os estudantes, apesar de perceberem a realidade sexista de suas áreas, na maioria das vezes, não compactuam com tal. Os dados que se mantiveram estáveis foram com relação aos cursos onde um percentual mais significativo considerou as mulheres como mais adequadas para a área. São eles: Biblioteconomia (30%), Pedagogia (22%) e Serviço Social (8%). Os demais cursos mantiveram percentual próximo à zero para essa questão. Ou seja, reforça-se a ideia de que esses últimos três cursos citados são considerados “femininos”, o que talvez explique a pouca inserção de homens nestas áreas, já que as mulheres são entendidas como mais adequadas e com maiores chances profissionais nestes ramos.

Ferreira, Borges e Borges (2011) apontam que foi no século XIX, período de desenvolvimento das bibliotecas que a profissão de bibliotecária surgiu como uma das poucas profissões permitidas às mulheres, pois era uma tarefa adequada para o que se esperava de uma natureza feminina. As autoras pesquisam a área da biblioteconomia no estado do Maranhão e demonstram que mesmo as mulheres sendo maioria na profissão, os poucos homens bibliotecários encontrados é que tem assumido os cargos de gestão. Um dos entrevistados no estudo das pesquisadoras, acerca de existirem poucas mulheres nos cargos de gestão das bibliotecas afirma “[...] a ideia que se tem de um gestor é de uma pessoa rígida, sério, exigente, coisa que é mais difícil de imaginar em uma mulher. Cargo de organização é coisa de mulher, na hora de cobrar resultados ai se coloca o homem.” (FERREIRA, BORGES E BORGES, 2011, p.166). Observa-se que mesmo as mulheres sendo maioria nesta área, os homens que “ousam” adentrá-la são beneficiados pelos estereótipos sexistas de que são próprios aos cargos de comando e gestão apenas por serem homens.

O curso de Pedagogia é também historicamente feminino. Silva (2011) apresenta a Pedagogia e o exercício do magistério como a oportunidade que as mulheres tiveram para frequentar espaços públicos antes proibidos, mas que, no entanto carregava consigo a representação de ser uma extensão do lar, sendo o trabalho principal: cuidar das crianças. Isso implicava na restrição das qualidades profissionais das mulheres, pois evocava ao feminino um suposto “dom” para o trabalho docente, logo, sem lugar para o masculino. (SILVA, 2011)

Craveiro e Machado (2011, p.5) contam que nos primórdios da profissão de Assistente Social, os requisitos para os profissionais eram “sentimentos nobres, moral bem definida, a vontade de servir ao próximo e a bondade”, elementos considerados femininos, logo, atraía apenas mulheres para a área. E isso perdura até hoje, como salienta Haddad et al (2010) apontando dados do Exame Nacional de Desempenho de Estudantes (Enade) de 2004 que indicam que as mulheres representam mais de 90% dos estudantes do curso de Serviço Social no Brasil.

As profissões entendidas como femininas não nascem de uma suposta vocação biológica para tal, pelo contrário, foram áreas historicamente dominadas pelas mulheres, pois foram os poucos espaços que lhes foram permitidos. Já as profissões entendidas como masculinas são todas, exceto aquela onde é esperado um extinto maternal para executá-la. Assim sendo, historicamente ficou bem delimitado sobre o que seriam cursos para mulheres e cursos para homens. Subverter a ordem estabelecida seria o mesmo que ir contra as condutas de gênero esperadas, logo, passíveis de punições de todo tipo, a começar pela discriminação.

Desse ponto, parte-se para outra questão: “Alguém já lhe disse que o curso que você faz é coisa de homem ou coisa de mulher?” Lembrando-se da ideia do sexismo como preconceito de sexo, se assume a premissa de que um ato sexista ganha vida na discriminação, e como já mencionado anteriormente, tal discriminação de sexo pode ocorrer de duas maneiras: sexismo hostil e sexismo benévolo. O ato de discriminar envolve o impedimento de acessos, ou seja, quando alguém escuta “isso é coisa de mulher” ou o contrário “isso é coisa de homem” acaba por inculcar a ideia de que aquele espaço não lhe pertence. Os dados obtidos através das respostas dos alunos para essa pergunta são apresentados na Tabela a seguir.

Tabela 10: Curso considerado como "coisa de homem" ou "coisa de mulher".

Cursos	“Coisa de homem”	“Coisa de mulher”	Não disseram
Serviço Social	0%	92%	8%
Pedagogia	0%	83%	17%
Física	75%	0%	25%
Engenharia Elétrica	73%	0%	27%
Teatro	24%*	41%	35%
Letras	0%	56%	44%
Artes Visuais	0%	55%	45%
Biblioteconomia	0%	50%	50%
Psicologia	0%	48%	52%
Engenharia Química	47%	0%	53%
Matemática	40%	0%	60%
Geografia	27%	9%	63%
Ciências Imobiliárias	36%	0%	64%
Química	29%	3%	68%
Ciências Econômicas	31%	0%	69%
Comunicação Social	12%	19%	69%
Ciências Contábeis	30%	0%	70%
Química Industrial	17%	0%	83%
Hotelaria	0%	15%	85%
Música	14%	0%	86%
História	13%	0%	87%
Direito	5%	7%	88%
Filosofia	11%	0%	89%
Oceanografia.	10%	0%	90%
Letras/Libras	8%	0%	92%
Turismo	0%	6%	94%
Administração	4%	0%	96%
Estudos Africanos	0%	0%	100%
Total – média geral	18%	17%	65%

Fonte: Nossa autoria.

Mais uma vez o índice da média geral indica uma situação relativamente neutra, mas o olhar para os cursos específicos demonstram dados mais divergentes. Dos 28 cursos desta amostra, a maioria (16) é mais apresentada como sendo reduto masculino. Serviço Social aparece como campeão da lista, já que lá 92% dos alunos do curso responderam já ter escutado se tratar de um curso para mulheres. O curso mais neutro é o de Estudos Africanos onde nenhum dos alunos apontou ter escutado algo sobre ser um curso para homens ou para mulheres, o que pode indicar uma possível relação da etnia sobrepondo-se ao sexo, ou seja, um curso onde o foco de estudo é a história dos negros, o sexo fica em plano secundário. A Tabela 10 apresenta os dados totais, todavia, para discussão elencou-se os destaques expostos na Tabela 11.

A tabela 11 é extraída dos valores obtidos na Tabela 10 e indica os cinco cursos onde mais foi escutado ser “coisa de homem” e “coisa de mulher”.

Tabela 11: Os 5 cursos mais indicados para cada sexo.

“Coisa de homem”	“Coisa de mulher”
Física (75%)	Serviço Social (92%)
Engenharia Elétrica (73%)	Pedagogia (83%)
Engenharia Química (47%)	Letras (56%)
Matemática (40%)	Artes Visuais (55%)
Ciências Imobiliárias (36%)	Biblioteconomia (50%)

Fonte: Nossa autoria.

Dos cinco cursos onde os alunos mais ouviram se tratar de “coisa de homem”, quatro pertencem ao Centro de Ciências Exatas e apenas um ao Centro de Ciências Sociais. A tradição masculina nos cursos de exatas não é uma novidade, logo, já era esperado que esses índices apontassem cursos desta área. Assim como também não é novidade que os cursos onde os alunos mais escutam ser “coisa de mulher” pertencem aos Centros de Ciências Sociais e Humanas.

O elemento que chamou a atenção foi o curso de Ciências Imobiliárias, pertencente ao Centro de Ciências Sociais, onde 36% dos alunos já ouviram se tratar de um curso para homens. É preciso lembrar que este curso foi apontado como sendo o mais sexista de todos os cursos desta amostra, obtendo uma média de dez pontos de marcações sexistas na etapa dois.

No curso de Teatro o dado de 24% não corresponde ao curso ter sido considerado como “coisa de homem”, mas como “coisa de gay”. Essa opção foi acrescentada pelos próprios alunos depois de um deles ter questionado “Nunca ouvi que o curso é coisa de homem, mas ouço sempre que é um curso de gay, posso acrescentar essa alternativa?” Diante da resposta positiva, os alunos fizeram o acréscimo.

De fato, o curso de Teatro é envolto em preconceitos que consideram esta uma profissão de homossexuais. O próprio Jô Soares, apresentador, humorista e ator, disse certa vez no seu programa em tom de brincadeira “Não sei por que existe essa coisa que todo mundo que trabalha no teatro é homossexual, que todos são gays. Eu conheço umas três pessoas que não são”. O teatro, assim como todas as artes, é um espaço de expressão que não se coaduna com a lógica machista que requer um homem engessado em uma moral heterossexual. Almeida Vieira (2009) menciona o teatro como espaço de construção de

identidades e de liberdades, e de como este espaço ainda é pouco estudado pela pesquisa em nível de pós-graduação nas ciências humanas e sociais. Ocorre que assim como as mulheres que são historicamente destinadas para “cursos femininos” os homens que desviam da sexualidade considerada como correta também são “empurrados” para espaços onde possam exercer sua liberdade. Um dos entrevistados de Almeida Vieira (2009, p.4) diz “o encontro com o teatro deu a sensação de estar num lugar seguro, onde as pessoas não me olhavam de lado porque eu era diferente”.

A ótica do sexismo opera através do impedimento de espaços, comportamentos e objetos. O fato do curso de Teatro ser considerado “coisa de gay”, o curso de Serviço Social “coisa de mulher” e o curso de Física, Engenharia Elétrica, Engenharia Química, etc, ser considerado “coisa de homem” diz muito sobre os espaços sociais que estão sendo dados e também sobre os espaços que estão sendo tomados. Um homem que tenha vontade de lecionar para crianças ou ser ator é entendido como “menos homem”, logo, na visão homofóbica, homossexual. Com esse entendimento de que existem áreas específicas para pessoas específicas é que as fronteiras no mercado de trabalho vão surgindo e se estabelecendo com vigor que se cristaliza em preconceitos no tempo.

Indicar esses dados pode parecer uma mera repetição do que o imaginário social já acredita. Todavia, a diferença consiste não em reafirmar estas informações, mas apoiá-las em dados numéricos que possam servir de base argumentativa para essa realidade. Ora, não basta afirmar que os cursos de exatas são masculinos pelo simples fato de existirem mais homens lá matriculados, assim como não basta dizer que os cursos de humanas e sociais são mais femininos por causa da maior presença feminina. É preciso ir além e entender como essa lógica opera no sentido da manutenção destas dinâmicas.

Até este ponto, identificaram-se dois elementos importantes: 1. Em cursos com predominância feminina as mulheres são apontadas como as com maiores chances de sucesso profissional, assim como o contrário no caso dos cursos de predominância masculina. 2. Na maioria dos cursos considerados femininos, existe a demarcação do espaço como sendo das mulheres, assim como o contrário, em cursos considerados masculinos, existe a demarcação do espaço como sendo dos homens.

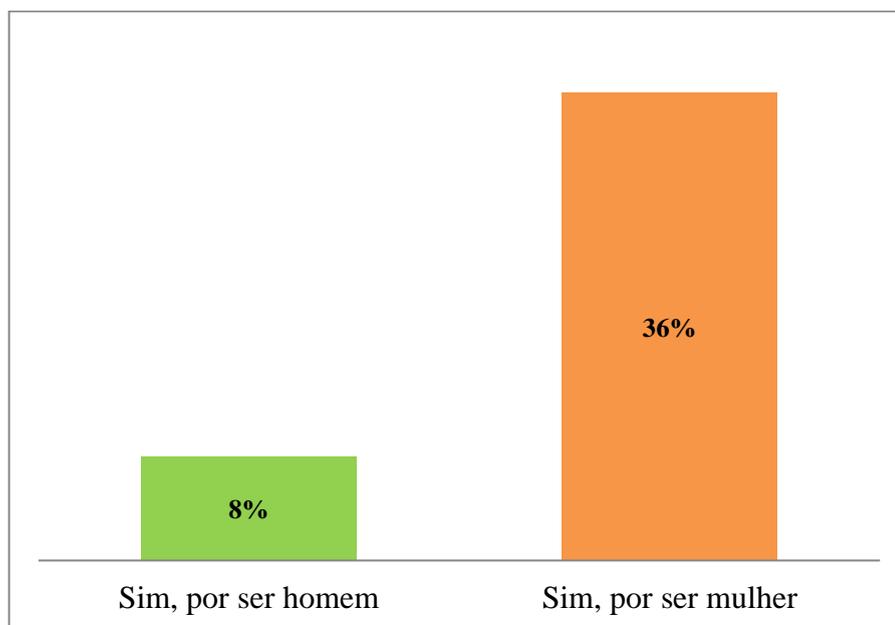
Tais elementos apontam uma conclusão interessante: A mulher procura por cursos “de mulher” por que é o espaço onde socialmente é apontado como seu e sendo assim, terá mais chances de sucesso profissional. Assim como o homem procura por cursos “de homem” pela mesma razão. Não parece ser fatores biológicos que indicam os dons naturais de homens e

mulheres, mas o processo de socialização de uma vida inteira que os aloca em posições diferentes, logo, em escolhas profissionais também diferentes.

Partindo deste entendimento, é possível concluir que dificilmente homens e mulheres vão optar por cursos onde sua presença não seja tida como “natural”, no caso de optarem por cursos considerados femininos e masculinos, respectivamente, e onde sejam preteridos no mercado de trabalho em detrimento do sexo oposto.

Assim sendo, também foi questionado “Sua capacidade profissional já foi colocada em dúvida por ser homem ou mulher?” As opções de resposta eram: () Sim, por ser mulher. () Sim, por ser homem. () Não. Segue o gráfico com o índice geral de respostas e após o quadro com as respostas detalhadas de acordo com cada curso.

Gráfico 10: Capacidade profissional colocada em dúvida por ser homem ou mulher.



Fonte: Nossa autoria.

Esse percentual é relacionado ao número total de participantes do estudo por sexo. Ou seja, 8% correspondem a 17 homens, enquanto que 36% correspondem a 92 mulheres. Verifica-se que o número de mulheres que afirmaram já terem tido sua capacidade profissional colocada em dúvida por causa de seu sexo é bem superior aos homens, todavia, esse número ainda se eleva quando o olhar se desloca para cada curso específico.

Tabela 12: Capacidade profissional colocada em dúvida por ser homem ou mulher.

Cursos	Sim, por ser homem	Sim, por ser mulher
Engenharia Elétrica	15%	100%
Estudos Africanos	17%	68%
Teatro	18%	67%
Engenharia Química	11%	63%
Turismo	12%	60%
Matemática	0%	60%
Direito	0%	57%
Administração	8%	54%
Filosofia	0%	50%
Química	5%	47%
Ciências Imobiliárias	0%	40%
Música	0%	38%
Psicologia	20%	38%
Letras/Libras	0%	33%
Serviço Social	0%	33%
Comunicação Social	0%	33%
Letras	17%	30%
História	0%	29%
Artes Visuais	33%	25%
Ciências Contábeis	12%	20%
Oceanografia	10%	20%
Hotelaria	0%	15%
Ciências Econômicas	0%	14%
Biblioteconomia	0%	10%
Geografia	11%	0%
Pedagogia	33%	0%
Química Industrial	0%	0%
Física	0%	0%
Total – média geral	8%	36%

Fonte: Nossa autoria.

O primeiro dado diz respeito aos cursos onde homens e mulheres nunca tiveram sua capacidade profissional contestada em decorrência de seu sexo. Dentre os sujeitos desta amostra, em 14 cursos, ou seja, 50%, não há registros de homens apontando discriminação sexista. Já no caso das mulheres esse número cai para apenas quatro, ou seja, 14%. A tabela a seguir apresenta os cinco cursos onde os homens se sentiram mais discriminados por serem homens e os cinco cursos onde as mulheres se sentiram mais discriminadas por serem mulheres.

Tabela 13: Os cinco cursos onde homens e mulheres mais se sentiram discriminados por causa de seu sexo.

Sim, por ser homem.	Sim, por ser mulher.
Pedagogia (33%)	Engenharia Elétrica (100%)
Artes Visuais (33%)	Estudos Africanos (68%)
Psicologia (20%)	Teatro (67%)
Teatro (18%)	Engenharia Química (63%)
Letras (17%)	Turismo (60%)

Fonte: Nossa autoria.

O primeiro ponto a ser comentado, diz respeito à diferença de percentuais entre os sexos. Além dos homens apontarem discriminação em apenas 50% dos cursos, enquanto as mulheres apontam-na em 86%, a frequência também é menor entre os homens, pois enquanto todas (100%) as mulheres do curso de Engenharia Elétrica participantes deste estudo indicaram já terem tido sua capacidade profissional contestada por causa de seu sexo, o máximo do percentual masculino foi de 33% no curso de Pedagogia, o que não implica em uma diminuição da importância da problemática, mas em um dado relevante para mensurar a diferença da frequência de discriminações contra homens e mulheres.

O segundo ponto diz respeito aos cursos em si, já que os homens tiveram suas capacidades profissionais contestadas em cursos de predominância feminina, exceto o curso de Teatro, onde o número de matriculados por sexo é equilibrado. As mulheres apresentaram índices mais elevados de respostas positivas a essa questão em quase todos os cursos, porém, a surpresa se deu através dos altos índices nos cursos de Estudos Africanos, Teatro e Turismo, considerados até então, parte dos menos sexistas dos estudos desta amostra. Outra surpresa foi constatar o sexismo inclusive nos cursos considerados femininos, tais como: Serviço Social (33%), Artes Visuais (25%), Letras (30%) e Biblioteconomia (10%).

O terceiro ponto foi a relação entre o sexo considerado mais apto para o sucesso profissional e as respostas sobre capacidade profissional colocada em dúvida. Por exemplo: No curso de Administração, 40% dos alunos responderam que são os homens que têm mais chances de sucesso profissional, enquanto que no próprio curso de Administração 54% das mulheres alunas alegaram já terem tido sua capacidade profissional questionada em decorrência de seu sexo. O percentual de alunos homens de Administração que responderam sobre a capacidade profissional colocada em dúvida foi de apenas 8%. A mesma dinâmica se

estabeleceu na maioria dos outros cursos onde foram os homens aqueles considerados com maiores chances de sucesso profissional.

Spadoni (2006, p.44) afirmou no seu estudo que “O homem fora de seu ambiente masculino é discriminado e a mulher fora de seu ambiente feminino também é discriminada”. Os resultados desta pesquisa concordam com Spadoni (2006) no que concerne ao homem, mas convida a uma nova reflexão no que diz respeito à mulher. O quarto ponto, que nasce da união dos outros três anteriores, é a observação de uma conclusão interessante: os homens tiveram sua capacidade profissional contestada em poucos cursos, em baixa proporção, mas quando ocorreu, foi em cursos considerados femininos. Já as mulheres tiveram sua capacidade profissional contestada em quase todos os cursos, em alta proporção e independentemente do curso ser considerado feminino ou masculino. Ou seja, não importa se o ambiente é considerado feminino ou masculino, a mulher tem sido discriminada da mesma maneira. Assim, ambos os sexos indicam já terem sido alvos de suspeita sobre o potencial de suas capacidades apenas pelo fato de serem homens ou mulheres, porém, as mulheres têm sofrido bem mais com essa problemática.

O próximo item diz respeito a ocorrência de constrangimento de acordo com o sexo, ocorrido diretamente dentro da sala de aula de cada curso, para tal, questionou-se “Você já se sentiu constrangido (a) ou como se sua opinião fosse menos importante durante uma discussão em sala de aula por causa de seu sexo?” As opções de respostas eram: () Sim, por ser mulher. () Sim, por ser homem. () Não.

De maneira geral, 5% dos homens já se sentiram constrangidos desta maneira na sala de aula, já com relação às mulheres esse número sobe para 18%. Esses números correspondem a 11 homens, enquanto que 18% correspondem a 46 mulheres. Na tabela a seguir constam os resultados de acordo com cada curso, pois seguindo a tendência dos outros dados, os percentuais específicos são mais elevados e diversos do que o percentual geral, que parece na verdade apenas mascarar a realidade objeto de análise.

Tabela 14: Constrangimento em sala de aula em decorrência do sexo.

Cursos	Sim, por ser homem	Sim, por ser mulher
Engenharia Elétrica	0%	100%
Ciências Imobiliárias	0%	60%
Estudos Africanos	0%	44%
Química Industrial	0%	40%
Teatro	18%	33%
Filosofia	8%	33%
Administração	8%	31%
Letras	0%	30%
Música	0%	25%
Comunicação Social	0%	25%
Artes Visuais	0%	25%
Pedagogia	0%	20%
Direito	4%	14%
Ciências Econômicas	0%	14%
História	0%	14%
Ciências Contábeis	0%	13%
Engenharia Química	11%	13%
Biblioteconomia	0%	10%
Turismo	25%	10%
Oceanografia	10%	10%
Letras/Libras	0%	8%
Serviço Social	100%	8%
Química	5%	7%
Hotelaria	0%	7%
Psicologia	0%	6%
Geografia	0%	0%
Matemática	0%	0%
Física	0%	0%
Total – média geral	7%	21%

Fonte: Nossa autoria.

Os dados sobre já ter se sentido constrangido (a) ou como se sua opinião fosse menos importante durante uma discussão em sala de aula por causa do sexo seguem a lógica dos demais, pois apresenta as mulheres em maior frequência e proporção em relação aos homens. A tabela a seguir apresenta os cinco cursos onde homens e mulheres se sentiram mais constrangidos dentro da sala de aula por causa do seu sexo.

Tabela 15: Os 5 cursos onde homens e mulheres mais se sentiram constrangidos em decorrência do seu sexo.

Sim, por ser homem.	Sim, por ser mulher.
Serviço Social (100%)	Engenharia Elétrica (100%)
Turismo (25%)	Ciências Imobiliárias (60%)
Teatro (18%)	Estudos Africanos (44%)
Engenharia Química (11%)	Química Industrial (40%)
Oceanografia (10%)	Teatro (33%)

Fonte: Nossa autoria.

Os dados apresentados confirmam a tendência dos obtidos em outros questionamentos: ambos os sexos podem sofrer com o problema em questão, mas as mulheres sofrem mais. Afinal, os homens se sentiram constrangidos em poucos cursos, em baixa proporção e em geral, em cursos considerados femininos. Já as mulheres se sentiram constrangidas ou como se a opinião delas fosse menos importante em quase todos os cursos, em alta proporção e independentemente do curso ser considerado feminino ou masculino. Spadoni (2006), ao pesquisar 229 universitárias chegou a conclusão de que a percepção do sexismo afeta a saúde das mulheres, pois uma vez que estas percebem que o contexto as desqualifica e diminui, seus índices de bem-estar psicossocial e autoestima sofrem considerável queda, gerando influências em outras esferas da vida. O mito do sexo frágil parece se consolidar pela repetição diária até que a mulher se anule por completo.

“[...] quando o pleno emprego da força corporal não é exigido nessa apreensão, abaixo do mínimo utilizável, as diferenças anulam-se; onde os costumes proibem a violência, a energia muscular não pode alicerçar um domínio: é preciso que haja referências existenciais econômicas e morais para que a noção de fraqueza possa ser concretamente definida” (BEAUVOIR, 1970, p.55)

Todo preconceito é uma forma de violência, logo, a obtenção de dados que comprovam o sexismo dentro das salas de aulas na universidade vai na contramão do que esse espaço pretende ser e oportunizar aos alunos. A próxima seção vai discutir outros tipos de violência sexista no espaço do campus, que vão desde o trote, perpassando pelas piadas preconceituosas realizadas por docentes, assédio sexual dentro do campus e no transporte coletivo, até os casos de estupro na universidade.

4.6 Violência no campus

A violência é um problema grave em todas as sociedades e em todos os tempos. Não há como fugir definitivamente dela, mas há como amenizá-la. De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS, 1996), os tipos de atos violentos são: a) Violência física. b) Violência sexual. c) Violência psicológica. d) Violência relacionada à privação ou ao abandono. (OMS, 1996)

O sexismo, ato de estabelecer fronteiras discriminatórias entre os sexos, fomenta a violência contra os homens e mulheres em todos os níveis e tipos. Dessa maneira, compreendendo o espaço da universidade como pertencente ao espaço macro social, é preciso estabelecer relações entre o que acontece com homens e mulheres no meio acadêmico e como isso se converte em formas de violências sexistas. Para tal empreendimento, o estudo abordou questões que perpassam pelos trotes universitários, as piadas preconceituosas ditas pelos docentes para os alunos em salas de aula, o assédio sexual na universidade e no transporte coletivo e os medos dos alunos no retorno para casa depois das aulas. Acredita-se que essa abordagem compreenda de forma gradativa as violências a que homens e mulheres estão sujeitos na universidade. Inicia-se então pela investigação acerca do trote, que é uma brincadeira entre veteranos e calouros, mas que muitas vezes ultrapassa os limites e se transforma em violência.

O trote universitário existe como um ritual de passagem da vida estudantil para a vida acadêmica. O nascimento dessa prática ocorreu nas universidades da Idade Média. Lá, justificava-se a queima das roupas e o corte de cabelo dos calouros como medidas profiláticas. Todavia, já no começo se identificavam excessos violentos, tais como obrigarem os calouros a beber urina e ingerir excrementos, para só depois serem aceitos pelos veteranos como colegas. Também é desde o princípio que as próprias universidades lutam para que os excessos não ocorram. (CAMILO, 2010). O trote é o primeiro acontecimento de quem entra para a vida universitária, e muitos calouros aguardam com ansiedade por esse momento.

Entrar na universidade é o sonho da maioria dos jovens, pois é desta oportunidade que a formação na área de conhecimento almejada será possível, elevando a qualidade de vida e o *status* social de quem a teve. Ocorre que no Brasil isso ainda não é para todos. Já foi pior, ultimamente melhorou um pouco, mas a realidade é que o acesso ao ensino superior ainda é algo para a minoria. De acordo com o último Censo realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) em 2010, só 7,9% da população brasileira possuía ensino superior completo. A campeã dessa estatística é a região sudeste com 10%. A região nordeste,

contexto deste estudo, apresenta o percentual de 4,7%. Assim sendo, confirma-se o argumento de que adentrar o espaço acadêmico é superar um funil que deixa muita gente de fora.

O êxito que permite o acesso aos bancos universitários é muito comemorado com toda comunidade. No Rio Grande do Sul, é comum que diante do resultado positivo, a família pendure uma placa na frente de sua casa anunciando a entrada do filho ou filha na universidade. Em geral, ela é bastante colorida e chamativa, apresentando os seguintes dados: Nome do calouro, curso no qual conseguiu ser aprovado, instituição e uma breve mensagem de como todos estão contentes e orgulhosos com isso. Ou seja, a busca pelo reconhecimento social da vitória é bastante evidente.

Já nos primeiros dias na graduação, o trote aplicado pelos colegas veteranos é algo aguardado, pois é o momento onde será possível desfrutar do prestígio de ser apresentado à sociedade como universitário. Tradicionalmente os trotes são violentos, porém, ainda que seja morale e fisicamente degradante, os calouros aceitam participar por algumas razões: pela brincadeira em si, pelo contato com os colegas veteranos do mesmo curso e para cumprirem esse ritual que os coloca em um status social mais elevado do que o anterior. Para Tommasino e Jeolás, (2000, p.31) os ritos de iniciação marcam, portanto, a passagem de um status a outro, delimitando direitos, responsabilidades e deveres.

Não é novidade apontar nos trotes uma fonte de violência nada concordante com os preceitos humanísticos do espaço acadêmico. Uma rápida pesquisa no Google e centenas de notícias onde a aplicação do trote ultrapassou os limites da brincadeira são obtidas. Inclusive, trotes que ocasionaram em estupros e mortes de estudantes. Dessa maneira, foi questionado aos universitários sujeitos deste estudo, se eles já haviam presenciado na instituição, trotes que envolvessem atos machistas, sexistas, racistas ou homofóbicos. A maioria, 82%, respondeu positivamente. Seguem relatos de acordo com alguns participantes:

“Colocaram bombons sobre as partes íntimas uns dos outros e mandaram pegar com a boca” (Homem, Ciências Econômicas).

“Frases ditas repetidas vezes sobre a opção sexual de alunos” (Mulher, Psicologia).

“Colocaram coleira em uma menina” (Mulher, Psicologia).

“Trote de cursos de exatas com piadas machistas.” (Mulher, Música).

“Colocaram leite condensado em um pepino para as garotas lamberem” (Mulher, Hotelaria).

“Meninos vestidos de ‘mulheres’ e sendo ridicularizados por isso” (Mulher, Administração).

Observa-se que a maioria dos participantes que resolveram escrever um pouco mais sobre isso, foram mulheres, e os relatos versam sobre machismo, sexismo e homofobia.

No *Youtube*, maior plataforma de vídeos do mundo, é possível encontrar com facilidade, gravações de trotes em universidades de todo Brasil. Ao pesquisar sobre os termos “Trote + UFMA” surgem inúmeros vídeos sobre essa prática, inclusive realizados dentro da própria instituição. Cita-se aqui um destes vídeos, de nome “Trote BCT 2014.1 – UFMA”. Na referida gravação, encontram-se ajoelhados, já sujos do que parece ser tinta e farinha, cerca de 30 calouros e estes, estão cercados por veteranos, em número semelhante, que se encontram em pé aplicando o trote. Os veteranos pedem que os calouros (apenas os homens) repitam em coro:

“Eu, calouro burro, juro solenemente que honrarei, respeitarei e servirei aos meus mestres veteranos até o último dia de minha graduação. Tenho plena consciência de minha inferioridade, burrice e ignorância. Prometo honrar o BCT, e como sinal de admiração e respeito aos veteranos, oferecemos as nossas colegas para que satisfaçam seus anseios carnavais. Enquanto eu for calouro, eu não sou ninguém, eu não sou nada”

Então, uma veterana é chamada para falar o que apenas as calouras devem repetir:

“Eu, caloura burra, juro solenemente que honrarei, respeitarei e servirei aos meus mestres veteranos, por que nunca imaginei encontrar homens tão viris e sexys. Tenho plena consciência de minha inferioridade, e humildemente, ofereci-lhes a minha virgindade que preservaremos arduamente esperando o dia em que encontrássemos homens tão musculosos como vocês. Prometo honrar ao BCT, mesmo sabendo que meu lugar é na cozinha. Queridos veteranos, nós amamos vocês.”

Durante a aplicação do trote, é possível ver no vídeo que algumas pessoas se recusam a continuar na “brincadeira”, fato que incentiva as ameaças por parte de quem está comandando:

“Enquanto ele (a pessoa que está se recusando) não parar de falar merda, vocês vão continuar ajoelhados aí.”

“Vocês estão vendo de quem é a culpa, então pode vaiar mesmo.” Incentivando os calouros a condenarem quem está se recusando a participar.

Este homem que se recusa a participar é cercado por vários veteranos que o intimidam a se calar, discutindo com ele. Após alguns segundos, o calouro em questão é sujo novamente pelos veteranos que posteriormente, aos gritos, ordenam para que ele saia daquele local. Enquanto isso, outro veterano joga óleo de cozinha no cabelo de uma menina. Não é possível perceber na gravação se ela está apoiando o rapaz que está sendo rejeitado do grupo, mas essa é uma hipótese viável.

A diferença entre os discursos que homens e mulheres são obrigados a repetir no supracitado vídeo demonstra claramente o machismo e o sexismo estrutural. Enquanto os calouros homens oferecem suas colegas para os veteranos, as calouras oferecem a si mesmas e são lembradas de onde é o seu lugar, a cozinha.

O Bacharelado Interdisciplinar em Ciência e Tecnologia (BICT) é um curso do Centro de Ciências Exatas (CCET) da UFMA. É esse o curso do qual os estudantes do vídeo fazem parte. Tal vídeo não faz parte dos dados empíricos utilizados, mas serve para fazer relação com o que foi apontado por uma das participantes ao mencionar “Trote de cursos de exatas com piadas machistas”.

Adentrar o espaço acadêmico já com essas importantes marcações de espaços entre homens e mulheres é fato que ecoa em todo processo de formação profissional e humana. No próprio momento do trote os corpos femininos e masculinos são alocados em posições diferenciadas. Enquanto as mulheres são hiperssexualizadas, os homens são hostilizados com brincadeiras que remetem à feminilidade e à homossexualidade. A mulher é concebida como bem de consumo sexual masculino, e o homem tem seu valor social diminuído com atribuições de características femininas e/ou homossexuais. Em alguns casos, até mesmo estupros ocorrem durante a aplicação do trote.

As mulheres são as principais e mais dolorosas vítimas, mas os homens não ficam ilesos. Elas, por sofrerem as consequências dessa conotação sexual que lhes é atribuída. Eles, por terem de provar constantemente essa virilidade obrigatória que é cobrada do macho da espécie.

No vídeo do trote da BICT, as mulheres são lembradas do que, no imaginário daqueles sujeitos, seria o seu lugar, a cozinha. Siqueira et al (2012) apontam o poder como fio constitutivo das relações sociais, permeando a formação identitárias dos sujeitos. Ora, quando uma mulher solicita que outras mulheres repitam que seu lugar não é ali, ela não está praticando uma inocente brincadeira, mas uma violência que serve para manter o poder

masculino naquele espaço, já que para estes o mesmo não foi dito. Ou seja, a identidade das alunas vai sendo estabelecida em um sentimento de não pertencimento já no momento de entrada no curso.

[...] quando, por exemplo, os indivíduos participam de interações sociais que tendem a lembrá-los (as) quais lugares de sujeito devem ser ocupados para serem aceitos, para não destoarem do que foi estabelecido como a “forma natural de ser”. As identidades só se definem por meio de um processo de produção da diferença. Ou, poderíamos dizer que a percepção do (a) outro (a) se dá em estreita relação com a construção identitária. (SIQUEIRA et al, 2012, p.149)

O trote não pode ser analisado pela ótica reducionista que o considera apenas como expressão histórico-cultural, ou seja, costume tradicional, logo, justificável por si só. É preciso ir além e incorporar nas análises sobre o trote, o viés das interações dinâmicas entre os sujeitos e como estas produzem e reproduzem o meio cultural. Isso implica em olhar para o contexto brasileiro atual e entender como o trote se insere, especificamente, neste espaço, neste tempo e com esses sujeitos. (TOMMASINO e JEOLÁS, 2000). Assim, atualmente, o trote ainda é concebido como uma grande brincadeira pela maioria dos estudantes que se sujeitam a essa prática sem maiores reflexões a respeito. Um ritual de passagem necessário, ainda que possa ser humilhante.

Rituais de passagem como o trote ocorrem desde sempre e no mundo todo. De acordo com Tommasino e Jeolás (2000), a forma como os mais jovens são recepcionados pelos mais velhos para seu novo papel e *status* social é, em geral, acompanhada de dor. Os autores citam os casos das sociedades indígenas, pois nestas, os rituais são repletos de violência física infringida pelos mais velhos. A diferença consiste no objetivo, pois, rituais indígenas buscam na dor, a demonstração de coragem, bravura e virilidade que será necessária para a vida adulta, e ainda esta é controlada para que não exceda os limites e prejudique os iniciados. Já no caso dos trotes universitários, a dor e a humilhação servem apenas para o que Camilo (2010, p.5005) vai citar como “tortura em estado puro, porque não depende de pretextos para ensinar a desejada chance de extravasar socialmente o sadismo”.

Na ousadia em contrariar Camilo (2010), sugere-se um pretexto para a violência cometida contra as mulheres nos trotes: o preconceito de sexo, ou seja, o sexismo. Sexismo que surge com força ao alocar para o sexo feminino uma condição de mercadoria sexual, ao invés de estudante e, sexismo que surge ao tratar pejorativamente um homem dando-lhe características femininas ou que destoam da ordem heterossexual normatizada, como se isso fosse um grave defeito.

Deixando a análise da violência que ocorre fora das salas de aula, inicia-se a discussão sobre outro tipo de agressão nas quais homens e mulheres estão sujeitos no espaço acadêmico: a opressão que se traveste de piada dentro das salas de aula.

A função docente demanda a boa comunicação, pois para que a mensagem chegue aos alunos da maneira ideal, é preciso obter a atenção destes durante a fala. Em Pedagogia isso é o que se chama de didática. Enquanto professor, não basta ter conhecimento, é preciso saber transmitir o que se sabe. Ter ou não didática para trabalhar os conteúdos com os alunos vai influenciar em todo processo de aprendizagem dos mesmos. Assim sendo, os professores ocupam-se em alinhar estratégias que possam ser úteis na captação do interesse dos discentes durante as aulas. Estratégias essas que variam desde os recursos didáticos utilizados, perpassando pela maneira de conduzir a aula, até a postura docente na relação professor-aluno. O foco de interesse neste momento é o último item, a postura do professor na sala de aula.

O interesse por olhar a didática docente por esse ângulo se justifica no entendimento de que é na relação direta com os alunos que o professor expressa todo conteúdo de si, ou seja, não apenas o conhecimento técnico de sua área, mas suas crenças e paixões pessoais, assim como é comum, suas próprias histórias de vida como exemplo para diversas situações. Logo, as estratégias utilizadas para obter a atenção dos alunos, variam de acordo com a personalidade do docente em questão. É neste ponto que o uso de piadas surge como um dos elementos preferidos dos docentes para descontrair o ambiente e ativar a relação professor-aluno através do carisma.

Embora não tenhamos dúvidas de que utilizar o humor, especificamente piadas, facilita a aprendizagem, por causar um clima agradável, por fornecer um material autêntico, por poder trabalhar com aspectos culturais, expressões idiomáticas, etc., temos consciência de que se o professor não tiver clareza em como utilizar a piada, dificilmente terá bons resultados em sua aula. (ANDRADE, 2015, p.1)

Andrade (2015) sugere o uso do humor em sala de aula, não apenas para descontrair o ambiente, mas para que sirva como ferramenta de ensino, afinal, se o aluno sorrir com determinada flexão do conteúdo em tom humorístico, será mais fácil que processe cognitivamente essa mensagem, aprenda seu conceito e utilize o gatilho do humor para recordá-lo sempre que preciso.

Muitos professores utilizam o humor para provocar momentos de alívio em seus estudantes. Trabalham um conteúdo denso, difícil e, para relaxar um pouco, contam uma piada ou fazem uma brincadeira, que normalmente nada tem a ver com o conteúdo que estão trabalhando. E, como resultado, a turma libera a tensão através do riso. Depois disso, todos voltam a se concentrar seriamente na aula. Evidentemente, não se pode negar que esse é um procedimento interessante. No entanto, não nos parece suficiente. (ANDRADE, 2015, p.5)

Não parece suficiente no sentido de promover a piada pela piada, sem intenções pedagógicas. O contrário acontece com professores que, por exemplo, transformam os temas da aula em músicas e paródias, utilizando da irreverência para ensinar conteúdos complexos de uma maneira mais simples e agradável, como é o caso do professor Sílvio Predis, que em 2013 ficou famoso na *internet* por ter um vídeo divulgado onde ensina Química para seus alunos através do ritmo do funk, trocando a letra da música pelo conteúdo ensinado em aula.

Em entrevista ao Programa do Jô, também em 2013, Sílvio comenta como essa prática alivia o stress dos seus alunos, já que ele leciona em cursinhos pré-vestibulares, então se trata de um ambiente onde a maioria dos jovens está tensa por causa da pressão para a entrada na universidade. Assim, o humor é uma estratégia válida para captar o interesse, ensinar de maneira significativa e ao mesmo tempo serve como válvula de escape para os alunos, tornando o ambiente mais agradável para todos e ainda alcançando os objetivos educacionais estabelecidos.

O exemplo de Sílvio é admirável, mas infelizmente não corresponde a maioria dos casos de bom uso do humor em sala de aula. O que ocorre na prática, já nos próprios cursinhos pré-vestibulares, é um show de preconceitos que nada tem a ver com os objetivos da aula. Os cursinhos cobram caro para preparar os alunos para os grandes vestibulares e para o Exame Nacional do Ensino Médio. Quanto mais concorrido o curso escolhido pelo aluno, mais denso é o conteúdo que ele precisa dominar para obter uma nota maior e assim, obter chances de sucesso maiores também. Portanto, os professores contratados pelos cursinhos são aqueles que têm verdadeiro talento para o palco, fazendo tudo para manter o interesse do aluno na aula. Logo, o uso do humor através de piadas é muito comum. O problema é que na maioria das vezes, não há recursos cognitivos disponíveis para piadas mais elaboradas, e o que ocorre é a repetição de piadas preconceituosas contra mulheres, homossexuais e negros.

Em 2014, em matéria publicada no jornal Folha de São Paulo, o título era “Reação de alunos faz professores pararem com piadinhas homofóbicas de cursinho.” A reação dos alunos foi provocada de maneira generalizada em vários cursinhos do estado de São Paulo. Diante das constantes piadinhas homofóbicas e machistas, e do aumento gradual da consciência dessa problemática por parte dos alunos, a matéria registra que especialmente as meninas estão

reclamando e denunciando cada vez mais. O que culminou em uma reorientação das direções dos cursinhos, solicitando aos seus docentes para que suspendam os comentários depreciativos contra as mulheres e homossexuais, não por consciência do absurdo, mas por receio dos futuros processos jurídicos que teriam de responder.

Um dos professores relatou ao jornal “Virei chato. Não faço mais brincadeiras. Minhas aulas estão terminando mais cedo. Passo exercícios a mais.” Outro professor disse “Entre 80 pessoas entenderem que é brincadeira e 20 acharem que você está incentivando alguma coisa, é melhor não fazer piada. O incrível é que, dez anos atrás, você podia contar piada de preto, de português. Ao mesmo tempo, era inimaginável ter dois meninos se beijando no cursinho como temos agora.” Através da fala dos dois professores é possível notar a insatisfação por serem coagidos a acabar com suas práticas preconceituosas. Acerca da temporalidade do humor, em referência ao depoimento do último docente, Andrade (2015) afirma:

O que é engraçado hoje pode não ser amanhã. O que é engraçado para mim, pode não ser para ele. O que é engraçado em minha cultura pode não ser na cultura dele. O que é engraçado para as crianças pode não ser para os jovens e o que é engraçado para os jovens pode não ser para os idosos. Portanto, o humor vai ser encarado de maneira diferente de acordo com o sexo, idade, escolaridade, nacionalidade, momento e conhecimento de mundo de cada um. Somos diferentes, por isso rimos de coisas diferentes. (ANDRADE, 2015, p.2)

Existe a famosa justificativa de “Ah, mas no tempo do programa dos Trapalhões eles faziam piadas com negros chamando-os de macacos, com mulheres que apanhavam dos maridos, com homossexuais estereotipados e ninguém achava ruim”, que é muito utilizada por todos que buscam defender a continuidade do humor que insiste em agredir.

O programa comandado por Renato Aragão foi ao ar na década de 1980, época onde a maioria da população brasileira nem sonhava em questionar os papéis de gênero, a violência imposta a homossexuais ou o próprio racismo. Atualmente, com o aumento da consciência feminista, o mundo se tornou mais difícil para os engraçadinhos de plantão, mas isso não significa grandes avanços.

Levando em conta que os estudos nessa área específica da ação docente ainda são poucos, questionou-se aos alunos participantes desta pesquisa “Você já presenciou algum (a) professor (a) fazendo piadinhas preconceituosas na sala de aula?”. Segue a Tabela 16 especificando o percentual das respostas por sexo e de acordo com cada curso participante.

Tabela 16: Incidência de piadas preconceituosas de acordo com o curso.

Cursos	Homens	Mulheres	Média geral do curso
Ciências Imobiliárias	67%	60%	64%
Biblioteconomia	-	60%	60%
Ciências Contábeis	75%	73%	74%
Geografia	22%	50%	27%
Engenharia Elétrica	62%	100%	67%
Química	47%	47%	47%
Turismo	25%	40%	33%
Hotelaria	100%	39%	43%
Letras/Libras	0%	0%	0%
Direito	77%	100%	85%
Pedagogia	67%	53%	56%
Música	29%	38%	32%
Engenharia Química	78%	50%	65%
Matemática	20%	40%	30%
Administração	17%	54%	36%
Ciências Econômicas	56%	100%	75%
Química Industrial	14%	60%	33%
Física	67%	100%	75%
Oceanografia.	60%	50%	55%
Serviço Social	100%	67%	69%
Comunicação Social	100%	59%	69%
Psicologia	40%	75%	67%
Letras	83%	90%	88%
Estudos Africanos	17%	78%	53%
Artes Visuais	100%	100%	100%
História	50%	43%	47%
Teatro	64%	50%	59%
Filosofia	54%	67%	58%
Total – média geral	55%	62%	56%

O percentual obtido diz respeito àqueles que responderam “sim” para essa questão. Observa-se então, que em todos os cursos pesquisados, exceto o curso de Letras/Libras, os universitários já presenciaram docentes fazendo piadinhas de cunho preconceituoso durante suas aulas. Os cursos com percentuais mais elevados foram: Artes Visuais, Letras, Ciências Contábeis, Engenharia Elétrica e Direito.

Os cursos com percentuais mais baixos foram: Geografia, Matemática e Música (32%). Todavia, esses percentuais baixos dizem respeito à média, mas se o olhar for deslocado para o que respondem homens e mulheres especificamente em cada curso, será possível perceber que a média só caiu, pois o número de homens que respondeu positivamente foi menor do que o número de mulheres. O curso de Geografia, por exemplo, segue com média de 27%, mas o olhar direcionado apenas para as mulheres notará que 50% destas

responderam positivamente, enquanto apenas 22% dos seus colegas homens fez o mesmo. Outras dissonâncias semelhantes são encontradas nos cursos de Administração (17% eles e 54% elas), Química Industrial (14% eles e 60% elas) e Estudos Africanos (17% eles e 78% elas).

Outro dado relevante: Observando-se os cursos nos quais homens e mulheres aparecem respondendo positivamente em 100% dos casos, é possível estabelecer uma relação entre a predominância de sexo no curso em questão e a percepção acerca das piadas na maioria das vezes. Por exemplo: O curso de Serviço Social é considerado feminino, logo, 100% dos homens respondeu já ter presenciado docentes fazendo piadinhas preconceituosas, em detrimento das 67% de suas colegas que responderam o mesmo. O curso de Ciências Econômicas é considerado masculino, logo, 100% das mulheres respondeu positivamente à questão, enquanto apenas 56% dos seus colegas responderam o mesmo.

A média geral de respostas positivas entre todos os participantes do estudo, independente de sexo ou curso, é de 56%. Ou seja, mais da metade dos sujeitos desta amostra já presenciou este ato. A frequência é apontada por todos os participantes, como “raramente”, exceto pelos cursos de Ciências Contábeis, Química e Direito, onde os alunos marcaram a opção “regularmente” na maioria das vezes.

O curso de Biblioteconomia foi o único da amostra que não apresenta representantes do sexo masculino, logo, os índices dizem respeito apenas à população feminina do curso.

Questionou-se também sobre o tipo de piada, para que fosse possível identificar a intensidade dos ataques com relação a cada população. Logo, as opções que foram dadas no instrumento de pesquisa foram: () Piadas racistas, () Piadas machistas / sexistas e () Piadas homofóbicas. Nesta questão os alunos poderiam marcar mais de uma opção se assim desejassem. Então, a partir da tabulação dos dados, obteve-se a Tabela 17, que apresenta um comparativo dos tipos de piadas presenciadas pelos alunos:

Tabela 17:Tipos de piadas preconceituosas de acordo com o curso.

Cursos	Machista/Sexista		Racista		Homofóbica	
	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres	Homens	Mulheres
1. Ciências Imobiliárias	50%	60%	33%	20%	33%	0%
2. Biblioteconomia	-	40%	-	50%	-	40%
3. Ciências Contábeis	50%	53%	12%	40%	12%	27%
4. Geografia	11%	0%	0%	50%	11%	0%
5. Engenharia Elétrica	46%	100%	15%	0%	39%	50%
6. Química	37%	40%	5%	0%	26%	7%
7. Turismo	25%	20%	0%	20%	12%	30%
8. Hotelaria	0%	39%	0%	15%	0%	15%
9. Letras/Libras	0%	0%	0%	0%	0%	0%
10. Direito	69%	93%	35%	43%	42%	86%
11. Pedagogia	33%	40%	33%	27%	33%	27%
12. Música	14%	25%	0%	25%	29%	13%
13. Engenharia Química	56%	38%	11%	25%	33%	13%
14. Matemática	20%	40%	20%	40%	20%	40%
15. Administração	8%	54%	17%	16%	8%	15%
16. Ciências Econômicas	44%	100%	22%	14%	11%	43%
17. Química Industrial	14%	60%	0%	0%	0%	0%
18. Física	67%	100%	33%	0%	33%	0%
19. Oceanografia.	50%	40%	0%	30%	20%	50%
20. Serviço Social	100%	50%	0%	0%	0%	8%
21. Comunicação Social	100%	58%	25%	8%	25%	8%
22. Psicologia	0%	25%	0%	0%	20%	0%
23. Letras	67%	80%	17%	20%	0%	30%
24. Estudos Africanos	0%	67%	0%	56%	17%	67%
25. Artes Visuais	33%	63%	67%	63%	100%	88%
26. História	50%	29%	25%	0%	38%	14%
27. Teatro	55%	0%	18%	0%	46%	33%
28. Filosofia	39%	68%	15%	16%	15%	33%
Total – média geral por sexo	38%	49%	15%	21%	23%	26%
Total - média geral	44%		18%		25%	

Fonte: Nossa autoria.

Apresenta-se para apreciação o quadro com os índices levantados de acordo com o curso onde o professor leciona, sexo do participante e a frequência de respostas em cada variável. As piadas machistas e sexistas surgem em primeiro lugar, pois foram apontadas em 44% dos casos. Ou seja, a cada dez pessoas que disseram já ter presenciado piada preconceituosa por parte dos docentes, cinco apontaram como tal piada sendo de teor machista ou sexista. Em segundo lugar surgem as piadas homofóbicas com 25% do total e em último, as piadas racistas com 18%.

Os cursos campeões em piadas sexistas foram: Engenharia Elétrica, Direito, Ciências Econômicas, Ciências Contábeis e Física. Neste caso, são quase todos considerados cursos

masculinos. Todavia, os índices também são altos na maioria dos demais cursos. Inclusive naqueles considerados femininos, como Serviço Social.

Os cursos onde os participantes marcaram as piadas machistas e sexistas em menor proporção foram: Psicologia, Geografia e Música.

Os cursos campeões em piadas homofóbicas foram: Artes Visuais, Teatro, Direito, Ciências Econômicas e Engenharia Elétrica. Os cursos onde as piadas homofóbicas não foram tão presentes foram: Química Industrial, Geografia, Serviço Social, Psicologia e Hotelaria.

Os cursos campeões em piadas racistas foram: Direito, Artes Visuais, Ciências Imobiliárias e Estudos Africanos. Os cursos onde os participantes marcaram as piadas racistas em menor proporção foram: Teatro, Psicologia, Serviço Social, Química e Química Industrial.

Causou espanto o índice sobre piadas racistas obtido no curso de Estudos Africanos, afinal, este curso tem justamente a finalidade de formar profissionais para trabalhar o ensino de História e Cultura Africana no sistema educacional brasileiro. Logo, o dado de que 56% das mulheres alunas afirmam já terem presenciado seus professores fazendo piadas racistas, é de fato problemático.

Durante a fase de coleta de dados, essa tendência no curso de Estudos Africanos foi observada, pois os alunos respondiam e em alguns momentos conversavam entre si, ainda que a orientação fosse para que respondessem de forma individual. Todavia, não foram conversas que atrapalhariam a obtenção dos dados. Assim, quando as alunas chegaram à questão sobre as piadas, uma delas leu a questão e falou alto “Isso é muito comum por aqui”. Diante desta constatação, questionou-se a aluna e outras cinco que estavam no mesmo grupo “Piadas racistas? Aqui?” Elas sorriram e uma respondeu “Ih, é mais comum do que você imagina”. Acerca da reação dos colegas sobre as piadas preconceituosas, uma das alunas do curso escreveu no instrumento de pesquisa: “Não entenderam o teor do discurso”.

Importante lembrar que há 25 anos o racismo é crime no Brasil. A Lei Nº 7.716 de 1989 prevê punições para os crimes resultantes de discriminação ou preconceito de raça, cor, etnia, religião ou procedência nacional. No entanto, ela não é clara sobre piadas relacionadas à raça. (Lei 7.716/89)

Em 2014, o humorista Danilo Gentili, reconhecido por fazer piadas extremamente preconceituosas de maneira recorrente, foi absolvido do crime de injúria racial por ter oferecido bananas a um internauta negro em outubro de 2012. A justiça interpretou a atitude de Danilo como inocente, pois não haveria na piada a intenção de ofender o internauta. Entre tantos outros casos posteriores a esse, em 2017, Danilo gravou a si mesmo recebendo a notificação de um processo judicial iniciado pela Deputada Federal Maria do Rosário. Neste

vídeo, ele aparece chamando a deputada de “puta”, rasga o processo, enfia os papéis rasgados nas próprias calças, coloca-os de volta no envelope onde escreve “com cheirinho especial” e vai até o correio onde envia tudo para Maria do Rosário.

A sensação de impunidade é tão grande que ele sorri o tempo todo, enquanto fala outras palavras de baixo calão direcionadas à deputada. Racismo e sexismo andando lado a lado, e o autor das agressões sendo inocentado sumariamente, já que a maior parte das pessoas que assistiram ao vídeo, consideraram como tudo sendo apenas uma piada. Importante salientar que no caso de racismo, Danilo ofereceu bananas para o homem, pois o mesmo estava questionando suas posturas preconceituosas.

O processo de Maria do Rosário foi aberto em decorrência de constantes ataques difamadores sobre sua honra e capacidades para o trabalho. Este caso serve para exemplificar como posturas racistas acompanham posturas sexistas e vice-versa.

“[...] há profundas analogias entre a situação das mulheres e dos negros: umas e outros emancipam-se hoje de um mesmo paternalismo e a casta anteriormente dominadora quer mantê-los ‘em seu lugar’, isto é, no lugar que escolheu para eles; em ambos os casos, ela se expande em elogios mais ou menos sinceros às virtudes do ‘bom negro’, de alma inconsciente, infantil e alegre, do negro resignado, da mulher ‘realmente mulher’, isto é, frívola, pueril, irresponsável, submetida ao homem.” (BEAUVOIR, 1970, p.18)

Retornando às questões sobre piadas preconceituosas, questionou-se também sobre a reação que os universitários apresentam diante destas. Neste caso não foram dadas opções de respostas, mas apenas um espaço em branco onde os participantes poderiam escrever o que e quanto quisessem para responder a pergunta. Assim sendo, a Tabela 18 apresenta as sete categorias que foram organizadas a partir das respostas fornecidas.

Tabela 18: Reação dos colegas diante das piadinhas preconceituosas dos professores.

Cursos	Indiferença	Desconforto, mas ninguém questiona.	Homens dão risada. Mulheres repudiam.	A maioria costuma sorrir.	Ocorre debate na sala.	Indignação/Revolta	Denúncias
1. Ciências Imobiliárias	18%	9%	-	9%	19%	-	-
2. Biblioteconomia	30%	20%	-	10%	-	-	-
3. Ciências Contábeis	40%	13%	-	13%	4%	-	4%
4. Geografia	-	9%	-	18%	-	-	-
5. Engenharia Elétrica	27%	13%	-	27%	-	-	-
6. Química	3%	6%	3%	27%	3%	2%	-
7. Turismo	6%	11%	6%	6%	-	4%	-
8. Hotelaria	-	7%	-	14%	-	15%	7%
9. Letras/Libras	-	-	-	-	-	-	-
10. Direito	27%	27%	5%	23%	3%	-	-
11. Pedagogia	6%	17%	-	11%	-	11%	-
12. Música	18%	5%	9%	-	-	-	-
13. Engenharia Química	12%	-	-	53%	-	-	-
14. Matemática	-	-	-	20%	-	10%	-
15. Administração	12%	-	-	16%	-	8%	-
16. Ciências Econômicas	6%	6%	6%	45%	-	12%	-
17. Química Industrial	8%	8%	-	9%	-	8%	-
18. Física	-	-	-	75%	-	-	-
19. Oceanografia.	10%	-	5%	30%	-	10%	-
20. Serviço Social	31%	8%	-	-	-	15%	-
21. Comunicação Social	13%	12%	-	7%	19%	-	12%
22. Psicologia	5%	10%	-	9%	33%	5%	-
23. Letras	6%	13%	7%	6%	31%	6%	12%
24. Estudos Africanos	13%	13%	-	13%	7%	-	7%
25. Artes Visuais	36%	45%	-	-	10%	9%	-
26. História	-	40%	-	7%	-	-	-
27. Teatro	12%	6%	-	-	6%	29%	6%
28. Filosofia	16%	11%	-	10%	5%	16%	-
Total – média geral	18%	16%	7%	23%	15%	12%	9%

Fonte: Nossa autoria.

As reações dos universitários diante das piadas preconceituosas ditas por professores são variadas, mas em 91% dos casos não ultrapassa a porta da sala de aula, ou seja, em média só 9% mencionam o ato de denunciar como algo já realizado pela turma.

“Houve uma reprovação por parte dos alunos que se retiraram da sala e prestaram queixa na coordenação.” (Homem, Letras)

“A pessoa ofendida foi à coordenação reclamar e o professor não voltou a dar aula para a turma do 2º período” (Mulher, Letras)

No decorrer desta análise serão incluídas as escritas dos alunos com relação a esse questionamento, uma vez que elas são elucidativas e servem para dar o direito de “voz” a todos que se dispuseram a contribuir com a pesquisa. Importante registrar que na fase de coleta de dados, durante a aplicação dos questionários, era possível observar que as mulheres o levavam muito a sério sempre. Em contrapartida, toda vez que alguém ria alto enquanto lia alguma questão, esse alguém era um homem.

Retomando, o percentual maior de reação foi o riso, onde os participantes afirmam em 23% dos casos que a maioria dos seus colegas apenas ri da piada. Um percentual menor (7%), mas não menos importante, foi o de pessoas que julgaram necessário esclarecer que quem sorri são os homens, enquanto as mulheres repudiam tal situação.

“Homens = riso. Mulheres = repulsa.”(Homem, Direito)

Os cursos com percentuais mais elevados de pessoas que dão risadas das piadas foram: Física, Engenharia Química, Ciências Econômicas, Oceanografia, Engenharia Elétrica e Química.

“Dão risadas, o que para mim se torna um ato de concordância” (Mulher, Ciências Econômicas)

“Meus colegas riem, quando vejo que não dá pra argumentar, me retiro da sala” (Homem, Ciências Econômicas)

“Riem junto com os professores.” (Homem, Oceanografia)

“A maioria costuma sorrir.” (Homem, Direito)

“Os homens em sua maioria acham normal, algumas mulheres também, mas algumas outras ficam completamente revoltadas.” (Mulher, Turismo)

“Todo mundo sorri, quer dizer, acho que todo mundo. Não sei como criticar sem ofender, por isso acabo baixando a cabeça e ficando calada.” (Mulher, Administração)

“Infelizmente compartilham as opiniões.” (Homem, Química)

Demonstrar-se indiferente com relação à piada, como se não tivesse ocorrido nada relevante é a reação apontada por 18% dos participantes na média geral. Os cursos onde essa reação é mais recorrente foram: Ciências Contábeis, Artes Visuais, Serviço Social, Biblioteconomia, Direito e Engenharia Elétrica.

“Ninguém liga, e nem eu.” (Homem, Engenharia Química)

“Normal” (Mulher, Administração)

“Todos fingem que não ouviram e quando alguém fala todos defendem o professor, colocando a fala dele como ‘brincadeira’”. (Homem, Artes Visuais)

“Riem ou tentam fingir indiferença (os que se ofendem). A reação dos que se ofendem também varia conforme o grau de autoritarismo do professor”.

(Mulher, Comunicação Social)

“Fingem que não percebem”

(Mulher, Música)

“Indiferente. Acho que por conta da autoridade do professor.”

(Homem, Filosofia)

“A maioria ignora, mas sinto que muitos (especialmente homens) vibram em silêncio. Em uma sala em que a maioria é mulher cis e homens homossexuais, a “minoría” (dentro desse contexto) homem e hétero tem um grupo no Whatsapp chamado “resistência hétero”, formado por pelo menos dez alunos, que calam na aula, por medo de retaliações, mas vibram entre si.”

(Mulher, Direito)

“Eles riem, porém não há manifestação de revolta, só quando uma mulher se pronuncia e diz que tal piada ou gracinha ofendeu”.

(Mulher, Letras)

“Foi somente uma vez e foi bem sutil. Uma piada não com uma aluna em específica, mas com as mulheres de modo geral” (Mulher, Serviço Social)

Sentir desconforto com a situação, mas não reagir é a terceira categoria mais recorrente, atingindo um percentual de 16% das respostas. Os cursos onde isso mais acontece são: Artes Visuais, História, Direito, Biblioteconomia e Pedagogia.

“A maioria se inibe e quem tenta fazer algo às vezes ainda sai por errado, chato, etc.”
(Mulher, Artes Visuais)

“Alguns sorriem por achar graça, outros por constrangimento.” (Mulher, Matemática)

“Desaprovam, entretanto, há a cultura infeliz de se manter calado ou fingir não ouvir.”
(Homem, Direito)

“Ocorre espanto e estranhamento, creio que pelo ambiente em que é feita a piada” (Mulher, Comunicação Social)

Já de acordo com 15% dos alunos, a reação dos seus colegas é a de problematizar a situação e levantar o debate acerca da piada preconceituosa na sala de aula. Os cursos onde essa atitude foi mais recorrente foram: Psicologia, Letras, Ciências Imobiliárias e Comunicação Social.

“Ficamos espantados e o questionamos. Ele disse que era apenas brincadeira e que não tinha preconceito” (Homem, Teatro)

“Por geralmente se darem de forma ‘embutida’, nas entrelinhas, os alunos só se manifestam se provocado o debate, do contrário sempre passa com naturalidade” (Mulher, Serviço Social)

Aqueles que afirmaram que os colegas se sentem indignados e revoltados com a situação compõe 12% da amostra. O curso que mais se destacou nesse quesito foi o de Teatro, com 29%, percentual bem acima dos demais cursos.

“Alguns sorriem, outros, como eu, ficam com raiva.”(Mulher, Matemática)

“Ficam ofendidos à toa. Brincadeira é brincadeira.”(Homem, Letras)

Após a identificação dos resultados acerca das piadas e dos tipos destas, segue a análise dos dados obtidos, mas agora com relação ao assédio sexual, essa prática de violência que infelizmente ainda é uma realidade no cotidiano de muitas pessoas. Sobre o assédio, questionou-se “Você já foi assediado sexualmente dentro da universidade?” A seguir, a Tabela 19 com o percentual de respostas entre homens e mulheres de acordo com o curso.

Tabela 19: Percentual de homens e mulheres assediados na universidade.

Cursos	Homens	Mulheres
1. Ciências Imobiliárias	0%	20%
2. Biblioteconomia	0%	30%
3. Ciências Contábeis	25%	33%
4. Geografia	33%	0%
5. Engenharia Elétrica	0%	50%
6. Química	21%	20%
7. Turismo	12%	10%
8. Hotelaria	0%	46%
9. Letras/Libras	0%	8%
10. Direito	8%	21%
11. Pedagogia	33%	0%
12. Música	29%	37%
13. Engenharia Química	22%	0%
14. Matemática	20%	20%
15. Administração	8%	23%
16. Ciências Econômicas	22%	29%
17. Química Industrial	0%	40%
18. Física	0%	0%
19. Oceanografia.	40%	40%
20. Serviço Social	0%	17%
21. Comunicação Social	0%	8%
22. Psicologia	0%	19%
23. Letras	30%	30%
24. Estudos Africanos	17%	22%
25. Artes Visuais	33%	25%
26. História	25%	0%
27. Teatro	9%	67%
28. Filosofia	8%	67%
Total – média geral	14%	24%

Fonte: Nossa autoria.

Durante a aplicação dos questionários, por três vezes em cursos diferentes, homens questionaram as colegas mulheres (todas as vezes de forma jocosa) sobre a questão do assédio “O que é assédio pra vocês?”, “O que é assédio de verdade mesmo? “Qual a diferença entre assédio e cantada?”. Na primeira pergunta a resposta foi o silêncio e um pedido de “responde

o teu quieto!” por parte de uma aluna. Na segunda oportunidade, risos constrangidos, que foram recebidos com um sorriso de satisfação do rapaz que fazia a questão. No último caso, porém, um outro rapaz respondeu “Assédio é quando você é feio e pobre. Cantada é quando você é bonito ou tem dinheiro.” Ambos riram, mas nenhuma mulher do ambiente acompanhou as risadas.

Sobre cantada e assédio, a jornalista Andreia Nobre (2016), em publicação para o Instituto da Mulher Negra – Geledés esclarece: Cantadas são o próprio assédio, pois cantadas não são elogios, são intervenções que demonstram a clara intenção sexual, causando constrangimento. Apesar disso, existe uma grande resistência masculina em perceber a diferença entre ser agradável e praticar assédio. Os elogios sinceros que não façam referência ao corpo da mulher e não causem constrangimento são diferentes da violência característica do assédio. Andreia ainda comenta sobre a dificuldade que os homens têm de entender isso:

Muitos homens, mas muitos mesmo têm muita dificuldade em entender como pode um “elogio” ser considerado assédio. Eles consideram que não há nada demais em dizer a uma mulher que ela é linda. Na verdade, eles ficam ofendidos se a gente não aceita ser, segundo eles, “elogiada”. (NOBRE, 2016)

Dizer para os homens que estes não têm o direito de lançar cantadas nas mulheres, pois essa atitude não é interpretada pelas mesmas como um elogio e sim como uma violência é uma tarefa que requer paciência. No imaginário popular da cultura machista e sexista, convencionou-se a acreditar que homens podem interpelar mulheres a qualquer tempo para dizer a elas o quanto algo nas mesmas foi motivo de admiração. De forma geral, algo relacionado ao corpo.

Durante muito tempo as mulheres consideraram o assédio sexual como algo quase inerente ao ser feminino, só recentemente é que essa postura vem sendo questionada e criticada, principalmente pelo movimento feminista.

Embora o assédio sexual exista desde sempre em diversos contextos organizacionais, só nos anos mais recentes se passou a designar esta experiência como uma forma particular de violência sexual. Até meados do último século, para muitas mulheres, a tolerância do assédio e, em particular, do assédio sexual fazia parte da premissa de ter ou manter um emprego fora de casa. (DIAS, 2008, p.12)

Não é surpresa, que diante da pergunta sobre assédio, três homens sujeitos deste estudo tenham julgado engraçado questionar o que de fato seria assédio, enquanto que nenhuma mulher fez o mesmo. O sujeito que completou, explicando erroneamente a diferença entre cantada e assédio, o fez através de sexismo, machismo e misoginia, pois agiu de maneira

clara e deliberada no sentido de denegria a imagem das suas colegas e das mulheres em geral, inclusive da professora e da pesquisadora presente, dando-lhes a alcunha de interesseiras e manipuladoras, e sem temer nenhuma punição por isso, como de fato, não ocorreu.

Enfim, entre homens e mulheres, a média geral daqueles que responderam já terem sido alvos de assédio ficou em 14% e 24% respectivamente. Os cursos campeões em percentual de alunas assediadas são: Engenharia Elétrica, Filosofia, Hotelaria, Química Industrial, Oceanografia e Teatro. Uma das alunas de Teatro disse durante a fase de coleta de dados:

“Isso acontece o tempo todo. O povo acha que somos atrizes e que nesse meio é tudo liberado, que aceitamos tudo e que não temos critério e nem pudor.”

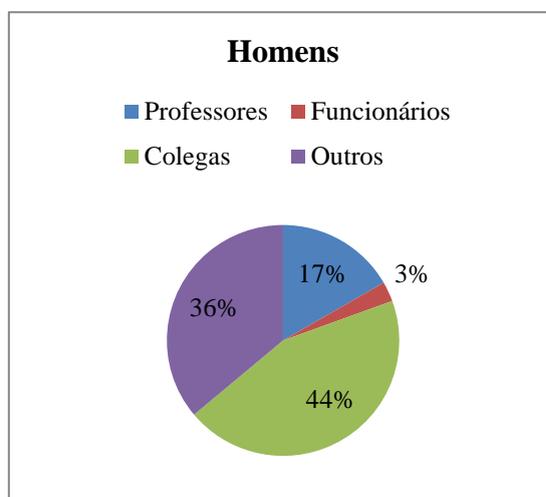
Já os cursos campeões em percentual de alunos assediados são: Oceanografia, Artes Visuais, Geografia, Pedagogia e Letras. O curso de Música apresentou 29% e ainda que não esteja na lista dos cinco maiores percentuais, não se afasta tanto destes. Destaca-se este curso, pois foi nele que um dos homens resolveu falar para a turma o que sentia:

“Que bom que foi perguntado aqui sobre assédio. Eu mesmo me sinto constantemente assediado por uma professora. Eu chego e ela passa a mão no meu corpo, me fala coisas. Eu não gosto, mas como homem se eu falar algo ninguém dá valor.”

A resposta da turma para o relato do colega comprovou os seus temores, pois foi um riso generalizado, como se ele estivesse brincando. Foi possível notar que o semblante dele se manteve sério, demonstrando que não se tratava de uma brincadeira. Então, problematizou-se “Vocês percebem que estão sorrindo de algo que pra ele parece ser sério? Se fosse uma mulher fazendo o mesmo depoimento sobre um professor, o riso também seria a resposta?” Todos ficaram calados. Após todos responderem a pesquisa, iniciou-se uma breve discussão sobre o tema, motivada pela professora presente em sala de aula e pela curiosidade dos alunos sobre o tema do estudo.

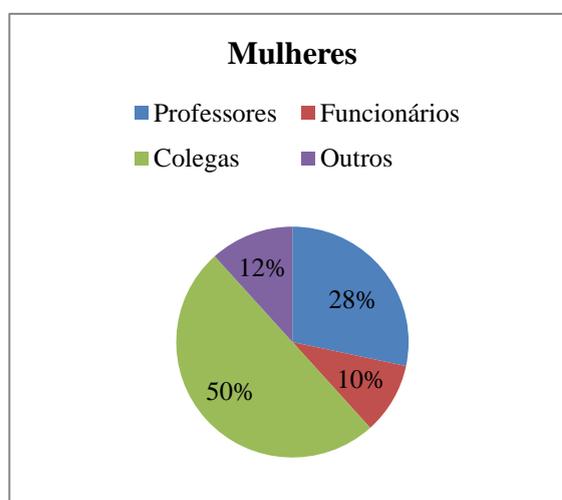
Questionou-se também sobre os autores dos assédios. As opções de respostas eram: () Professores () Funcionários () Colegas () Outros. No caso da opção “outros” existia a possibilidade de escrever sobre a autoria do assediador. Assim, os dados obtidos são expressos nos gráficos a seguir:

Gráfico 11: Autores do assédio contra os homens:



Fonte: Nossa autoria.

Gráfico 12: Autores do assédio contra as mulheres.



Fonte: Nossa autoria.

Os dados demonstram que o assédio partiu, na maioria das vezes, pelos próprios colegas de curso, independentemente do sexo. Os homens são assediados por colegas, outros (não foram listados quem seriam esses outros), professores e, por último, por funcionários. As mulheres são assediadas por colegas, professores, outros (também não listados) e por funcionários.

Observa-se que com relação aos assédios por parte dos docentes, 28% foi marcado no caso das mulheres e apenas 17% no caso dos homens. Se for realizado um exercício de reflexão, a média diz que uma em cada quatro mulheres deste estudo já foi assediada, e em 28% destes casos, o assediador é um dos próprios professores.

Pinto, Amorim e Carvalho (2016) realizaram pesquisa em uma instituição de ensino superior, também localizada no nordeste do país, como é o caso desta. A intenção das autoras foi a de avaliar o ingresso e as condições de permanência de mulheres no curso de Física, área das ciências exatas, logo, um reduto masculino. Foram entrevistadas nove mulheres que eram ou já tinham sido acadêmicas do curso de Física. Os principais resultados de seu estudo foram: a) Todas as mulheres entrevistadas demonstraram gostar da área das Ciências Exatas, ou seja, escolheram o curso por livre vontade, por ter real interesse no curso. b) Em decorrência da predominância de homens no curso, as alunas alegaram dificuldade para relacionar-se com os colegas e conseqüente solidão. c) Desistência do curso por não se considerarem inteligentes o suficiente para a sua conclusão ou para ter sucesso profissional na área posteriormente à sua formação. d) Para serem aceitas pela turma como iguais, como colegas, deveriam ter desempenho acadêmico muito superior aos dos homens. Quando isso ocorria, a capacidade intelectual era contestada sob alegação de que estariam tendo ajuda em troca de favores sexuais.

Da parte dos professores, além da discriminação velada em forma de ajudas extras às estudantes, ou de destaque do êxito feminino como exceção, ocorria discriminação explícita através do assédio sexual e ainda preconceito contra a mulher grávida ou mãe, considerada incapaz de ter êxito nos estudos. (PINTO, AMORIM E CARVALHO, 2016, p.28)

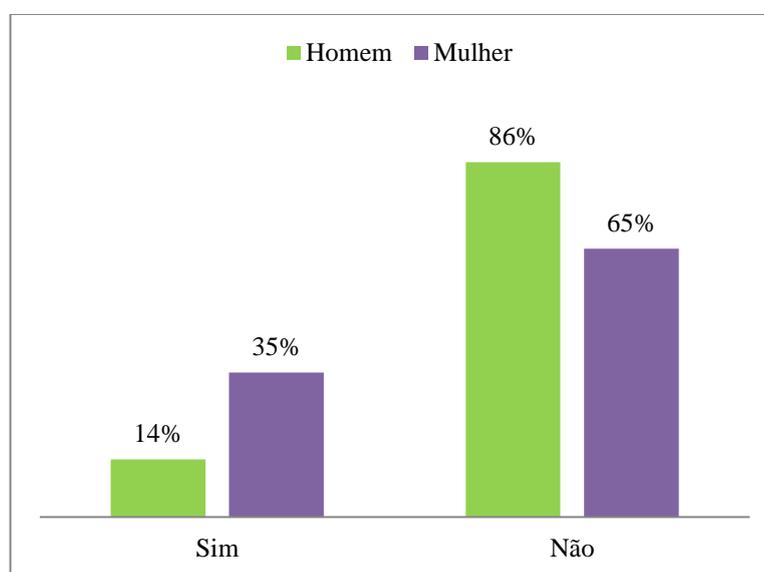
As mulheres participantes do estudo de Pinto, Amorim e Carvalho (2016) eram alunas do curso de Física, um curso da área das Ciências Exatas, logo, de domínio masculino. Muitas delas denunciaram para as pesquisadoras o assédio que sofriam por parte dos docentes e colegas. Uma das meninas disse que “numa sala com 40 homens é assustador, você fica apavorada, os homens ficam fazendo piadinhas, dando cantada em você, isso me deixa sem graça”. A outra lembrou momentos onde o assédio por parte dos docentes foi tão grande e frequente que foi isso que a motivou a desistir do curso.

A atitude de abrir mão de espaços em decorrência da violência advinda do assédio é bastante comum, pois em geral, quando as mulheres se posicionam contrariamente a essa prática, são vistas não como vítimas, mas como parte do processo, quase como responsáveis pelo assédio que sofrem.

As razões para justificar isso se fazem presentes em frases do tipo “Mas também, olha o tamanho do short dessa menina!”, “Ela gosta, olha como ela nem reage”, “Ela se insinua e depois reclama”. Grossi (1994) aponta como fato frequente, o ato da própria vítima ser responsável por deixar espaços em casos onde é assediada, sob pena de ser intimidada até fazer isso, como por exemplo, nas relações no mercado de trabalho.

Questionou-se também sobre o assédio no transporte coletivo que faz a linha entre o campus e o centro da cidade. O Gráfico 13, expressa os dados obtidos.

Gráfico 13: Assédio no transporte coletivo.



Fonte: Nossa autoria.

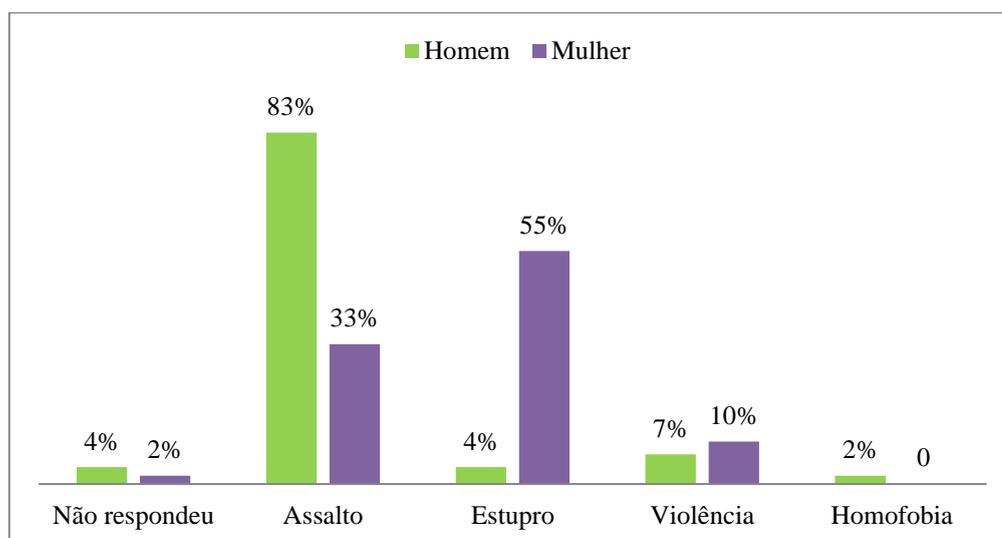
Neste caso, o percentual é relacionado ao número total de participantes do estudo. Assim, 14% correspondem a 30 homens, enquanto que 35% correspondem a 90 mulheres, ou seja, uma em cada três participantes deste estudo já foi assediada no ônibus que faz o trecho universidade-centro da cidade. Os homens também denunciam abusos sexuais no ônibus, mas em número bem menor do que as mulheres. A comunidade acadêmica da UFMA é atendida pela empresa Taguatur Transportes, responsável pelas linhas Campus/Integração e Campus/Deodoro, os famosos 311 e 305 respectivamente. Quem utiliza os ônibus com frequência, sabe que apesar de não demorarem a passar, estão com lotação máxima na maioria das vezes, o que facilita as situações de assédio e roubos no interior dos coletivos. No dia 22 de agosto de 2016, uma estudante da UFMA utilizou seu perfil no Facebook para denunciar uma situação que vivenciou no ônibus do Campus:

“Hoje, voltando da UFMA, aconteceu comigo o que eu só via acontecer com outras meninas e sentia nojo, mas nunca o desespero e a sensação de impotência que senti. Peguei o Campus sentido Terminal Praia Grande, e sentei com um colega ao meu lado. Um homem sentou na cadeira de trás sozinho. Umas paradas depois o meu colega desceu e eu fiquei só. O homem que estava atrás começou a se masturbar e falar coisas como “gostosa”, “princesa” e eu fingindo que não estava ouvindo. Tomei coragem e troquei de lugar, e ele trocou também, de modo que ele pudesse ficar quase que de frente pra mim. A minha parada já estava próxima e vi que uma senhora se levantou e deu sinal de parada. Levantei junto com ela para ir para a parte de trás do ônibus e ele se levantou junto. Me bateu um desespero, uma sensação de pânico, mas ele sentou-se atrás e continuou a se tocar. Quando desci ele ainda me chamou de “putinha gostosa”, novamente! Eu desci do ônibus e desabei de chorar. Não desejo isso pra ninguém. Estou até agora sentindo nojo, medo, desespero...Eu que sempre falei que se isso acontecesse comigo iria armar o maior barraco, não tive coragem nem de falar, apenas baixar a cabeça e torcer para que nada pior acontecesse comigo. Deixo aqui meu relato em forma de alerta. Meninas, tentem não andar sozinhas, se protejam e protejam as suas!”

Foi realizado contato com essa estudante vítima de assédio e a mesma atendeu o pedido por maiores detalhes, todavia, relatou o incômodo em falar sobre o ocorrido, pois segundo ela, isso ainda é motivo de sofrimento. De acordo com ela, na semana seguinte deu entrevistas sem se identificar, fez boletim de ocorrência, muita gente compartilhou sua história nas redes sociais, mas a mesma não teve nenhum tipo de retorno. Em entrevista concedida ao jornal O Estado em 24 de agosto do mesmo ano, a estudante revela: *“Eu me sinto sim, insegura todos os dias, principalmente quando ando sozinha. O pior é que depois da minha publicação, apareceram alguns homens deslegitimando meu relato. Isso é que me dói mais”*.

Após o relato da estudante, outras mulheres que estudam na instituição demonstraram apoio e também relataram casos onde algo semelhante ocorreu com elas durante o caminho até a universidade. O que remete ao próximo questionamento “Você tem medo de voltar sozinho (a) para casa quando sai da universidade?”. Os resultados foram: 70% das mulheres responderam que tem medo, enquanto o percentual masculino ficou em 58%. Sentir esse medo é entendido como algo natural, pois os índices de violência estão alarmantes em todo país. A diferença está no tipo de medo presente entre homens e mulheres:

Gráfico 14: Tipo de medo ao voltar sozinho (a) para casa.



Fonte: Nossa autoria.

Estes dados dizem respeito às pessoas que responderam sentir medo. Observa-se que enquanto os homens (83%) sentem medo de serem assaltados, a maioria das mulheres (55%) sente medo de ser estuprada. Ou seja, na volta para casa, homens tem medo de perder a carteira, a mochila, o celular, entre outros, enquanto que as mulheres tem medo de perder a dignidade humana.

Obviamente, esses dados não dizem respeito apenas sobre a realidade universitária, afinal, o medo do assalto, do estupro, da morte, é um medo real e cotidiano para todos os contextos. O que se evidencia nesse caso é a resistência das mulheres em continuarem frequentando espaços onde também podem ser vítimas a qualquer tempo desse tipo de violência cruel. E são!

No breve espaço de tempo entre 31 de março e 3 de abril de 2017, foram denunciados dois casos de estupro no interior da UFMA. O primeiro deles ocorreu durante uma festa organizada sem o consentimento da reitoria (festas nas dependências da instituição estão proibidas desde 5 de agosto de 2016, quando Kelvin Rodrigues Ribeiro, estudante do curso de BCT foi morto com golpes de faca em um banheiro localizado no Centro de Ciências Humanas, durante uma festa). Assim sendo, a vítima do estupro ocorrido na festa relatou no boletim de ocorrência que por volta das 22h30min foi abordada por um homem que a estuprou. Após quatro dias, em 03 de abril de 2017, outra universitária foi estuprada no campus da UFMA. Dessa vez, a estudante não estava em uma festa, mas dentro do ônibus, no qual foi abordada por um menor de idade armado que a retirou do coletivo e a levou para um matagal próximo ao prédio Paulo Freire onde cometeu o crime.

Notícias de estupros nos campi das universidades do Brasil inteiro são veiculadas pela mídia com frequência. Apenas no ano de 2017, além da UFMA, já houve denúncias de estupros na Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, na Universidade Positivo de Curitiba e na Universidade Federal de Goiás, nesta última instituição o estupro seria um professor do curso de Medicina Veterinária.

Após os estupros na UFMA, muitas alunas organizaram um protesto para pedir por mais segurança no campus, e pelo fim de todo tipo de violência contra as mulheres. Após, todos os cartazes utilizados foram colados pelas paredes da instituição. Um deles dizia: “Professor, suas piadas machistas não são engraçadas”.

O cartunista Laerte, no documentário “O riso dos outros” disse “O humor dialoga com os preconceitos das pessoas”.

5. DELIBERAÇÕES FINAIS

O estudo demonstrou que o discurso biológico que busca justificar as diferenças sociais entre homens e mulheres ainda é bastante presente nos dias atuais, mas que já há uma tendência, principalmente pelos estudos feministas de problematizar essa situação apontando os condicionantes sociais como desencadeadores de condutas sexistas e, conseqüentemente, da manutenção da desigualdade de poder entre homens e mulheres.

A partir dos resultados foi possível concluir, que tanto homens quanto mulheres podem ser sexistas, mas o contrário também é uma premissa verdadeira, quando demonstra que entre ambos os sexos já há conscientização sobre a importância das quebras de estereótipos de gênero. A classe social não foi fator determinante para indicar a presença de sexismo, e isso vai de encontro aos estudos da área que vem apontando o nível educacional e de cultura como os principais desencadeadores de preconceitos de toda ordem.

Assim sendo, o entendimento passa a ser de que não se trata de quanto dinheiro existe na conta bancária, mas de quanta cultura se faz presente em cada pessoa, pois se associa o nível cultural e de educação mais elevado a uma probabilidade maior de compreensão do mundo, por múltiplos olhares que dialoguem entre si e não apenas por dogmas prontos que se concretizam em preconceitos e discriminações de toda sorte.

As pessoas mais religiosas, principalmente as católicas, se demonstraram mais sexistas enquanto que aquelas “sem religião” demonstraram índices de preconceito menor. Levando em conta que a maioria da população é católica e o poder que o catolicismo sempre possuiu sobre a construção das identidades, essa é uma conclusão esperada. Todavia, esses resultados não se preocupam em apontar as pessoas religiosas como automaticamente mais sexistas, mas que dentre esse grupo a probabilidade para que o sejam é maior.

Atualmente o discurso entre direita e esquerda é feroz, mas os resultados apontam que embora a direita tenha adeptos mais conservadores, na esquerda também existem pessoas interessadas na manutenção da hierarquia entre os sexos. Hipotetiza-se que em um ambiente não universitário onde a tendência da população não fosse o alinhamento à esquerda, os números de sexistas de direita seriam maior, mas não se abandona a ideia de que os de esquerda se manteriam presentes. Logo, a posição política parece ter mais efeito nos posicionamentos econômicos do que no que concerne às lutas feministas por igualdade entre os sexos.

Os mais sexistas foram também aqueles que mais rejeitaram o feminismo, e isso também pode parecer uma conclusão óbvia, mas não se for levado em conta o fato de que o sexismo destes foi mensurado a partir de conotações do sexismo benévolo, logo, estes não rejeitam o feminismo por julgarem existir igualdade entre os sexos, mas sim, porque são desejosos da manutenção dos estereótipos de gênero.

Dentro da Universidade, espaço onde atitudes sexistas não deveriam ocorrer, constatou-se que ainda são frequentes os trotes, que envolvem atos preconceituosos, principalmente machistas, as piadinhas dentro da sala de aula e os constrangimentos por ser mulher ou por ser homem em espaços onde não são considerados adequados para seu sexo. Os homens aparecem como vítimas de preconceito em espaços considerados femininos, mas as mulheres são vítimas do mesmo preconceito, tanto em espaços onde elas “não deveriam estar”, como ambientes masculinos, como, também, nos próprios lugares “destinados” para seu sexo.

Constatou-se então, a presença de sexismo entre os universitários, tanto em nível de percepções como em vivências dentro do ambiente acadêmico, e isso é, aparentemente, uma grave constatação, pois se hipoteticamente o sexismo diminui com o nível de instrução, observá-lo no ambiente universitário é sinal de que nos demais ambientes este estará presente em nível mais elevado.

Importante ressaltar que as fronteiras que limitam o que é “de homem” e o que é “de mulher” são culturais justamente por se mostrarem flexíveis e dinâmicas ao longo dos tempos e espaços, ou seja, o que hoje é considerado masculino amanhã pode ser considerado feminino e vice-versa. Logo, não há razão que justifique a manutenção dessas fronteiras quando estas atuam limitando a vida de homens e mulheres através de preconceitos diversos.

A abordagem quantitativa utilizada neste estudo permitiu compreender a realidade através de nuances específicas, que se esconderiam nas generalizações dos discursos qualitativos. O método empregado para a inferência de sexismo foi validado devido aos índices semelhantes que foram obtidos entre este estudo e os demais estudos recentes sobre sexismo, portanto, parece útil para ser aplicado em outros contextos e com outros questionamentos. Apesar do uso da abordagem quantitativa, não é intenção deste estudo a de promover generalizações, mas sim, olhar para a realidade, mensurá-la e com isso, dar suporte para novas investigações que se façam necessárias. Formiga (2011) diz que para enfrentar o sexismo, é preciso, antes de tudo, conhecer a sua dimensão. Assim sendo, um primeiro passo, no que concerne aos estudos sobre essa temática no ensino superior, foi dado.

REFERÊNCIAS

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **Sejamos todos feministas**. Companhia das Letras, 2012.

ALMEIDA VIEIRA, Kyara Maria de. **Por uma “produção histórica”**: teatro e homossexualidade em Campina Grande/ PB (1960-1980). 2009. <http://anais.anpuh.org/wp-content/uploads/mp/pdf/ANPUH.S25.0780.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

ALMEIDA, Miguel Vale; et al. Gênero, masculinidade e poder. **Anuário antropológico**, n. 95, p. 161-189, 1996.

ALVES, J. E. D; CAVENAGHI, S. M.; **Indicadores de desigualdade de gênero no brasil. mediações-revista de ciências sociais**. v. 18, n. 1, p. 83-105, 2013.

ANDRADE, Leila Minatti; A piada levada a sério. **VII Simpósio sobre Formação de Professores**. Tubarão – SC. 2015. Disponível em: http://linguagem.unisul.br/paginas/ensino/pos/linguagem/eventos/simfop/artigos_VII%20sfp/Leila_Andrade.pdf. Acesso em: 23 ago. 2017.

ARAÚJO, D; **As palavras e seus efeitos**: o sexismo na publicidade. Dissertação de Mestrado. Porto Alegre, PUCRS, 2006.

ARAÚJO, Ulisses F. **A construção social e psicológica dos valores**. Educação e valores: pontos e contrapontos. São Paulo: Summus, p. 17-64, 2007.

ARONOVICH, Dolores Agüero; **O óbvio**: homens de esquerda também são machistas. 2016. Disponível em: <http://escrevalolaescreva.blogspot.com.br/2016/12/o-obvio-homens-de-esquerda-tambem-sao.html>. Acesso em: 23 ago. 2017.

ARONOVICH, Dolores Agüero; Meu nome é Lola. E estou ameaçada de morte por ser feminista. Matéria publicada no blog do Sakamoto em 2015. Disponível em: <https://blogdosakamoto.blogosfera.uol.com.br/2015/11/08/meu-nome-e-lola-e-estou-ameacada-de-morte-por-ser-feminista/> Acesso em: 23 ago. 2017.

AVON/INSTITUTO, DATA POPULAR. Percepções dos homens sobre a violência doméstica contra a mulher. 2013. Disponível em: <http://www.compromissoeatitude.org.br/wpcontent/uploads/2013/12/folderpesquisa_instituto22x44_5.pdf> Acesso em: 10 fev. 2015.

BANDEIRA, L; **Três décadas de resistência feminista contra o sexismo e a violência feminina no Brasil**: 1976 a 2006. Sociedade e Estado. Brasília. V.24. Nº2. P.401 – 438, maio/ago. de 2009.

BEAUVOIR, Simone. **O segundo sexo**: fatos e mitos. São Paulo: Difusão Européia do Livro, 1970.

BELO, R. P; GOUVEIA, V. V; RAYMUNDO, J. S; MARQUES, C. M. C. Correlatos valorativos do sexismo ambivalente. **Psicologia: Reflexão e Crítica**. 18 (1). P. 7 – 15. 2005.

BELOTTI, Elena Gianini. **Educar para a submissão: O descondicionalismo da mulher.** Editora Vozes. Petrópolis – RJ. 1985.

BENDA, Laura Rodrigues; **Não há nada mais parecido com um machista de direita do que um machista de esquerda.** 2017. Disponível em: <http://justificando.cartacapital.com.br/2017/01/18/nao-ha-nada-mais-parecido-com-um-machista-de-direita-que-um-machista-de-esquerda2/>. Acesso em: 23 ago. 2017.

BENTO, B. Na escola se aprende que a diferença faz a diferença. **Estudos Feministas**, v. 19, n. 2, p. 548-559, 2011.

BILENKY, Thais. Reação de alunos faz professores pararem com piadas homofóbicas de cursinho. **Folha de São Paulo.** São Paulo, ago. 2014. Disponível em: <http://www1.folha.uol.com.br/educacao/2014/08/1498195-reacao-de-alunos-faz-professores-pararem-com-piadas-homofobicas-de-cursinho.shtml>. Acesso em: 23 ago. 2017.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação Masculina.** Tradução de Maria Helena Kühner. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

BRASIL, Lei nº 7.716 de cinco de janeiro de 1989. Brasília – DF, 1989. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/L7716.htm. Acesso em: 23 ago. 2017.

BRASIL. **Constituição da República Federativa do Brasil.** Brasília, DF: Senado Federal: Centro Gráfico, 1988. 292 p.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. Parâmetros Curriculares Nacionais: terceiro e quarto ciclos: apresentação dos temas transversais. Brasília: MEC/SEF, 1998

CAMILO, A. Do trote universitário como atentado aos direitos da personalidade do acadêmico. XIX Encontro Nacional do CONPEDI. **Anais do XIX Encontro Nacional do CONPEDI.** Fortaleza, 2010.

CAPITINI, L. D. P; **Percepções sobre sexismo no trabalho: um estudo comparativo de Portugal e Moçambique.** Dissertação de Mestrado. Universidade do Porto. 2013.

CARRARA, Sérgio; VIANNA, Adriana RB. “Tá lá o corpo estendido no chão...”: a Violência Letal contra Travestis no Município do Rio de Janeiro. **Physis-Revista de Saúde Coletiva**, v. 16, n. 2, 2006.

CARVALHO, C. S; LEITE, L. C. B; Eu machista: Retratos de um preconceito. Repositório Uniceub. Brasília. 2014. Disponível em: <http://repositorio.uniceub.br/bitstream/235/5011/1/21054289.pdf> Acesso em: 10 Fev.2015.

CARVALHO, et al. **Direitos humanos das mulheres e das pessoas LGBTQI: Inclusão da perspectiva sexual e de gênero na educação e na formação docente.** Editora UFPB, João Pessoa – PE, 2016.

CASTRO, R. P; “**O homem pode tudo**”... “**A mulher é um sexo inferior!**” – Discutindo sexismo, machismo e violência contra as mulheres na formação em pedagogia. In: IV SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE EDUCAÇÃO SEXUAL: Feminismos, identidades de gênero e políticas públicas. 2015. Acesso em: 01 Mar. 2016.

CONJUR, Consultor Jurídico. Advogadas do RJ recebem 25% menos que homens e tem ascensão mais lenta. 2017. Disponível em: <http://www.conjur.com.br/2017-mar-08/advogadas-rio-janeiro-recebem-25-homens>. Acesso em: 23 ago. 2017.

COSTA, P. A; OLIVEIRA, R; PEREIRA, H; LEAL, I; **Adaptação dos inventários de Sexismo Moderno para Portugal: o Inventário de Sexismo Ambivalente e o Inventário de Ambivalência em relação aos homens.** Psicologia: Reflexão e Crítica, 28 (1), P. 126 – 135. 2015.

CRAVEIRO, Adriéli Volpato; MACHADO, Jéssica Gomes do Vale Cabrerisso. **A predominância do sexo feminino na profissão do Serviço Social: uma discussão em torno desta questão.** 2011. GT7- Gênero e Trabalho – Coordenação: Cássia Maria Carloto. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/gpp/pages/arquivos/jessica.pdf> Acesso em: 23 ago. 2017.

CROCHIK, José Léon; **Preconceito e Educação Inclusiva.** Brasília: SDH/PR, 2011.

DEL PRIORE, M; **A mulher na história do Brasil.** 3ª Edição. São Paulo – SP, Editora Contexto, Coleção Repensando a história. 1992.

DIAS, Isabel et al. Violência Contra as Mulheres no Trabalho. O caso do assédio sexual. **Sociologia, problemas e práticas**, nº 57, 2008. Disponível em: <https://repositorio-iul.iscte.pt/bitstream/10071/1201/1/Soc57IDias.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

DURKHEIM, Emile; **O que é fato social.** As regras do método sociológico, v. 6, 1978.

FERREIRA, Mary; BORGES, Elinielle Pinto; BORGES, Luís Cláudio. Mercado de trabalho e a desigualdade de gênero na profissão da (o) bibliotecária (o). **Biblionline**, 2011.

FERREIRA, Maria Luísa Ribeiro. **Descartes, as Mulheres e a Filosofia.** In: O que os filósofos pensam sobre as mulheres. Org. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2010.

FILHO, M. M; EUFRÁSIO, C; BATISTA, M. A; **Estereótipos de Gênero e Sexismo Ambivalente em adolescentes masculinos de 12 a 16 anos.** Saúde Soc. São Paulo. V.20. Nº3. P. 554 – 567. 2011.

FORMIGA, N. S. **Estrutura fatorial do inventário de sexismo ambivalente a partir da análise dos eixos principais.** Psicólogo Informação, 9 (9), 09-28. 2005.

FORMIGA, N. S., GOUVEIA, V. V. & SANTOS, M. N. **Inventário de sexismo ambivalente: sua adaptação e relação com o gênero.** Revista Psicologia em estudo, 7 (1), 105-111. 2002.

FORMIGA, N. S; ARAÚJO, T. T. V; CAVALCANTE. **A manutenção da discriminação feminina no contexto brasileiro: um estudo sobre a fidedignidade do sexismo ambivalente.** Estudos e Pesquisas em Psicologia. UERJ, RJ. Ano 7. N.º1. 1º semestre de 2007.

FORMIGA, N. S; Inventário do sexismo ambivalente em brasileiros: sua acurácia estrutural. **Salud e Sociedad.** V.2. N.º2. P. 192 – 201. mai – ago de 2011.

FORMIGA, N. S; NETA, A. B. S; **Precisão preditiva das novas formas de sexismo a partir das orientações valorativas em brasileiros.** Psico. V.40. N.º2. P. 174 – 183, Abr. – Jun. 2009

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir: nascimento da prisão;** Tradução de Raquel Ramallete. Editora Vozes, Petrópolis - RJ, 1987.

GENTIL, Heloisa Salles; Pesquisa Educacional: Quantidade – Qualidade. **Revista da Faculdade de Educação.** 2011. Disponível em: http://www2.unemat.br/revistafaed/content/vol/vol_15/artigo_15/177_183.pdf. Acesso em: 23 ago. 2017.

GGB, Grupo Gay da Bahia. **Assassinatos de LGBT no Brasil: Relatório 2016.** 2016. Disponível em: <https://homofobiamata.files.wordpress.com/2017/01/relatc3b3rio-2016-ps.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

GLICK, P. & FISKE, S. T. **The Ambivalent Sexism Inventory:** Differentiating hostile and benevolent sexism. *Journal of Personality and Social Psychology*, 70(3), 491-512. 1996.

GLICK, P., & FISKE, S. T. **The Ambivalence toward Men Inventory:** Differentiating hostile and benevolent beliefs about men. *Psychology of Women Quarterly*, 23, 519-536. doi:10.1111/j.1471-6402.1999.tb00379.x. 1999.

GOFFMAN, E; **A Representação do Eu na Vida Cotidiana.** Tradução de Maria Célia Santos Raposo. 17ed. – Editora Vozes, Petrópolis - RJ, 2009.

GOUVEIA, V. V. **La naturaleza de los valores descriptores del individualismo y del colectivismo:** Una comparación intra e intercultural. Tese de Doutorado não-publicada, Faculdade de Psicologia, Universidade Complutense de Madri. Madri, Espanha. 1998

GUIMARÃES, N. A; **Os desafios da equidade: reestruturação e desigualdades de gênero e raça no Brasil.** *Cadernos Pagu.* (17/18) p. 237 – 266. 2001/2002.

GATTI, Bernadete; **Estudos Quantitativos em Educação.** 2004. **Educação e Pesquisa.** Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v30n1/a02v30n1>. Acesso em 23 ago. 2017.

GUNTHER, Hartmut; **Pesquisa Qualitativa versus Pesquisa Quantitativa:** Esta é a questão? 2006. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ptp/v22n2/a10v22n2>. Acesso em 23 ago. 2017.

HADDAD, Ana Estela et al. **Formação de profissionais de saúde no Brasil: uma análise no período de 1991 a 2008.** **Revista de Saúde Pública,** 2010.

HARDY-VALLÉE, B; **Que é um conceito?** São Paulo – SP. Editora Parábola, 2013.

HIRATA, Helena; KERGOAT, Danièle. Novas configurações da divisão sexual do trabalho. **Cadernos de pesquisa**, v. 37, n. 132, p. 595-609, 2007.

IBGE, Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. **CENSO**. Disponível em:< <http://www.censo2010.ibge.gov.br/>>. Acesso em: 23. ago. 2017.

INEP; Portal do Ministério da Educação. **Educação superior: Maioria feminina em ingresso e conclusão nas universidades**. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/ultimas-noticias/212-educacao-superior-1690610854/21140-maioria-e-feminina-em-ingresso-e-conclusao-nas-universidades>. Acesso em: Jul. 2017.

KERNER, I; Tudo é interseccional? Sobre a relação entre racismo e sexismo. **Novos Estudos - CEBRAP**, n. 93, p. 45-58, 2012.

LÉON, M. **Poder y Empoderamiento de las Mujeres**. Bogotá: TM Editores, U.N. Facultad de Ciencias Humanas, 1997.

LUDKE, Menga; **Como anda o debate sobre metodologias quantitativas e qualitativas na pesquisa em Educação**. 1988. Disponível em: <http://publicacoes.fcc.org.br/ojs/index.php/cp/article/view/1185/1191>. Acesso em 23 ago. 2017.

MACHADO, Ana Flávia; OLIVEIRA, Ana Maria Hermeto; WAJNMAN, Simone; **Sexo frágil? Evidências sobre a inserção da mulher no mercado de trabalho brasileiro**. 2005. Disponível em: http://gelre.com.br/wp-content/uploads/2016/01/Estudo_Sexo_Fr%C3%A1gil1.pdf. Acesso em: 23 ago. 2017.

MACHADO, Raimunda Nonata da Silva; **Epistemologia feminista no cotidiano escolar**. In: Grupo de Pesquisa e Estudos sobre Mulher, Educação e Relações de Gênero – GEMGe. **Gênero em debate: construindo e compreendendo a teoria feminista no cotidiano escolar** – São Luís – MA. Edufma, 2008.

MADUREIRA, A. F. A; **Gênero, sexualidade e diversidade na escola: a construção de uma cultura democrática**. Tese (Doutorado). Universidade de Brasília. 2007. Disponível em: < <http://repositorio.unb.br/handle/10482/1610>> Acesso em: 23 ago. 2017.

MARÔCO, João. Análise estatística com o SPSS Statistics. **ReportNumber**, 2011.

MELO, M. C. M. A; **Gênero e universidade: a presença da mulher aluna nos cursos do Centro de Ciências Exatas e Tecnologia da Universidade Federal do Maranhão**. Dissertação de Mestrado. UFMA. 2013.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. Laços perigosos entre machismo e violência. **Ciência & Saúde Coletiva**, v. 10, n. 1, 2005.

MURARO, Rose Marie; BOFF, Leonardo; **Feminino e Masculino: Uma nova consciência para o encontro das diferenças**. Rio de Janeiro – RJ. Sextante, 2002.

MURARO, R. M; **Acerca do conceito de gênero**. In: Mulher, Gênero e Sociedade. Rio de Janeiro – RJ. Editora Relume Dumará. FAPERJ, 2001.

NASCIMENTO, A. C; **O bonde do desejo: O movimento feminista no Recife e o debate em torno do sexismo (1927 – 1931)**. Estudos Feministas. Florianópolis. V.21. Nº1. Jan – Abr. 2013.

NOBRE, Andreia. **A cantada que você acha “engraçadinha” não é elogio. É assédio**. Geledés. Abr. 2016. Disponível em: <https://www.geledes.org.br/cantada-que-voce-que-voce-acha-engracadinha-nao-e-elogio-e-assedio/>. Acesso em: 23 ago. 2017.

NOVA ESCOLA, Revista. Capa de NOVA ESCOLA sobre gênero tem repercussão recorde. 2015. Disponível em: <http://revistaescola.abril.com.br/formacao/capa-novaescola-genero-tem-repercussao-recorde-redes-sociais-836203.shtml?page=0>. Acesso em: 20. Fev. 2015.

NUNES, Iran de Maria Leitão; **Gênero e escola não sexista: O olhar dos/as docentes-alunos/as do PARFOR no Maranhão**. 17º Encontro Nacional da Rede Feminista e Norte e Nordeste de Estudos e Pesquisa sobre a Mulher e Relações de Gênero. UFPB. 2012. Disponível em: <http://www.ufpb.br/evento/lti/ocs/index.php/17redor/17redor/paper/view/333/229>> Acesso em: 10. Fev. 2015.

ODELIUS, Catarina Cecília; CASTRO SENA, André de. Atuação em grupos de pesquisa: competências e processos de aprendizagem. **Revista de Administração FACES Journal**, v. 8, n. 4, 2009. Disponível em: <http://www.redalyc.org/html/1940/194014451002/>. Acesso em: 23 ago. 2017.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Consulta global sobre violência e saúde**. Genebra: 1996.

ONU. **Declaração Universal dos Direitos Humanos**. Disponível em: <http://unesdoc.unesco.org/images/0013/001394/139423por.pdf>. Acesso em: 10. Mar. 2016. 19h.

PAVAN, Ruth; Currículo, a Construção das identidades de gênero e a formação de professores. **Revista Contrapontos**, v. 13, n. 2, p. 102-109, 2013. Disponível em: <http://siaiweb06.univali.br/seer/index.php/rc/article/view/3824/2620>> Acesso em: 10. Fev. 2015.

PESTANA, Fernando. **A Gramática para Concursos Públicos**. 1ª Ed. Rio de Janeiro – RJ: Elsevier, 2013.

PINHEIRO COELHO, Maria Francisca. A esquerda ontem e hoje: o dilema entre igualdade e liberdade. **Sociedade e Estado**, v. 24, n. 2, 2008.

PINTO, Érica Jaqueline Soares; AMORIM, Valquíria Gila de; CARVALHO, Maria Eulina Pessoa de; Entre discriminação explícita e velada: Experiências de alunas de física na educação superior. **Diversidade e Educação**, v. 4, n. 8, p. 13-32, 2016.

PINTO, Maria José Vaz. **O que os filósofos pensam sobre as mulheres: Platão e Aristóteles.** In: O que os filósofos pensam sobre as mulheres. Org. Maria Luísa Ribeiro Ferreira. São Leopoldo – RS: Ed. UNISINOS, 2010.

POBREZA CULTURAL EXPLICA O MACHISMO. Mario Sérgio Cortella no programa “Mariana Godoy Entrevista”. 10’32. 2017. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=2MxvAKGStY8>. Acesso em: 23 ago. 2017.

PLAN BRASIL; **Por ser menina no Brasil:** Crescendo entre direitos e violências. 2013. Disponível em: <<http://plan-international.org/where-we-work/americas/brazil/sobre-a-plan-no-brasil/pesquisaporsermenina>> Acesso em: 10. Fev. 2015. 19h.

PORQUE SOU FEMINISTA. Simone de Beauvoir. 1975. Documentário. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=J-F2bwGtsMM>. Acesso em: 23 ago. 2017.

QUINTAS, F; **A mulher e a família no final do século XX.** Recife – PE. Editora Massangana, 2ª edição. 2005.

QUIVY, Raymond; CAMPENHOUDT, Luc Van. **Manual de investigação em Ciências Sociais.** Tradução de João Minhoto Marques, Maria Amália Mendes e Maria Carvalho. Gradiva. 1998.

RAMOS, A. O; GIGER, J. C; GOMES, A; SANTOS, J; GONÇALVES, G; **Escala de cavalheirismo paternalista:** Estrutura fatorial e correlatos com o sexismo ambivalente. Avaliação Psicológica. 12 (3). P.333 – 340. 2013.

RIBEIRO, D; **Para além da biologia:** Beauvoir e a refutação do sexismo biológico. V.4. Nº7. P. 506 – 509. Belo Horizonte: Sapere Aude, 2013. ISSN: 2177-6342.

RIOS, Roger Raupp. O conceito de homofobia na perspectiva dos direitos humanos e no contexto dos estudos sobre preconceito e discriminação. 2007. In: Rompendo o silêncio: homofobia e heterossexismo na sociedade contemporânea. Fernando Pocahy (Org.) – Porto Alegre: **Nuances**, 2007.

RODRIGUES, William Costa, et al. Metodologia Científica. **Faetc/IST. Paracambi**, p.2-20, 2007.

ROSLING, Hans; The Joy of Stats. [Documentário] Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=xLr68J2yDJ8>. Acesso em: 23 ago. 2017.

SAFFIOTI, Heleieth IB. Contribuições feministas para o estudo da violência de gênero. **Cadernos pagu**, n. 16, p. 115-136, 2001.

SANTOS, Izequias Estevan dos; **Manual de métodos e técnicas de Pesquisa Científica.** Niterói – RJ: Editora Impetus. 2015.

SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para a análise histórica. In: **Educação & realidade.** Porto Alegre, v.20, n.2. jul/dez, 1990. p. 71-99.

SILVA, Kelly. **Currículo, gênero e identidade na formação de professores/as**. [Dissertação de Mestrado] UFJF, 2011. Disponível em: <http://www.ufjf.br/ppge/files/2011/07/Curr%C3%ADculo-g%C3%AAnero-e-identidade-na-forma%C3%A7%C3%A3o-de-Professores-as.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2017.

SIQUEIRA, Vera Helena Ferraz de et al. Construções identitárias de estudantes de farmácia no trote universitário: questões de gênero e sexualidade. **Pro -Posições** v. 23, n. 2, p. 145-59, 2012.

SMIGAY, K. E. V; Sexismo, Homofobia e outras expressões correlatas de violência: desafios para a psicologia política. V.8, N.11, p.32-46. Belo Horizonte, **Psicologia em Revista**, 2002.

SPADONI, Joel Marcos et al. Sexismo no Ambiente Acadêmico-Profissional: Influências no bem-estar e na auto-estima. 2006.

SPSS; SPSS – **História corporativa**. Disponível em: <http://www.spss.com.hk/corpinfo/history.htm>. Acesso em: 23 ago. 2017.

STUDART, Heloneida. **Mulher – objeto de cama e mesa**. Editora Vozes. Petrópolis – RJ, 1982.

TELES, M. A. A; **Breve história do Feminismo no Brasil**. São Paulo – SP. Editora Brasiliense. 1993.

THURLER, A. L; Paternidade e deserção: crianças sem reconhecimento, maternidades penalizadas pelo sexismo. **Sociedade e Estado**, Brasília, v. 19, n. 2, p. 491-514, jul./dez. 2004.

TOMMASINO, Kimiye; JEOLÁS, Leila Sollberger. O trote como um ritual de passagem: o universal e o particular. **Mediações-Revista de Ciências Sociais**, v. 5, n. 2, p. 29-49, 2000.

TV SENADO. **O Brasil é o país que mais mata travestis e transexuais no mundo**. Debate na Comissão Mista de Combate à Violência contra a Mulher. Disponível em: <http://www.senado.leg.br/noticias/TV/Video.asp?v=440871>. Acesso em: 23 ago. 2017.

VARELLA, Dráuzio. **Diferenças de gênero**. Entrevista com José Salomão Schwartzman. 2012. Disponível em: <https://drauziovarella.com.br/entrevistas-2/diferencas-de-genero/>. Acesso em: 23 Ago. 2017.

VIANNA, Claudia et al. Meninas e meninos na Educação Infantil: uma questão de gênero e poder. **Cadernos Pagu**, n. 33, p. 265-283, 2009.

VILA NOVA, S; **Introdução à Sociologia**. 6ª edição. – São Paulo – SP. Editora Atlas, 2010.

WIKIPÉDIA. “**Sexismo**”. Disponível em: <https://pt.wikipedia.org/wiki/Sexismo>. Acesso em: 23 Ago. 2017.

ZUCCO, L; FRAZÃO, A; “Sexo pelo sexo” para homens e “sexo por amor” para mulheres. **Revista Em Pauta**, n. 28, p. 147-164, 2011.

APÊNDICES

APÊNDICE A INSTRUMENTO DE PESQUISA

SUA VIDA (Etapa 1)

1. Curso: _____.

2. Sexo: () Homem () Mulher

3. Idade: _____.

4. Financeiramente, você se considera:

- () Classe baixa
- () Classe média
- () Classe média alta
- () Classe alta

5. Você se considera religioso (a)? () Sim () Não

6. Qual sua religião? _____.

7. Politicamente, você diria que concorda mais com os ideais de quem?

- () Esquerda
- () Direita
- () Não sei
- () Outro. Qual? _____.

8. Você se considera:

- () Branco (a) () Preto (a) () Pardo (a) () Amarelo (a) () Indígena

9. Você se considera machista?

- () Sim () Não () Não sei.

10. Você se considera feminista?

- () Sim () Não () Não sei.

11. Qual a sua opinião sobre o movimento feminista?

- () Necessário () Desnecessário () Não sei.

SUAS PERCEPCÕES

(Etapa 2)

Diante dos itens apresentados, marque com “x” aquilo que em **sua opinião** é coisa de homem, de mulher ou de ambos.

Itens:	Homens	Mulheres	Ambos
1. Dirigir.			
2. Cozinhar.			
3. Racionalidade.			
4. Emoção.			
5. Objetos, roupas e acessórios na cor rosa.			
6. Objetos, roupas e acessórios na cor azul.			
7. Limpar a casa.			
8. Cuidar dos filhos.			
9. Estudar Ciências Exatas.			
10. Estudar Ciências Humanas.			
11. Estudar Ciências Biológicas.			
12. Estudar Ciências Agrárias.			
13. Estudar Ciências Sociais.			
14. Jogar futebol.			
15. Brincar de carrinhos.			
16. Brincar de casinha.			
17. Sair para beber com os amigos.			
18. Sair para dançar com os amigos.			
19. Tomar a iniciativa na paquera.			
20. Pagar a conta do restaurante.			
21. Pagar a conta do motel.			
22. Ser consumista.			
23. Ser econômico.			
24. Ser um líder.			
25. Usar maquiagem.			
26. Fazer as unhas.			
27. Usar saia.			
28. Usar calça.			
29. Cabelos curtos.			
30. Cabelos longos.			
31. Sustentar a casa.			
32. Gostar de sexo.			
33. Assistir filmes e vídeos eróticos.			
34. Sonhar com o casamento.			
35. Fazer fofoca.			
36. Gostar de crianças.			
37. Gostar de matemática.			
38. Gostar de português.			
39. Gostar de esportes.			
40. Dançar.			

VOCÊ E SEU CURSO

(Etapa 3)

1. Na sua concepção, quem tem mais chances de ser bem sucedido na sua profissão?
() Homens () Mulheres () Homens e Mulheres de maneira igual.
2. Alguém já disse que o curso que você faz é “coisa de homem” ou “coisa de mulher”?
() Sim, já disseram que é “coisa de homem”.
() Sim, já disseram que é “coisa de mulher”.
() Não, isso nunca aconteceu.
3. Sua capacidade profissional já foi colocada em dúvida por ser homem ou mulher?
() Sim, por ser mulher. () Sim, por ser homem. () Não.
4. Você já se sentiu constrangido (a) ou como se sua opinião fosse menos importante durante uma discussão em aula por causa do seu sexo?
() Sim, por ser mulher. () Sim, por ser homem. () Não
5. Você acredita que exista um sexo mais “adequado” para trabalhar na sua área?
() Sim, homens são melhores nesta área. () Sim, mulheres são melhores nesta área. () Não.
6. Você já foi assediado sexualmente dentro da universidade? () Sim () Não
Por quem: () Professores () Funcionários () Colegas () Outros.
_____.
7. Você já participou ou presenciou trotes na universidade que envolvessem atos machistas, racistas ou homofóbicos? () Sim () Não
8. Você já foi assediado sexualmente no transporte coletivo até a universidade?
() Sim () Não
9. Você tem medo de voltar sozinho (a) para casa quando sai da universidade?
() Não () Sim Qual é o seu medo? _____
10. Você já presenciou algum (a) professor (a) fazendo piadinhas preconceituosas na sala de aula?
() Sim, piadas racistas.
() Sim, piadas machistas / sexistas.
() Sim, piadas homofóbicas.
() Não.

Com que frequência isso acontece? () Raramente () Regularmente () Sempre

Qual a reação dos seus colegas diante disso? _____



APÊNDICE B

TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

Pesquisa: “O SEXISMO NO ENSINO SUPERIOR DO MARANHÃO”

O Senhor (a) está sendo convidado (a) a participar de uma pesquisa que tem o objetivo de investigar as percepções dos universitários e as implicações do sexismo no ensino superior. Esta é uma pesquisa em nível de Mestrado e que está vinculada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Maranhão. Este estudo não acarretará nenhum risco ou desconforto, mas algumas perguntas do questionário podem gerar certo constrangimento. Portanto, você poderá desistir de participar deste estudo a qualquer momento durante o procedimento, mesmo após já ter iniciado, e isso não lhe trará nenhum prejuízo. Todas as informações e os resultados serão guardados sob nosso sigilo, resguardando seu anonimato, assim como nossa ética profissional exige. Não haverá despesas pessoais para você em qualquer fase desta pesquisa. Também não haverá compensações financeiras relacionadas à sua participação. Os dados e o material coletado serão utilizados somente para fins científicos.

Eu, _____, aluno (a) do curso de _____ acredito ter sido suficientemente informado (a) a respeito da pesquisa, ficando claros para mim, quais são os propósitos do estudo e os procedimentos a serem realizados. Declaro que este formulário foi lido pelo Mestrando Felipe Bueno do Nascimento, enquanto eu estava presente:

(Assinatura)

Data: ___/___/2017

Telefone para contato:

Felipe Bueno do Nascimento (98) 98813-8217



APÊNDICE C

SOLICITAÇÃO DE ACESSO AOS DISCENTES

Ao (a) Coordenador (a) do Curso de _____.

Através deste, informamos-lhes sobre a pesquisa “O Sexismo no Ensino Superior do Maranhão” título da dissertação do Mestrando Felipe Bueno do Nascimento. O referido estudo faz parte do Programa de Pós-Graduação em Educação do Mestrado em Educação desta instituição, e está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero, coordenado pela Prof.^a Dra. Diomar das Graças Motta.

Solicitamos sua autorização para que o referido Mestrando possa coletar as informações com os alunos nas salas de aula.

Encontra-se em anexo uma síntese do projeto de pesquisa, assim como os instrumentos que serão utilizados na coleta e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido.

O parecer do Comitê de Ética em Pesquisa da UFMA ainda encontra-se em andamento.

Contando com a sua colaboração,

Atenciosamente,

Prof.^a Dra. Diomar das Graças Motta

(Orientadora)



APÊNDICE D

AUTORIZAÇÃO PARA ACESSO AOS DISCENTES

Ao (a) Professor (a) responsável,

Solicito sua colaboração para que o Mestrando Felipe Bueno do Nascimento, responsável pela pesquisa intitulada “O Sexismo no Ensino Superior do Maranhão” possa coletar as informações com os alunos na sala de aula. O referido estudo faz parte do Programa de Pós-Graduação em Educação do Mestrado em Educação desta instituição, e está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero, coordenado pela Prof.^a Dra. Diomar das Graças Motta.

O Mestrando apresentou a esta coordenação uma síntese do projeto de pesquisa, assim como os instrumentos que serão utilizados na coleta e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido, obtendo a autorização para acesso aos discentes deste curso.

Atenciosamente,

Coordenador (a) do curso de



APÊNDICE E

SOLICITAÇÃO DE INFORMAÇÕES INSTITUCIONAIS

Através deste, informamos-lhes sobre a pesquisa “O Sexismo no Ensino Superior do Maranhão” título da dissertação do Mestrando Felipe Bueno do Nascimento. O referido estudo faz parte do Programa de Pós-Graduação em Educação do Mestrado em Educação desta instituição, e está vinculado ao Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Educação, Mulheres e Relações de Gênero, e é orientado pela Prof.^a Dra. Diomar das Graças Motta.

Para que a referida pesquisa possa ser realizada, solicitamos sua colaboração para a obtenção dos seguintes dados:

- Total (quantitativo e descritivo) de cursos de graduação ofertados pela UFMA.
- Número de alunos matriculados atualmente em cada curso de graduação da UFMA.
- Sexo dos alunos (% percentual feminino e masculino) matriculados nos cursos de graduação da UFMA.

Encontra-se em anexo a autorização deste estudo, assinada pela Reitora Nair Portela Silva Coutinho.

Contando com a sua colaboração,

Atenciosamente,

Felipe Bueno do Nascimento – Responsável pelo estudo.

ANEXOS

ANEXO 1

AUTORIZAÇÃO DA REITORIA



UNIVERSIDADE FEDERAL DO MARANHÃO

Fundação Instituída nos termos da Lei nº 5.152, de 21/10/1966 - São Luís - Maranhão.

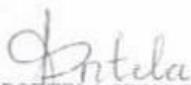
GABINETE DA REITORA

A U T O R I Z A Ç Ã O

Eu, Nair Portela Silva Coutinho, Reitora da Universidade Federal do Maranhão/UFMA, autorizo a realização do estudo "**O Sexismo e o Ensino Superior**", a ser conduzido pelas pesquisadoras abaixo relacionadas. Fui informada pela responsável do estudo sobre as características e objetivos da pesquisa, bem como das atividades que serão realizadas na instituição a qual represento.

Declaro ainda ter lido e concordar com o parecer ético emitido pelo CEP da instituição proponente, conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução CNS 466/12. Esta instituição está ciente de suas corresponsabilidades como instituição coparticipante do presente projeto de pesquisa e de seu compromisso no resguardo da segurança e bem-estar dos sujeitos de pesquisa nela recrutados, dispondo de infraestrutura necessária para a garantia de tal segurança e bem-estar.

São Luís (MA), 06 de março de 2017.


NAIR PORTELA SILVA COUTINHO
Reitora

Lista Nominal de Pesquisadores:

Bianca Bueno do Nascimento (Pesquisadora principal)
Dra. **Diomar das Graças Motta** (Orientadora da pesquisa)